



REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

GOVERNO REGIONAL

SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E RECURSOS HUMANOS

DIREÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO



MEMÓRIAS COM HISTÓRIA

2012

MEMÓRIAS COM HISTÓRIA

1ª Edição

FICHA TÉCNICA:

Título:

MEMÓRIAS COM HISTÓRIA

1ª Edição – 2012

Conceção, Projeto e Coordenação:

Direção Regional de Educação

Direção de Serviços de Educação Pré-Escolar e Ensino Básico

Nadina Mota

Coordenação do Ensino Recorrente: Anabela Chá-Chá;
Bernardina Pestana; Joaquim Conde e Luísa Januário.

Recolha, registo e autoria de textos:

- Alunos e Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico Recorrente

Colaboração:

Direção Regional dos Assuntos Culturais

Manuela Marques

Montagem:

Anabela Chá-Chá

Revisão:

Luísa Januário

Capa

A baía do Funchal vista do adro da Capela da Nazaré.

Guache, Max Römer, 1958

Edição

Governo Regional da Madeira

Secretaria Regional da Educação e Recursos Humanos

Direção Regional de Educação

ÍNDICE

Prefácio.....	9
Introdução.....	13
Adivinhas.....	15
Agricultura.....	20
Alimentação.....	22
Bailes.....	25
Cantigas.....	29
Cantigas Soltas.....	61
Ceifa.....	115
Contos.....	122
Crenças.....	126
Despique.....	131
Ditos.....	142
Emigração.....	145
Festividades.....	149
Natal.....	150
Reis.....	154
Santo Amaro.....	160
Carnaval.....	166
Páscoa.....	166
Espírito Santo.....	168
Santos Populares.....	171

Arraiais.....	183
São Martinho.....	186
De Produtos.....	189
Gado. Morte do Porco.....	189
Histórias.....	192
Jogos.....	220
Lendas.....	225
Lengalengas.....	228
Medicina Popular.....	230
Cura do Ar.....	231
Cura de Aberto.....	234
Cura do Mau-olhado.....	236
Cura de Erisipela.....	240
Cura do Bucho.....	241
Cura de Torcicolo.....	242
Remédios.....	242
Namoro.....	245
Ofícios.....	248
Orações.....	266
Oração da Noite.....	267
Oração Santa Bárbara.....	268
Oração pelos Filhos.....	270
Oração para benzer Quarto/Cama.....	271
Oração de Proteção.....	272
Oração da Paixão.....	274

Pesca.....	277
Provérbios.....	280
Regionalismos.....	282
Romances.....	287
Serra.....	299
Testemunhos ou Memórias.....	302
Vindimas.....	349
Colaboradores na recolha e registo dos textos.....	353
Índice de imagens.....	390

PREFÁCIO

A Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, adotada em Paris, no ano de 2003, pela Conferência Geral da UNESCO define como ““património cultural imaterial” os usos, representações, expressões, conhecimentos e técnicas -juntamente com os instrumentos, objetos, artefactos e espaços culturais que lhes são inerentes - que as comunidades, os grupos e em alguns casos os indivíduos reconheçam como parte integrante do seu património cultural. Este património cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é recreado constantemente pelas comunidades e grupos em função da sua envolvente, da sua interação com a natureza e com a sua história, inculcando-lhes um sentimento de identidade e de continuidade e contribuindo assim para promover o respeito pela diversidade cultural e pela criatividade humana.” (artigo 2; ponto 1)

O livro “Memórias com História”, resultante de quatro anos de recolha e registo dos testemunhos dos alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico Recorrente, é um dos melhores exemplos da transmissão do património cultural imaterial e da necessidade de salvaguarda do mesmo. O registo das memórias dos alunos do Ensino Recorrente

traz-nos usos, expressões e conhecimentos que fazem parte do património cultural madeirense.

Encontramos, ainda, muitas expressões e usos que eram transmitidos de geração em geração, de forma natural, mas que a evolução tecnológica, ligada aos objetos e ao espaço de desenvolvimento das atividades levou, paulatinamente, ao quebrar dessa transmissão. Vemos, por exemplo, partes de romances tradicionais que foram referidos como quadras, o que significa que, embora a transmissão e memória da expressão se tenha mantido, esta sofreu um desenquadramento da ação onde era desenvolvida como, por exemplo, os serões de fiar linho. Este facto mostra-nos a necessidade deste tipo de registos, que contribuem para o conhecimento e preservação do nosso património cultural imaterial.

Também as histórias de vida relatadas nos põem em contacto com costumes, objetos e formas de vida que, entretanto, desapareceram ou se modificaram, mas que contribuíram, indubitavelmente, para a identidade cultural das comunidades madeirenses.

Por todos estes aspetos, saudamos a publicação deste livro, cujo conteúdo faz parte integrante do património imaterial da Região, contribui para a

consciencialização da importância cultural do mesmo e constitui parte integrante da nossa identidade cultural.

Manuela Marques

Direção Regional dos Assuntos Culturais

INTRODUÇÃO

Os alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico Recorrente, em especial os mais idosos, possuem um conhecimento privilegiado da cultura popular madeirense. São tradições, lendas, histórias, vivências, cantigas, poesia popular que passaram de geração em geração e que estão guardados na memória destes alunos. Para que este património cultural ficasse registado, a Direção Regional de Educação propôs editar um livro compilador de memórias.

Assim, em meados do ano letivo 2008/2009 deu-se início ao projeto: *Memórias com História* com a fase de recolha e registo de material de cariz popular contando para tal com a preciosa colaboração dos professores na divulgação do projeto junto dos alunos.

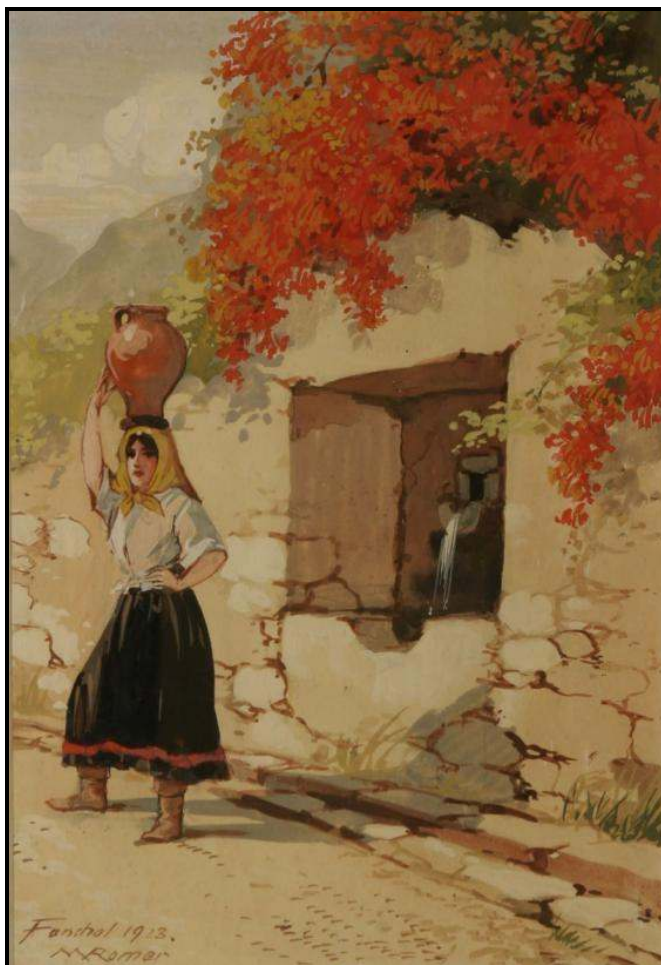
O livro *Memórias com História* representa 4 anos de recolha de material no âmbito do projeto, complementado com testemunhos de vida sobre a Madeira e Porto Santo de antigamente e poesia popular publicados nos diversos números do jornal on-line do ensino recorrente, ao longo dos 6 anos de existência d'*O Mensageiro do Recorrente*. Este livro contou, ainda, com a colaboração e a orientação da Direção Regional dos

Assuntos Culturais na seleção dos textos e poemas segundo os temas apresentados no livro.

Os verdadeiros protagonistas e responsáveis pela publicação deste livro são os alunos e professores dos cursos do 1º Ciclo do Ensino Básico Recorrente, em escolas e instituições da Região Autónoma da Madeira que, direta ou indiretamente, participaram neste projeto partilhando a sabedoria popular que são portadores. Por isso, a todos os colaboraram com o livro e entretanto já passaram ou estão a frequentar o ensino recorrente o nosso agradecimento sincero.

Direção Regional de Educação

Adivinhas



Em cima de ti me ponho
Em cima de ti me tenho
Deus me dê tanta força
Para meter o que tenho. (Bota)

Não é boina nem chapéu
Não é coisa de enfeitar
Mas é posto na cabeça
Porque é ali o seu lugar. (Dedal)

Zeringalho, zeringalhei
Entre as pernas te espetei
Jurei e bati
Sem fazer a minha não saiu daqui. (Porta)

Tenho armas não de fogo
Não me servem de proveito
Quando abro a boca
Lanço a que tenho no peito. (Castanheiro)

Rama que de mim sai
Mais formosa do que eu
Ele vai com quem a leva
Eu fico com quem me deu. (Castanha)

À meia-noite se levanta o freguês
Sabe das horas e não do mês
Tem serra e não é carpinteiro
Tem esporas e não é cavaleiro

Tem bico e não é pedreiro
Escava no chão e não acha dinheiro. (Galo)¹

Capinha sobre capinha
Capinha do mesmo pano
Nem que te deites à adivinha
Não adivinhas até ao ano. (Cebola)

Bate em mim
Bate em vós
Bate na saia
E bate no cóis. (Peneira)

Uma senhora bem assenhorada,
Apenas sai à rua está sempre molhada. (Língua)

Menina, vamos para a cama
Fazer o que Deus mandou,
Juntar pelo com pelo
Menina dentro ficou. (Menina do olho)

Pai redondo
Mãe comprida,
O avô é barbudo
Os filhos são miúdos. (O forno, a pá, varredor e o pão)

Diga lá senhor estudante
Que estuda filosofia
Qual o bichinho que voa

E dá leite quando cria. (Morcego)

Qual a coisa, qual é ela,
No alto pendente
Abre a boca
Cai um dente? (Ouriço e castanha)

Qual é a coisa, qual é ela,
Que antigamente faziam com a boca
E agora faz-se com o dedo? (Apagar a luz)

Qual é a coisa, qual é ela,
Que quem encomenda não precisa
Quem faz não usa e quem usa não vê? (Urna)

O que é que em pequenino é macho e em grande é fêmea?
(Cebola)

No campo me criei
metida entre verdes laços
quem mais gosto de mim
é que me faz em pedaços. (Cebola)

Tem dentes e não come,
tem barba e não é homem. (Dente de alho)

Duas mães e duas filhas
Foram passear em três mantilhas
E cada uma levou uma. (Avô, filhas e neta)

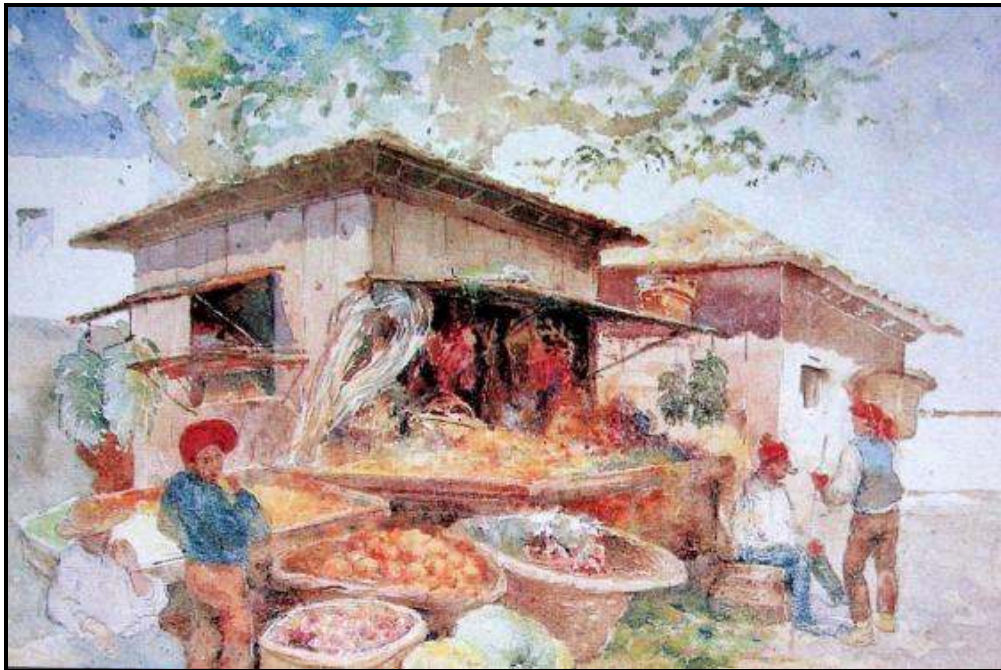
Tenho um brinco com que brinco,
Tenho um brinco que enlouquece.
Quanto mais o brinco brinca,
Mais o brinquinho cresce. (Acordeão)

Qual é a coisa, qual é ela,
Que tem cem filhos, cem filhos tem,
Ninguém pode ver os filhos,
Sem primeiro abrir a mãe? (Abóbora)

Qual é a coisa, qual é ela,
Tem chapéu e não usa,
Tem barba e não faz,
Tem pés e não anda? (Inhame)

Seis meninas viviam na mesma rua,
Uma enganou-se na casa,
Todas elas se enganaram. (Botões da camisa)²

Agricultura



A minha história—«Tempos difíceis»

Lembro-me que tinha mais ou menos oito anos e que juntamente com a minha irmã, acompanhávamos o meu pai ao Funchal, para vender produtos da fazenda no mercado, na manhã seguinte.

Íamos a pé, descalças, por caminhos, ligeiramente mais longos que as veredas, de calçada, sem iluminação, por isso, nós as duas levávamos lanternas para iluminar o caminho ao nosso pai. No final da manhã, terminávamos de vender a mercadoria, mas quando não tínhamos vendido tudo, regressávamos para casa por São Martinho, porque assim vendíamos nas vendas (mercearias) o que tinha sobrado do mercado. Como a fome era muita, o meu pai comprava pão para nos saciarmos.

Durante as idas ao Funchal, a minha mãe ficava a cuidar da casa, da fazenda, do gado e também bordava e muito bem!

Foram tempos muito difíceis, mas que deixam alguma saudade.³



Alimentação



Comida de Natal

Na Madalena do Mar é tradição comer ao almoço, no dia de Natal, carne assada no forno de lenha. A carne é preparada na véspera com todos os ingredientes: uma mistura com muita cebola, tomate, alho louro, pimentão, especiarias, azeitonas, sal e vinho a gosto, onde se junta batata, batata-doce, cenoura, pimpinela madura. Este preparado coze durante toda a noite depois de preparar o forno como se fosse para cozer pão deixando o braseiro aceso.

Semana Santa

Outra tradição da freguesia é cozer inhame de água que leva muitas horas a cozer (de dez a doze horas). A panela nunca deve ficar sem água enquanto coze. Antes de deitar o inhame na panela deve-se cobrir o fundo com as podas da vinha ou folhas de cana-de-açúcar. Na última água deita-se o sal necessário e aguarda-se umas horas para depois comer. Esta iguaria é geralmente acompanhada com qualquer peixe, de preferência caldeirada de atum. Serve também para acompanhar qualquer refeição.⁴

RECEITAS ANTIGAS

Frangolho

É o trigo estraçoado cozido como se coze o milho. É mais grosso, de cor acastanhada, também se pode fritar como milho em pequenos quadrados.

Papas de farinha torrada

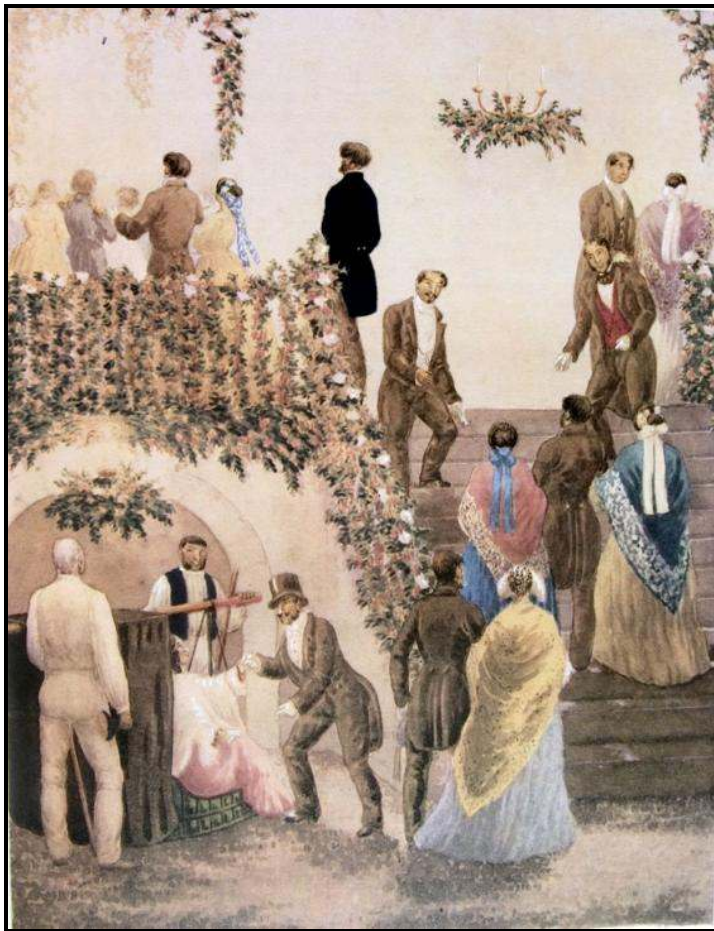
Torra-se a farinha numa panela, depois junta-se o leite e vai ao lume a ferver até ficar um pouco consistente. Se quiser junta-se um pouco de açúcar.

(É bom para a diarreia)

Receita do tempo da guerra

Em tempo de guerra, quando não havia sal nem azeite. Usava-se a farinha para fazer bolos fritos na panela. Deitávamos água do mar como sal e fritava-se no fundo da panela sem azeite nem gordura.⁵

Bailes



Baile das Velhas - Canção tradicional do Dia das Comadres

Todas as velhas,
Quando eu morrer (bis)
Irão de estar,
30 dias sem comer. (bis)

Porque é uma morte
Que causa tanta mágoa (bis)
E só requer um jejum
A pão e água. (bis)

Seiscentas velhas
Desdentadas e carecas (bis)
Irão à frente a tocar
Umas rebecas. (bis)

E outras tantas
De sainhas em balão (bis)
Irão à frente
A tocar um violão. (bis)

Depois um velho
Desdentado e pançudo (bis)
Irà à frente a tocar
Pelo um canudo. (bis).

E outro velho
Com cara de mau (bis)
Irá à frente
A tocar num berimbau. (bis)

Quando eu morrer
Vou em fralda de camisa (bis)
Porque um defunto
Já de luxo não precisa. (bis)

E quando eu for
P'ro cemitério (bis)
Cala-se tudo psss
Fica tudo muito sério. (bis)

E para a terra
Ficar bem calcada (bis)
Dança-se em cima
Uma dança bem dançada. (bis)⁶

A Ciranda

Esta é a moda da Ciranda
É uma moda bem ligeira (bis)
Pra juntar as raparigas,
Como o trigo na joeira. (bis)

Coro

Ó Ciranda, ó cirandinha,
Vamos nos a cirandar (bis)
Vamos dar a meia volta,
Meia volta vamos dar.
Vamos dar a outra meia,
Adiante troca o par.

Adiante e troca o par,
Que o meu par já está trocado. (bis)
O amor que Deus me deu,
Aqui o tenho a meu lado. (bis)

A ciranda me convida
Para eu ir ao Cirão
Fiar uma maçaroca
Do mais fino algodão.

Vamos cantar a ciranda
Para animar este povo
Para alegria de todos
Desde o mais velho ao mais novo.⁷

Cantigas



Hino de São Vicente

São Vicente, São Vicente
Capelinha à beira mar
Não esqueças São Vicente
Ande lá por onde andar.

Vem cá assim
Não fujas de ao pé de mim
Vem cá assim
Não fujas de ao pé de mim.

Com o povo de São Vicente
Nem a polícia se mete
Vamos todos prá rambóia
Nem que chovam canivetes.⁸

Canção Popular II - São Vicente

São Vicente tu és linda terra
Tu és minha, tu és singular
Não esqueças São Vicente
Andes lá por onde andar

Tens costumes bem antigos
Que honram a tua gente
Por toda a parte tem fama
O jaqué de São Vicente

Tuas serras alterneiras
Olhando o fundo da ribeira
Tuas paisagens verdejantes
As mais lindas da Madeira.

São Vicente mora no calhau
Casinha de pedra portinha de pau.⁹

Eu sou de cá

Refrão

Eu sou de cá, você de lá
Sou do lado da lagoa
De dia não tenho tempo
Há noite vou de canoa.

Dei um beijo, ela zangou-se
Dei outro ela sorriu
O terceiro que lhe dei
Foi ela que me pediu.

} 2x

Refrão

Eu queria passar o rio
Do rio da Assomada
Eu queria falar com a moça
A velha é que me atrapalha.

} 2x

Refrão

Dei um beijo numa preta
Cheirou-me a café torrado
Foi o beijo mais gostoso
Que a minha boca têm dado.

} 2x

Refrão

A minha canoazinha
Que anda à roda de vapor
Ainda está para nascer
Quem vai ser o meu amor.

} 2x

Refrão

No meio daquele mar
Está uma parreira de uvas
Não há faca que as corte
Lá se perdem de maduras.¹⁰

} 2x

A Primavera

Primavera das flores
Como esta não há mais
A Primavera vai e volta sempre
A mocidade não volta mais.

} 2x
} 2x

Ai borda rica filha, borda, borda
Ai borda rica filha, borda, bem
Em casa rica filha todos bordam
Borda o pai borda a filha borda a mãe
E eu também.

} Refrão

Encontrei a Primavera	}	2x
Ali em baixo no jardim		
Ai como vai ai como vai a Primavera	}	2x
Vai assim assim assim.		

Refrão

Perguntei à Primavera	}	2x
Quando é que vinha o Verão		
Ai a 25 de Março	}	2x
A Primavera está na mão.		

Refrão

Encontrei a Primavera	}	2x
Ali em baixo no lombinho		
Ai sentado numa cadeira	}	2x
Falar com um rapazinho. ¹¹		

Canção As Profissões

(Todos)

Vamos todos a cantar,
estas nossas profissões,
neste grupo que é alegre,
com bailados e canções.

Eu aqui sou bordadeira,
neste pano vou bordar,
que o bordado da Madeira,
é para se exportar.

Eu sou um agricultor,
com a enxada na mão,
é que a vida no campo,
também é uma profissão.

(Todos)

Também vamos começar,
aqui todos trabalhando,
com amor a esta vida,
alegres também cantando.

Eu também vou fiar linho,
de estopa e de tomentos,
e nesta história do linho,
se passam muito tormentos.

Eu que debulho o milho,
é o que eu vou fazer,
isto é o comer do pobre,
temos que o defender.

(Todos)

Todo o homem que trabalha,
honra a pátria e aos seus,
havendo comida em casa,
todos dão graças a Deus.

Também eu vou fazer tricot,
isto para me entreter,
temos nós que trabalhar,
para se poder viver.

Também vou apanhar erva,
para os meus animais,
esta foi a bela arte,
que me deram os meus pais.

(Todos)

E todos nós trabalhámos,
para se poder comer,
e nós também cantamos,
é para nos entreter.

Neste lugar sou ceifeira,
do trigo que é o nosso pão,
eu apanho muito sol,
que é neste tempo de verão.

Eu também sou marceneiro,
que é uma arte fina,
sou eu que faço os móveis,
desde a sala até às cozinhas.

(Todos)

Todas estas profissões,
quem trabalha tem saúde,
o trabalho vem dos velhos,
e passa para a juventude.

Foi a ovelha que deu,
esta lã que vou fiar,
mas neste trabalho falta,
é lavá-la e cardar.

Eu trabalho de pedreiro,
é com areia e cimento,
para fazer nossas casas,
para se abrigar do tempo.¹²

Canção do Rancho Folclórico Ponta do Pargo

I

A nossa Ponta do Pargo,
ela nove sítios tem,
começando pelo Lombo,
no Âmparo a nossa mãe.

II

Depois segue a Lombadinha,
Salão de Cima também,
a Igreja de S. Pedro,
por padroeiro se tem.

III

E segue o Salão de Baixo,
grande valor nele encerra,
nele temos o farol,
que alumia o mar e a serra.

IV

Mais o sitio do Serrado,
e a Ribeira da Vaca,
depois a Lombada Velha,
E o Cabo a que remata.

V

Esta nossa freguesia,
é zona de agricultura,
Também se canta e baila,
que a vida no campo é dura.

VI

É a batata e a semilha
e o trigo para o nosso pão.
Também cultivamos vinho,
com foice e enxada na mão.

VII

Se cultivam hortaliças.
Também os nossos legumes
e criamos animais,
com tradições e costumes.

VIII

Também temos boa fruta,
que é o pêro e a maçã
e com esforço e trabalho,
de toda esta gente sã.

IX

Com trabalhos e canseiras,
plantamos nossas flores,
toda esta Ponta do Pargo,
Cantam a Deus seus louvores.¹³

A Menina dos Bordados

As meninas que têm luxo
São aquelas dos bordados
Que fazem os pobres rapazes
Até mesmo desgraçados.

Enfeitam-se o mais que podem
Todas as que querem casar
Rapazes por serem verdinhos
Começam a vadiar.

Seus pais e suas mães
Choram na consolação
Em ver os seus pobres filhos
Naquela vadiação.

Minha mãe deu-me um conselho
Mas eu não lhe quis tomar
Já tenho 18 anos
Já estou capaz de casar.

Vejo tantas raparigas
Alguma há-de me agradar
Principalmente com aquela
Com quem estou para casar.

Ela é mesmo bonita
Ela é mesmo engraçada
Tem um cabelo bonito
Anda sempre penteada.

As mãozinhas dos bordados
Andam sempre bem lavadas
Tem um chapéu na cabeça
Com fitas penduradas.

Tem um vestido de folhos
Umas botas torneadas
Umas meias que lhes esconde
Umas pernas torneadas.

Um dia o diacho da pequena
À vizinha se gabou
Eu vou casar com o fulano
Porque ele já me falou.

Ele é mesmo bonito
Ele é mesmo engraçado
Ele também sabe ler
Que eu já o vi na escola.

E também sabe cantar
E também tocar viola
Ambos se foram casar
Muito bem apaixonados.

O Padre deu-lhes a bênção
Vão embora estão casados
Estavam lá no seu banquete
Chegou-lhe a vizinhança arteira.

Parabéns pelo belo estado
E venho pelo meu bolo
Se tem pão dê-me um bocado.

Casados por alguns dias
Para viver a pão e mel
No final de 8 dias
A boca amarga que é fel.

Ainda hoje de manhã
Ouvi uma tira-teima
Que o dono da casa disse
Que nos vai deitar na rua.

Que já se deve 2 meses
E com outro continua
Mulher de 1000 diachos
O que queres que faça?

Quando eu casei contigo
Melhor fora sentar à praça
Para irmos roubar batatas
Não acho conveniente.

Que o dono pode chegar
E pode nos malhar
Para pedirmos esmola
Vai dar muito que falar.

Eles dizem que somos novos
Que podemos trabalhar
O melhor jeito que eu vejo
Era a gente embarcar.

Eu não sou aravangueiro
E não sei atangantar
Mas digo 2 palavras
Às que se sentam a bordar.¹⁴

Versos sobre a Madeira

Viva a nossa autonomia
e viva a nossa bandeira
viva também quem governa
a nossa querida Madeira.

A bandeira da nossa terra
tem um símbolo tão bonito
essa cruz avermelhada
lembrando a cruz de Cristo.

Para o nosso progresso
muito temos que trabalhar
muitas coisas estão feitas
e muitas por começar.

A nossa linda Madeira
que de mar és rodeada
invocámos lá do céu
que por Deus seja amparada.

A Madeira irá para a frente
todos temos que lutar
que Deus seja a vossa força
para não desanimar.¹⁵

Popular

Minha mãe mandou-me à lenha
Peguei em mim e fui ao feno
Minha mãe deu-me uma malha
Coitado de quem é pequeno.

Minha mãe mandou-me à lenha
Trouxe lenha de giesta
Minha mãe o que mais queria
Para cozer o pão da festa.¹⁶

Popular

Vou contar uma historinha
Que meu avô me ensinou
Um casamento que houve
No fim em que resultou.

Era um bonito rapaz
Namorava uma menina
Foi pedir a filha ao pai
Num domingo de tardinha.

O pai para se ver livre
Deu-lhe o enfado que tinha
Voltou-se para o rapaz
Pegue lá minha filhinha.

Logo trataram o dia
Que servia de banquete
E o que veio para a mesa
Viola, flauta, Machete.¹⁷

Popular

Quando eu era rapariga
Fui a São Vicente ao gado
E comprei um carneirinho
Era um rico namorado.

Eu vinha pelo caminho
Tudo diz: - benza-te Deus
O carneiro é pequeno
Quem dá fortuna é Deus.

Quando eu cheguei a casa
Chamei minha mulher p'ra ver
O carneiro é pequeno
Mas tem talhos de crescer.

Eu fui-me deitar p'ra cama
A boca soube-me a fel
O reles do carneirinho
Rebentou-me o tonel.

Eu matei o carneirinho
A 27 de Agosto
A pele deu-me um cruzado
Nem sequer deu p'ro imposto.

Eu vendi as canelinhas
Para fusos de fiar
E até as caganitas
Foram p'ra contas de rezar.¹⁸

Popular

Era uma vez uma velhinha
Quase cega coitadinha
Já mal podia andar
Encostada ao seu bordão
Sempre olhando para o chão
Ia na estrada a passar.
Ouvindo um cão que ladrou
A pobrezinha parou
Olhando em roda assustada.
Quis fugir não conseguiu
Tentou correr mas caiu
A pobrezinha coitada.
Nisto surge uma menina
Viva, formosa, ladina
Que ao vê-la caída no chão
Correu logo pressurosa
E à velhinha deu a mão.
- Eu levanto a avozinha,
A levo à sua casinha
Onde lhe dói, o que tem?
Diga que eu vou já buscar
Qualquer coisa p'ra curar
Vou pedir à minha mãe.
- Não foi nada meu amor
Tu és um anjo, uma flor,
Ajuda-me só a andar.
Deus pague a tua bondade

Com muita felicidade
Disse a velhinha a chorar.¹⁹

Ilha da Madeira

Madeira
É tão linda assim
É como uma linda rosa
Plantada no meu jardim.

Madeira toda
Cercada de mar
Toda ela é um jardim
Para os Madeirenses cheirar.

Os que visitam a Madeira
Ficam muito encantados
Em ver as lindas montanhas
E os seus lindos prados.

A Madeira é um jardim
No mundo não há igual
Suas belezas não têm fim
É filha de Portugal.

Nas serras do norte
Respiramos ar puro
Eu muito lá passei
É por isso que eu juro.

Fazem-se muitos remédios
Com o mel das abelhinhas
Quando dão à luz os bebês
As mulheres ficam meninas.

Madeira és
Para mim um jardim em flor
Onde colhi muitas flores
Para o altar do Senhor.

Madeira em ti
Está minha terra natal
Onde vivi e aprendi
A fugir de todo o mal.²⁰

Os dias da semana

1- Os seis dias da semana
Vou mandá-los dividir
Com cantiguinha de amores
Menina se queres ouvir.

2- A Segunda é pelo trevo
Que nasce pelo chão
Também o meu amor nasce
Da raiz do coração.

3– A Terça é pela rosa
Que nasce na Primavera
Desejava de saber
A tua intenção qual era.

4– A Quarta é pela água
Que rega a bela verdura
Também rega esses teus olhos
Que têm tanta formosura.

5– A Quinta é pela perpétua
Que dá flor excelente
Falo bem ao meu amor
Às vezes também me mente.

6– A Sexta é pelo alecrim
Carregado de flor
Dentro do meu coração
Não existe outro amor.

7– O Sábado é pelo cravo
Que dá flor encarnada
Eu só queria um beijinho
E não queria mais nada.²¹

Fado Antigo

Fui ao comandante da Polícia
Para me matricular
Olhei para trás e vi
A minha mãe a chorar.

Cale-se minha mãe não chore
Com a sorte que Deus me deu
Porque ali naquela rua
Já tem tantas como eu.

Cale-se minha mãe não chore
Não me cause aflição
Porque agora não tem remédio
Já tenho a carta na mão.

Quando eu entrei para a desgraça
Dei um ai que tremeu a terra
As estrelas se esconderam
Tu vieste à janela.

Ainda me vens à janela
Seu tirano malvado
Vens-me ver a dar entrada
Na casa do triste fado.

Se algum dia tu me vires
Na esquina de alguma rua
Recolhe-me e faz-me bem
Lembra-te que eu já fui tua.

Se algum dia tu me vires
Nalguma rua parada
Lembra-te e faz-me bem
Que eu por ti fui desgraçada.²²

Os dez mandamentos da lei de Deus

Maria, minha Maria
Desvenda os meus intentos
Aprende da minha boca
Se tu queres os mandamentos.

I
O primeiro é adorar a Deus
E não uso como devo.
Eu amo-te a ti meu bem
Como se fosse a mim mesmo.

II
O segundo não jurar
O seu Santo nome em vão.
Eu juro-te que não deixo
Segundo minha intenção.

III

O terceiro é guardar
Domingos e dias de festa.
Por causa de ti meu bem
Eu cumpro linda promessa.

IV

O quarto vai pela honra.
A honra é de quem a tem.
Guarda-me amor castidade
Que eu a guardarei também.

V

O quinto é não matar
E já estou quase morto.
Delícia deste corpinho
Em que estado me tens posto.

VI

O sexto não te explico
Bem haveis de me entender.
A menina há-de ser minha
E a teus pés hei-de morrer.

VII

O sétimo não furtar,
Esse é um grande pecado.
Só em ti furtar meu bem,
Nisso não faço reparo.

VIII

O oitavo não levantar
Nenhum falso testemunho.
Por causa de ti meu bem
Ando nas bocas do mundo.

IX

O nono não desejar,
Eu já estou com desejos,
Quero lograr ricos olhos
Que eu de frente de mim vejo.

X

O décimo não cobiçar,
Já estou com cobiça,
Que hei-de lograr ricos olhos
Que eu no Domingo vi na missa.

Estes dez mandamentos
Em dois se vão encerrar.
A menina há-de ser minha
E em seus pés hei-de acabar.²³

Quando éramos crianças...

Quando éramos crianças pequenas
Já aprendíamos a marca do bordado
Brincávamos e íamos à escola
E depois de raparigas já tínhamos namorado.

Bordámos muito para fazer o dote
Na terra ganhávamos o pão
Deitando a semente na fazenda
Colhíamos o comer para a nossa alimentação.

Os arraiais eram uma alegria
Momentos de canto e bailar
No meio de enfeites de flores
A juventude aproveitava para namorar.

Alfaiates, relojoeiros, agricultores e pescadores
Foram os nossos amores e maridos
Deram-nos anéis, máquinas de costura e beijinhos
Mas agora somos viúvas sem os nossos queridos.

As nossas memórias estão cheias de recordações
Tivemos vidas de muito trabalho e sofrimento
Hoje vivemos alegres e como Deus quer
Nesta idade sentimos tristeza e contentamento.²⁴

Cidade

Fui à cidade por terra
Do caminho não sabia
Passei uma ponte de arame
Todo o meu corpo tremia.

Fui à cidade por terra
Buscar os termos da lei
A cidade estremeceu
Com duas falas que eu dei.



A cidade se vendesse
Eu seria o comprador
A cidade não se vende
Prenda de tanto valor.

Vou-me embora para a cidade
O campo já me aborrece
Dentro da cidade eu tenho
Quem penas por mim padece.²⁵

Trabalhadores

Trabalha malandrião
Se queres ter algum valor
Os calos são os anéis
De um homem trabalhador.

Fui-me à serra apanhar bagas
No tempo que não havia
Para fazer o azeite
Para alumiar Maria.

Minha mãe mandou-me à lenha
No tempo que não havia
Trouxe verde e trouxe seca
Minha mãe o que mais queria.

Corriola corriola
Embaraçada no trigo
Eu nunca me embaraçei
Senão agora contigo.

O homem trabalhador
Tem duas horas de alegria
Na hora do comer
E quando o dia se avia.²⁶

As lavadeiras

Elas lavam, elas lavam,
Elas lavam sem parar. (bis)
Põe aqui o teu pezinho,
põe aqui na brincadeira.
Vamos ver as lavadeiras
a lavarem na Ribeira.
Elas esfregam, elas esfregam,
Elas esfregam sem parar. (bis)
Elas torcem, elas torcem,
Elas torcem sem parar. (bis)
Elas dobram, elas dobram,
Elas dobram sem parar. (bis)
Elas falam, elas falam,
Elas falam sem parar. (bis)²⁷

As lavadeiras

As lavadeiras sempre a lavar
Muito ligeiras roupas a corar
Ligeiras são com alegria,
O ganha-pão de cada dia.

Sou vaidosa não me chames
Faz favor de se calar
Na ribeira de João Gomes,
Minha roupa vou lavar.

Minha roupa estou lavando
Com isso eu tenho alegria,
Eu sou sempre lavadeira
Ganho o pão de cada dia.²⁸

A Azenha

Foi numa tarde de Inverno,
O céu parecia um inferno
E andavam os astros em guerra
E a ribeira mal sustinha
A grande cheia que vinha
Lá das vertentes
Aquele azenha velhinha
Onde o vale serpenteia
Foi testemunha impassível
Da tragédia mais horrível
Que houvera na minha aldeia
Vendo a ribeira subir
O moleiro quis fugir
Levando o filho nos braços
Mas a ponte carcomida
Já velhinha e ressequida
A desfazer-se em pedaços
Aquele ponte quebrou-se
E o moleiro como fosse
Na ceia da ribeirinha
Levou o filho consigo
E nunca mais moíu o trigo
Naquele azenha velhinha.²⁹

A ceguinha

Sou ceguinha de nascença
Nunca vi a luz do dia
Ando triste como a noite
E nunca tive alegria
Dizem que há flores na terra
Dizem que há estrelas no céu
Nem umas, nem outras vejo
Triste sorte Deus me deu
Eu oiço cantar a água
Ela anda aqui bem perto
Quem me empresta a sua vista
Em troca do meu afecto
Eu ouvi dizer um dia
Que era linda a cor do céu
Tentei vê-la, não podia
Que tanta pena Deus meu
Sou ceguinha de nascença
Que tão triste o meu viver
Tenho uma tristeza imensa
Quem me dera já morrer.³⁰

Ó meu verdinho

Ó verdinho, ó meu verdinho,
Esquecer-te não há maneira
Só tu és o meu verdinho
da cor da minha bandeira.

Que importa o verde ser verde,
se me faz cantar na rua;
Ai verde, meu verdinho,
não há cor igual à tua.
Ó verde, ó meu verdinho,
ouve bem o que te digo
não há pedras no caminho
quando tu andas comigo.
Ó verde, ó meu verdinho
Esquecer-te não há maneira,
Escorrega devagarinho
Apagar-me esta fogueira...³¹

Minha mãe olha o Jorge

Ó minha mãe olha o Jorge
No seu cavalo montado.
Bom dia, bom dia, ó Felisberta
Como vais e tens passado?

Como vou e tenho passado,
Muito bem obrigado!
Ai as saudades, as saudades eram poucas
Por não te ter encontrado.

Ó Jorge eu ouvi dizer,
Que andavas para casar
Ai é verdade, é verdade Felisberta
Eu te venho convidar

Ao teu convite não vou.
Não tenho nada a fazer
Ai o meu pai, o meu pai
E a minha mãe,
Nem a sombra te quer ver.

Jorge espera um bocadinho,
Que eu vou ali ao sobrado
Vou buscar um copo de vinho
Para ti tenho reservado.

Felisberta o que me deste,
Neste copinho de vinho?
Ai tenho as pernas a tremer
E já não vejo o caminho.

Felisberta se eu morrer,
Não me enterres em terra sagrada
Enterra-me debaixo daquela roseira
Aonde foste enganada.

Ai o Jorge já morreu,
O Jorge já acabou,
Oh minha mãe, ó minha mãe
Nem eu, nem Jorge
Nem a outra se gozou.³²

Cantigas Soltas



Cantigas de Outrora

Dizes que fazes anéis,
Não te vejo ferramentas,
Dos anéis que tu fazes,
Nenhum cabe nos meus dedos.

São João já é velho,
Já lhe caíram os dentes,
Vai pedir a Santo Amaro,
Para não comer papas quentes.³³

Cantigas de Outrora

Nunca mais vi meu marido,
Nem nunca mais vou encontrar,
Mas se algum dia ele voltar,
Meus olhos hão-de fechar.³⁴

Cantigas de Outrora

Oh meu amor, meu querido,
Amor do meu coração,
Quem me dera te poder ver,
Que nunca mais te vi não.

Se tu visses o que eu vi,
Lá no Rio de Janeiro,
O macaco a bater palmas,
Na testa do sapateiro.

Mariquinhas da levada,
Rega o teu manjerição,
Que hoje eu sou levadeiro,
Amanhã serei ou não.³⁵

Cantigas de Outrora

Olha que pinheiro alto,
Com 3 pinhinhos na ponta,
Quando vejo as raparigas,
Fico com a cabeça tonta.³⁶

Cantigas de Outrora

Eu quero ir ao Loreto,
Fiz a minha saia à mão,
Agora que vou para velha,
Já perdi a presunção.

Minha mãe sempre me disse,
Filha minha olha o que fazes,
Estas meninas de agora,
São mais loucas que os rapazes.³⁷

Cantigas de Outrora

Namorei uma morena,
Que as morenas são leais,
Mas eu namorei uma morena,
E jurei por nunca mais.

Troquei meus olhos pretos,
Por outros acastanhados,
Agora toda a gente me chama,
Lá vem os olhos trocados.³⁸

Cantigas de Outrora

Eu já vi um gato a ler,
E uma pulga a dar escola,
Na cabeça de uma aranha,
Eu fiz um jogo de bola.³⁹

Cantigas de Amor

Coração mais os olhos
são dois amigos leais,
Quando o coração está triste
Os olhos dão sinais.

Os meus olhos de chorar
Já nenhuma graça tem,
Tenho dito aos meus olhos,
Que não chorem por ninguém.⁴⁰

Cantigas Soltas

Da minha janela à tua
Do teu coração ao meu
Podia andar um navio
O navegador seria eu.

Ó mar alto, ó mar alto
Ó mar alto sem ter fundo
Mais vale andar no mar alto
Que andar nas bocas do mundo.

Quando o sobreiro der бага
A cortiça for para o fundo
Então se há-de acabar
Estas más línguas do mundo.

Se o mar fosse de azeite
Como é de água salgada
Eu ia lá fora e vinha
Sem pagar frete nem nada.

Sem pagar frete nem nada
Meu amor para o Brasil
Não pagava o passaporte
Meu amor sem de lá vir.

O meu amor me deixou só
Para amar outra menina
Mas as lágrimas que eu choro
Sai-me da testa para cima.

O meu amor me deixou só
Não por nada que eu fizesse
Foi só para amar uma louca
Isto é, casos que acontecem.

Trabalhai, dobrai o corpo
Se queres ser alguém
Olhai que nas eras de hoje
Quem não trabalha não tem.

Casei-me para descansar
Tomei dobrada canseira
Mais valia que eu tivesse
Em casa do meu pai solteira.

Tu dizes que eu sou tua
Em que papel assinei
O mundo dá muita volta
Deus sabe eu de quem serei.⁴¹

A Lambreta

I

Rapaziada isto agora
É que vai bem;
Para tocar
Não é preciso palheta.

II

Rapaziada ela chora, chora, chora
Chora mais para andar na lambreta;

III

A lambreta não é minha
A lambreta não é dela;
Tenho a bicicleta
Para passear com ela.⁴²

Acompanhada

I

Acompanhada do motorista
O coro 36;
Cuidado, cuidado
Porque o marido passa aqui.

II

Eu vi, eu vi a rapariga
A tomar banho na praia do Calhau.

III

Acompanhada do motorista
Cuidado, cuidado
Porque o marido passa aqui.⁴³

Cantigas Populares

Sapato que a mim não serve,
Fora do meu pé deitei,
Não mim importa que outro logre,
Amores que eu rejeitei.

Se eu tivesse não pedia,
Coisa nenhuma a ninguém,
Como não tenho peço,
Uma filha a quem as tem.

Ó melro-preto vadio,
Vai cantar a onde quer,
É como o rapaz solteiro,
Enquanto não tem mulher.

Namorar não é pecado,
A quem é desimpedido,
Namorar homens casados,
É um desvairado sentido.

Em frente de mim estão olhos
Olhos que me estão matando
Tu vais dar contas a Deus
Das penas que me estás dando.⁴⁴

Cantigas e versos cantados

Minha avó fez um bolo e comeu só,
não deu nada ao seu netinho,
bem gulosa é minha avó!

Ai meu Deus que tenho fome!
Minha mãe não amassa,
vou deitar-me a dormir,
a ver se ela passa!

A minha mãe acende o forno,
o meu pai mete o pão dentro,
no cabo de oito dias,
temos pão bolorento!

Minha mãe amassa hoje,
amanhã faz o fermento,
quinta-feira acende o forno
e sexta mete o pão dentro!

Maria, minha Maria,
Maria, minha flor,
já te venho convidar
para seres o meu amor!

(Versos que eram ditos e cantados antigamente.)⁴⁵

Cantigas

Manuel de minha tia,
não é para nenhum vilão.
É para o Claudino da loja
que usa relógio e cordão!

Ó Maria vamos à erva,
que o cantar da erva lembra.
Ó Manuel eu não vou,
que o meu pai não tem fazenda!

(Cantigas que a gente cantava quando bordava.)⁴⁶

Cantiga da Guerra

Estava a bela Infanta
No seu jardim assentada
Com pente de ouro fino
Os seus cabelos penteava.

Deitou os olhos ao mar
Viu vir uma grande armada
Capitão que nela vinha
Muito bem a guardava.

Dizei-me vós capitão
Dessa tão formosa armada
Se vistes o meu marido
Na terra que Deus pisava.

Anda tanto cavalheiro
Naquela terra sagrada
Mas dizei-me vós senhora
Os sinais que ele levava.

Levava cavalo branco
De celim de prata dourada
Na ponta da sua lança
A cruz ele levava.⁴⁷

Quadras cantadas

A Rosa por ser mulher,
pôs-se nos altos galhinhos.
Para que ninguém lhe tocasse,
Cercou-se toda de espinhos.

Maria, minha Maria,
destas Marias há poucas,
umas são Marias várias,
outras são Marias loucas!

(Quadras que se cantava quando se bordava.)⁴⁸

Popular

Aqui estou neste cantinho
Onde o silêncio me tem
Chamo ninguém me responde
Olho não vejo ninguém.

Eu fui ao fundo do mar
Ver se apanhava a espada
Não vi senão castanhetas
Vim-me embora sem nada.⁴⁹

Contos e poemas

Quando estiver para morrer
E para deixar esta vida
Jesus, Maria e José
Hão-de ser minha guarida.

Hão-de rodear-me o leito
Com carinho maternal
P'ra que as forças do inferno
Não possam fazer-lhe mal.

Jesus e a mãe santíssima
Mais o meu Pai São José
Com amor hão-de dizer-me:
- Não foi vã a tua fé.

Todos três hão-de fazer-me
Ao morrer Cruz na testa,
São José fechar-me os olhos
A morte para mim é festa.

Que bom é deixar o mundo
Amparado por teus pés
Maria, Jesus e José
Não me deixarão jamais.⁵⁰

Xaile da minha Mãe

Ai que saudades eu tenho
Do xaile da minha mãe
Era um xaile pobrezinho
Quase roto e já sem pelo.

Passarinho da ribeira
Não sejas meu inimigo
Empresta-me as tuas
Asas quero voar contigo.

O mar alto, ó mar alto
Mar alto sem ter fundo
Mais vale andar no mar alto
Que andar nas bocas do mundo.⁵¹

Poesias

Meu amor o teu lencinho
Guardo com muito carinho
Nunca mais te esqueças dele
Recorda na despedida.

Quando a minha partida
Me acenas com ele.
Vou pedir à Virgem Santa
Que me dê coragem tanta.

Que abrande a minha dor
Desse seu branco lencinho
Ter enxerga do bercinho
Onde embala o nosso amor.⁵²

Quadras

Foi em Setembro, ainda me lembro
que tu pousaste a tua mão na minha tão fria
e desde então meu coração nunca mais
esqueceu de pensar em ti noite e dia.

Cantiguinhas que eu sabia
tudo o vento me levou
só as do meu amor
na memória minha ficou.

Rapariga canta e baila
que não perdes casamento
eu cantei e bailei
e sou casada há muito tempo.

Já vi Lisboa arder,
vi pedrinhas a saltar
meninas de 15 anos
louquinhas para casar.

Se um dia me casar
há-de ser com a Maria
vai levar voltas na cama
como o mar na levadia.

Minha mãe pra' me casar
prometeu-me quanto tinha
depois de me ver casada
deu-me uma agulha sem linha.

Quando era rapaz novo
fui a São Vicente ao gado
encontrei um carneirinho
com cabeça mas sem rabo.⁵³

Quadras

- Os estudos de Coimbra
Para amados aprendi
Com pena de ti, meu bem
Uma carta te escrevi.

- Essa carta, meu benzinho
Ainda cá não me chegou
Se me queres alguma coisa
Fala-me que eu aqui estou.

- A ti te hei-de falar
De todo o meu coração
Desejava saber
Qual era a tua intenção.

- A minha intenção é esta
Eu a trago no sentido
Se eu for daqui para fora
Te hei-de levar comigo.

- Daqui pra fora não vou
Que meu pai não é contente
Ficarei posta na rua
Difamada para sempre.

- A menina que não se difame
Que não tem que se difamar
Quem no difame se mete
Dele se há-de tirar.

- Ó senhor fale mais baixo
Que é meu pai que está dormindo.

- Não me importa que ele acorde
Nem que aqui me venha achar
Se perguntar o que eu busco
Sogro lhe hei-de chamar.

- Ó senhor, não o chame sogro
Que isso é muito escusar
Porque ele vem a dizer
Tão criança me casar.

- Uma criança como vós
É casada e tem marido
Assim sois vós, menina
Se vos casardes comigo.⁵⁴

Criações no Tempo

Ah! Meu amor, meu amor!
Dou-te todo o merecimento,
Vai-me pedir a meu pai
Que já me parece tempo.

Menina diga ao papai:
-O que tem para o seu dote?
-Ai! Eu dizer ao papai...
É coisa que o papai não faz,

Basta a minha boniteza,
Para dote do rapaz.
Menina diga ao papai
Que lhe procure outro dono,

Eu cá como
é do pataco,
Da boniteza não como!

-Minha mãe, quero casar!
-Ah! Minha filha deixa-te estar
Que a vida de casada não é boa...

-Mãe, a vizinha enviuvou
E já tornou a casar,
Se não fosse boa a vida,
Ela deixava-se estar!...

As ondas do mar são leite
Talhadas a requeijão,
Nunca houve quem comesse
As ondas do mar com pão.

Adeus, meu amor! Adeus!
Até domingo à tarde,
Adeus, minha rapariga
Quem te teve que te pague.

Adeus, meu amor! Adeus!
Até domingo que vem,
Domingo está muito longe,
Para dois que se querem bem.

Pediste-me uma laranja
Do laranjal de meu pai,
Por baixo ninguém lhe chega,
Acima ninguém lhe vai.

Toda a mulher que não casa
Não ganha nem perde nada,
Pelo menos fica livre
De aturar uma cambada.

Ai minha mãe, quem me dera!
Meu pai, quem me daria!
Dar um abraço em Deus
Outro na Virgem Maria.

Já disseste essa cantiga
Mais de cento e uma vez,
Guarda-a bem guardadinha
Para a dizeres outra vez.

S. Pedro é meu padrinho,
S. Francisco meu irmão,
Os anjos do céu meus primos,
Ah que rica geração!

Eu casei-me, cativei-me,
Ainda não me arrependi;
Quanto mais vivo contigo,
Menos posso estar sem ti.

Minha mãe casai-me nova,
Enquanto sou rapariga,
Que o trigo que tarde nasce
Já não dá palha nem espiga.

Oh! Comadre do meu coração!
Já me morreram quatro filhos
António e João,
Cristóvão e Simão!

Quem morre na Casa Santa
Vai -se enterrar às Angústias,
Quem morre não paga nada
Quem fica é que paga as custas.

Ah! Rico, tu bem podias,
Fazer o bem à pobreza,
Morres, vais para o Inferno
De que te serve a riqueza!?

Este mundo é uma bola,
Quem nele faz fundamento,
Vem a morte acaba tudo
No melhor divertimento.

Quatro coisas há no mundo,
Para rapazes que é preciso,
Amor e capacidade,
Lealdade e juízo.

Três coisas há no mundo,
Que valem mais que o dinheiro,
Comer bem, vestir melhor
E amar a Deus e estar solteiro.

Quem tem salva na horta,
Tem o médico à porta.

Vamos comer...
Que o trabalho não azeda.
Quem merca ruim pano,
Merca duas vezes no ano!

A rico não devas
E a Santo não prometas.
Os novos para lembranças,
E os velhos para conselhos.

O mundo é uma bola,
Os ricos de carro,
Os pobres à esmola.

Do azul e encarnado
O rei fez carapuça;
Quem tem pena faz o mesmo,
Quem tem catarro que tussa.

O amor e o dinheiro
Não podem andar encobertos,
O dinheiro é chocalheiro
E o amor desinquieto.

O cantar diz que alivia
As penas do coração,
Eu canto para aliviar
As penas de mim não vão.

Quem tem asas não voa
Quem não tem quer voar,
Vai direitinho para o fundo
Quem não souber nadar.

Quem tem amores não dorme
Senão à noite um nadinha,
Eu cá não tenho amores
Durmo a noite inteirinha.

Se o casar fosse tão doce
Como é no começo,
Eu pedia à minha mãe
Que me casasse no berço.

Pensaste que o casar
Era só para dar a mão,
Ao cabo dos nove meses
Já os filhos te pedem pão.

Quem tem amores não dorme
Quem não nos tem adormece,
Quem nos tem ao longe chora
Quem tem ao perto padece.

Coitado quem triste nasce
Para nunca mais ser alegre,
Anda pedindo a Deus:
-Venha a morte que me leve!

Aipo branco da rocha,
Que não vejas o mar
Que serve para remédio
Para as bruxas tomar.

Meu amor não morras hoje
Deixa para o fim-de-semana,
Que hoje não tenho lugar
De me pôr aos pés da cama.

Mulher casada e vaidosa
Faz desterrar o marido,
Um dia quer uma saia,
Um dia quer um vestido!

Quando eu caminho de casa
Bem me avisa minha mãe:
-Filho, trata bem com todos
Para todos te quererem bem!

A mulher casada chora
Que o marido que a malha,
A solteira ri e folga:
-Não casasses com um canalha!

Rua abaixo, rua acima,
Sempre com o chapéu na mão
-Vou namorando as casadas
Que as solteiras minhas são!

Não sei se canto se choro
Que tudo me dobra a pena,
Cantando espalho mágoas
Chorando tudo me lembra.

Quem morreu, morreu
Quem morreu está morto,
Vamos dar aos vivos
Um melhor conforto.

Ah! Rico não faça pouco
Que o pobre foi Deus que fez;
O rico pode ser pobre
E o pobre rico outra vez.

Quem está no mundo não diga:
-Desta água não beberei!
O mundo dá muita volta,
Não sei que volta darei.

Quem mora perto da igreja
Vai à missa sem bordão,
Há muitos que vão à missa
Nem sequer à igreja vão.

Todos os filhos de padre,
Chamam ao papai padrinho
E também dizem à mamã:
-Criada, dá cá um beijinho!

O mar pediu a Deus peixe
Eu peço a Deus saber,
Para quando falares comigo
Eu te saiba responder.

Quem se junta com ...
E delas faz cabedal
Vai morrer à cadeia,
Ou acabar ao hospital.

Senhores! Que meu marido levais,
Desvia-o das paredes e livrai-o dos punhais;
Que o velho é malicioso
Não volte o velho atrás!

Ai ondas do mar abrandai,
Quero ir à minha terra,
Quero pagar o que devo
Àquela moça donzela.⁵⁵

Vários

O meu amor era um cravo
Que aquele craveiro deu
E todo o mundo tem inveja
Daquele cravo ser meu.

Mandei fazer um jaleque
No Pico da Band'Além
Se não casares comigo
Não casas com mais ninguém.

- Maria porque não tens
Uma cédula com'as outras?
- A vontade era boa...
As moedas eram poucas!⁵⁶

Versos Soltos

No meio daquele mar
Tem uma parreira de uvas
Não há faca que as corte
Já se perdem de maduras.

A parreira dá-me um cacho
O cacho dá-me um baguinho
Quero fazer água pé
Já que meu pai não tem vinho.

Vim-me embora para a cidade
Que o campo já me aborrece
Dentro da cidade eu tenho
Quem penas por mim padece.

Subi ao céu numa escada
E descí num cacho de uvas
Só Deus é que pode ajudar
Estas pobres viúvas.

Meu amor vem cá à noite
Tenho uma coisa para lhe dar
Cafezinho, milho frito
E um beijinho ao caminhar.⁵⁷

Amor

Quando era solteirinha
Tratavas-me por amor
Agora que estou casada
Só me tratas por estupor.

Foram dizer a meu pai
Que eu namorava bem
Também o meu pai no seu tempo
Namorou a minha mãe.

Se eu quisesse amores
Tinha mais de um cento
Bonecos de palha
Cabeças de vento.

O meu amor ontem à noite
Pela vida me jurou
Que se ia deitar ao mar
Se ele vai eu cá não vou.

Foram dizer ao meu pai
Que eu namorava alto
Também meu pai no seu tempo
Namorou três e quatro.

No tempo que eu te amava
Não amava a mais ninguém
Amava noventa e nove
Contigo fazia cem.

Foram dizer a meu pai
Que eu casava no Lanço
Leve diabo quem lhe disse
Que nunca tenha descanso.

Dizes que te vais embora
O meu coração não te quita
Se eu procurar hei-de achar
Outra cara mais bonita.

Não passes à minha porta
Nem a pé nem a cavalo
Que o meu pai é lavrador
Não quer genro fidalgo.

No meio daquele mar
Está um pinheiro florido
Não há nada mais bonito
Que a mulher e o seu marido.

Se eu quisesse amores
Que me têm dado
Tinha a casa cheia
Até ao telhado.

O anel que tu me deste
Era de vidro e quebrou-se
A amizade que eu te tinha
Era de água e derramou-se.

Subi à ameixeira
Para apanhar uma bela ameixa
Fui falar à rapariga
O pai quer a mãe não deixa.

Deitei o limão correndo
À tua porta parou
Quando o limão tem malícia
Que fará quem o deitou.

Ó meu amor vem cá à noite
Tenho ceia para te dar
É café e milho frito
E beijinhos ao caminhar.

Se fores daqui para fora
Diz para que terra vais
Deixa-me o teu nome escrito
Numa pedrinha no cais.

Meu amor, ó meu amor
Que agravo de mim tiveste?
O terreiro já tem erva
Há tanto que aqui não vieste.

O meu amor diz que vinha
Diz que vinha, mas não veio
Amanhã pelas nove horas
Tenho carta no correio.

O meu amor vai-se embora
Não vale a pena chorar
A melhor coisa a fazer
É pôr outro em seu lugar.

Já lá vai o sol abaixo
Com Maria pela mão
Maria vai rosadinha
Manuel cor de limão.

Rapariga do diabo
Deus te queira dar saúde
Andava para te enganar
Rapariga nunca pude.

Tenho um castanheiro na serra
Não lhe ponhas o machado
Que a sombra do castanheiro
Tem o meu amor deitado.

Ajudai-me a cantar
Que eu não posso cantar só
O meu coração magoado
Só dele pode haver dó.

Os meus olhos de chorar
Já nenhuma graça tem
Já avisei os meus olhos
Que não chorem por ninguém.

Dei-lhe um limão correndo
Pela rua nova abaixo
Quanto mais o limão corre
Quanto mais amores acho.⁵⁸

Diversas

Se o senhor dá licença
Eu vou ir atrás da porta
Para matar uma pulga
Que está no cano da bota.

No céu passou uma nuvem
Todos dizem e eu bem vi
Todos falam e murmuram
Ninguém olha para si.

A vida de um homem velho
É a vida de um alguidar
Quebra-se um e compra-se outro
Põe-se no mesmo lugar.

Quem fez a casa na praça
A muito se sujeitou
Uns dizem que é baixa
Outros dizem que de alta passou.

Nunca vi mulher de ourives
Ter o melhor ouro
Nem mulher de sapateiro
Ter botas do melhor coiro.⁵⁹

Mar

Se o mar tivesse varanda
Eu ia com minha mãe
Como o mar não tem varanda
Nem eu vou nem ela vem.⁶⁰

Mãe

Ó minha mãe, minha mãe
Não me chame sua folha
Chama-me uma destravada
Que nasci para a triste vida.

Minha mãe, minha mãe
Triste vida sem mulher
É bonita corre a fama
É feia ninguém a quer.

Lua, lua
Lua, luar
Pega o meu filhinho
Ajuda-me a criar.

Quando eu era pequenina
Minha mãe me aninhava
Até eu adormecia
Com beijos que ela me dava.

Manuel mais Maria
São filhos da mesma mãe
Manuel é mais bonito
Maria que culpa tem?

Quando eu nasci à noite
Nem uma estrela brilhava
A lua minha madrinha
Lá no céu me alumiaava.⁶¹

Mocidade

Adeus casa de meu pai
Adeus fonte de água fria
Onde eu lavava o meu rosto
Todas as horas do meu dia.

Tu dizes que eu sou tola
Em que papel me assinei
O mundo dá muita volta
Eu não sei de quem serei.

Sol tinha como um vime
Delgada como uma cana
Sou filha de um homem pobre
Nenhum fidalgo me engana.

Quando eu me fui casar
Deitei meu lenço para trás
Adeus vida de solteira
Adeus para nunca mais.⁶²

Lua

Não sei o que fiz à Lua
Não me dá no terreiro
Vou mandá-la prender
Nas grades de um limoeiro.

Não sei o que fiz à Lua
Não me dá claridade
Vou mandá-la prender
Na cadeia da cidade.

Amarrei o sol à lua
Na ponta de um guardanapo
O sol era pequenino
Fugiu-me para um buraco.⁶³

Fiado

O preço em que as coisas vão
Até faz admirar
Hoje vende-se a dinheiro
Amanhã vai-se fiar.

Esta casa não se fia
Nem de noite nem de dia
Que o fiar faz dar pena
E a pena faz dar cuidado
Para não ficar com pena
Não quero vender fiado.⁶⁴

Religiosas

Todas nós formamos um berço
Para Jesus adormecer
Em nós todas um sacrário
Para conosco ele cantar.

Trigo louro, trigo louro
Empresta-me a tua cor
Quero ir ao Calisberto
Servir a Nosso Senhor.

Cantiguinhas que eu sabia
Todas o vento me levou
Só as de Nossa Senhora
Na memória me ficou.⁶⁵

Madeira

A ponta de São Lourenço
É mais além um nadinha
Foi onde o rei deu à costa
Dentro das pernas da rainha.

Adeus ilha da Madeira
As costas te vou voltando
Não sei o que deixo nela
Que os meus olhos vão chorando.

À Paúl tão grande
Ao longe parece bem
Eu só queria ter
O que no Paúl tem.⁶⁶

Quadras populares

Era um anjo, era um anjo
Meu Deus que eu tanto amei
Confesso que ainda o amo
E nunca o esquecerei.

Minha mãe mandou-me à lenha
Eu fui ao mar me lavar
Minha mãe deu-me uma malha
C'agulha d'arremendar!

Eu subi à ameixeira
Para apanhar uma ameixa
Arranjei um pechãozinho
O pai quer, a mão não deixa.

Nevoeiro, nevoeiro
Vai pr'a trás do teu palheiro,
Que hoje faço-te um bolo
E amanhã faço um brindeiro.

Ah mê Deus qu'eu já não posso
Subir a esta ladeira
Quand'eu chegar ao chãozinho
Eu vou dar uma carreira.

Há três dias que eu não como
Há quatro que não bebo vinho
Há cinco que eu não alcanço
Da tua boca um beijinho.⁶⁷

Quadras e dizeres antigos

Venho da serra para baixo
Com um bordão de ponta a ponta
Venho falar Angelina
Que a minha casa está pronta.⁶⁸

A cama do levadeiro
É o camalhão da levada
A quem Deus não dá fortuna
Trabalha e nunca tem nada.⁶⁹

Manuel da vizinha
Já matou seu desejo
Encontrou a sua mãe
Deu-lhe um abraço e um beijo.

Tua boca é um tinteiro
Da língua pena parada
Os dentes letra miúda
E beijos corda cerrada.

Coitado de quem tem amores
Da Ribeirinha para baixo
A ribeirinha vai cheia
Não se sabe quem passará.

Coitado de quem tem amores
Não se deita e não os vê
Está pensando e imaginando
Quando é que amanhecerá.⁷⁰

Manuel calça as botas
Anda cá em baixo à levada
Falar à tua prima
Para ser tua namorada.

Umas botas procurei
Para nos meus pés calçar
Quando eu cheguei à levada
E uma dor no coração.

Como vai a minha tia
Deite-me a sua bênção
Eu queria falar à tia
Do quarto do segredo.

Para lhe contar a verdade
Eu tenho vergonha e medo
Conta meu sobrinho, conta
Tem confiança na tia do quarto do segredo.

Para lhe contar a verdade
Eu tenho vergonha e medo
Conta, meu sobrinho, conta
Tem confiança na tia.

Eu venho aqui para casar
Com a minha prima Maria
Manuel calça as botas
Encosta-te aquela estaca.

Tua prima não está aqui
Foi tirar leite à vaca
Quando eu me pus no terreiro
Com os meus olhos a ferir.

Ele foi vigiar pus lados
E viu a prima a vir
Oh tia ela já vem
A tia ele vai dizer.

Ela vem com má cara
De certo que não vai querer
Maria não queres teu primo
Se ele tem algum senão.

Tem as patas alaradas
Para as patas de um cão
O resto desta cantiga
É uma laranja partida
O que o rapaz padeceu
Para falar à rapariga.⁷¹

Adeus no canto da barca
No meio tem uma roseira
Aqui nasceu uma menina
De uma rapariga solteira.

Rapariga era nova
Foram lá pedir o pai
O pai disse ao seu genro
Vê lá como vais.

O genro que assim se viu
Da formosa da calçada
Arranjou lindo e canela
Arranjou uma garrafada.

O noivo que assim se viu
Deste mundo sem ninguém
Empenhou as mãos ao céu
Apareceu-lhe a sua mãe.

O hospital tem muitas camas
Ainda há pouco as contei
Deitadinha numa delas
Muitas lágrimas eu chorei.

Já lá vem o senhor doutor
Com sua bata embrancada
Vai pedir à enfermeira
Vem-me ver a desgraçada.

Angelina tem um pente
Esta sempre a pentear-se
Chegou a bendita hora
Da Angelina se acabar.⁷²

Deus do céu, venha cá baixo
Para ver o que aqui vai
Tanta mulher sem marido
E tanto filhinho sem pai.

Diz que vais embora
Diz-me para que terra vais
Deixa-me o teu nome escrito
Nas escadinhas do cais.⁷³

O moinho anda em roda
Não deita um pó de farinha
A culpa é do moleiro
Em ter a filha rainha.⁷⁴

Toca-me nesta viola
Repenica-me os teus dedos
Se as cordas rebentarem
Aqui tenho os meus cabelos.⁷⁵

Melro preto é vadio
Vai cantar aonde quer
É como o rapaz solteiro
Vai onde quer.

Melro preto no verão
Fica todo afragatado
Logo nas primeiras chuvas
Ele fica despenado.⁷⁶

A sombra do castanheiro
É uma sombra tão sábia
Goza-te meu amor dela
Uma hora cada dia.⁷⁷

Oh, minha Mãe, minha Mãe
Minha mãe, minha amada
Dava-me tanta coisinha
Agora nada me dá.⁷⁸

Eu vou ceifar o trigo
E ninguém me veio ajudar
Quando o pão está no forno
Toda a gente o vem buscar.⁷⁹

Quando era pequenina
Cantava que retenia
Cantava no caniçal
Santa Cruz estremecia.⁸⁰

Quando era pequenina
Fui a São Vicente ao gado
Comprei um carneirinho
E que belo namorado.

Vinha pelo caminho
Todos os dias benze-te Deus
O carneiro é pequeno
Quem dá a fortuna é Deus.⁸¹

Na noite que me casei
Nessa noite não dormi
Toda a noite acartei água
duma fonte que abri.⁸²

Casei com uma velha
Da Ponta do Sol
Deitei-a na cama
Rasgou o lençol.

Tornei a deitá-la
Tornou a rasgar
Peguei na velha
Pu-la de pernas para o ar.⁸³

As meninas do Estreito
Moram debaixo da vinha
Para quando o amor passar
Lhe jogar uma pedrinha.⁸⁴

Eu morava no Estreito
Para lá de Câmara de Lobos
A respeito de cantigas
Eu ensino a vocês todos.⁸⁵

Já vi um rato a ler
E uma pulga a dar escola
Já vi uma formiga
A tocar numa viola.⁸⁶

Sapato que em mim não serve
Fora do meu pé deitei
Não me importo que outro largue
Amores que eu rejeitei.⁸⁷

Mariquinhas de sete saias
Sete saias de tecer
Dabaixo das sete saias
Tem um bichinho a ferver.

Maria porque não tens saia de lã
Como as outras
A vontade é boa
As moedas são poucas.⁸⁸

Quadras para uma amiga!

O teu nome é Madalena
Assim foste baptizada
Pelo padre e os padrinhos
Naquela pia sagrada.

Foste menina e mulher
Por tua mãe foste amada
Teu pai faleceu cedo
Quando mais dele precisavas.

Foste crescendo na vida
Junto da tua mãe
Sempre bem arranjada
Que te ficava muito bem.

Todos gostavam de ver
Quando ias para a missa
Os rapazes diziam
Lá vai ela tão catita.

Rapazes não te faltaram
Pela tua vida fora
Mas não querias nenhum
Mandava-los logo embora.

Amiga és formosa
E também és muito airosa
Quando na rua passas
Tens perfume duma rosa.

Na tua vida sofreste
Por má sorte do destino
Um dia foste embora
Escolheste outro caminho.

Por lá foste trabalhando
Com muito esforço e valor
Não deixaste um espaço
Onde coubesse o amor.

Um dia tu regressaste
A sorte foi-te adversa
Quando perdeste a tua mãe
Não há dor igual a essa.

Um dia a sorte sorriu
Encontraste o amor
Foste com ele para longe
Para viverem melhor.

Mas o destino cruel
Foi-te sempre perseguindo
De uma doença fatal
Ficaste sem o teu marido.

Tua mãe querida, teu marido
A tua prima também
Que Deus os tenha no céu
Todos eles estão bem.

Nunca gostaste de estar só
Querias estar acompanhada
Por capricho do destino
Ficaste desamparada.

Uma grande solidão
Sempre te acompanhou
Quando pensavas estar bem
O cruel destino travou.

Amiga teus sentimentos
São muito verdadeiros
Continua sempre sincera
Sem mentiras nem receios.

Sou muito tua amiga
Digo com sinceridade
Sempre te admirei
Pois tudo isto é verdade.

De passo em passo lá vais
Seguindo o teu caminho
Teu semblante é triste
Precisas de muito carinho.

Tens amigos na vida
Penso que são verdadeiros
Mas cuidado rapariga
Alguns são traiçoeiros.

És amiga e companheira
A todos querendo bem
És boa colaboradora
Vai-me ajudando também.

Entre rosas e espinhos
Sempre andaste na vida
Sendo boa companheira
De todos tu és amiga.

Como Maria Madalena
A querida de Jesus
Carregaste sempre na vida
A tua pesada cruz.⁸⁹

Quadras Soltas

Era um conto que eu sabia
Fui contar aos meus amigos,
Estava um rato na figueira
Sentado a comer figos.

Se tu visses o que eu vi
No calhau junto da areia,
Um grande polvo brincando
Com uma linda sereia.

No fundo daquele mar
Está uma pedra comprida,
Com um letreiro que diz
Quem lá for arrisca a vida.

Ia por aqui abaixo
Com o machete traz – traz,
Procuro uma rapariga
Para mim que sou rapaz.

Maria se fores ao baile
Leva o xaile pode chover,
Amanha de madrugada
Com a geada podes morrer.

Semeei no meu quintal
Erva-cidreira na areia,
Quem semeia não alcança
Que fora quem não semeia.

Vou comer e vou beber
Vou molhar minha garganta,
Eu sou como o rouxinol
Quando bebe logo canta.

Oh minha mãe, minha mãe
Oh minha mãe, minha querida,
Quem perde o amor de mãe
Perde tudo nesta vida.

Minha mãe mandou-me à erva
Fui à rocha apanhar feno
Minha mãe deu-me uma malha,
Coitado de quem é pequeno.

Menina, vamos à erva
Com o cortar da erva lembra,
Menina, não vou à erva
Que o meu pai não tem fazenda.

Menina, vamos à erva
Ao canto da minha horta,
Menina não vou à erva
Que a minha foice não corta.

Quem tem corda amarra a erva
Quem não tem, faz um baraço,
Quem tem botas, calça botas
Quem não tem anda descalço.

Daqui para aquela banda
É tudo caminho chão,
E tudo cravos e rosas
Que eu plantei com a minha mão.

Minha sogra quita o filho
Para comigo não falar,
Eu vou-me fazer teimosa
À porta me vou sentar.

Melro-preto é vadio
Vai cantar onde quer,
È como homem solteiro
Enquanto não tem mulher.⁹⁰

Rimas

Bonitinha D. Airosa!
o cravo que é rasteirinho
tem o valer de uma rosa.

O meu amor me pediu coisas
que eu não posso dar.
Foi a vista dos meus olhos
mas quem não vê não pode amar.

Chamaste-me feia, feia
por ser feia não casarei.
Casai vós que és bonita
com o amor que eu rejeitei.

O meu amor me pediu
dos meus olhos as bolinhas.
Não sei ele para que quer
coisinhas tão pequeninas.⁹¹

Ceifa



Canções e histórias cantadas

Apanhámos este trigo e colhemos a nossa aveia,
falámos da nossa vida, deixámos a vida alheia.
Eu subi à ladeira, ó João canta comigo:
És um botão de rosa, botão de cravo sou eu,
assobia cana verde, assobia de nó em nó,
a falar com o meu amor, julgava que estava só.
Quando eu comecei a amar, foi numa segunda-feira,
fui amando e fui gostando, amei a semana inteira!

Ó que lindo chapéu preto naquela cabeça vai,
ó que lindo rapazinho era genro para ser de meu pai!
Passei à tua porta, pus a mão na fechadura,
estavas dentro, não falaste, coração de pedra dura.
(Cantigas que se cantava quando se apanhava o trigo.)⁹²

Cantigas Soltas “Apanha do trigo”

Vamos apanhar o trigo
Vamos escolher da aveia
Falamos na nossa vida
Deixamos a vida alheia.

Este trigo está bom trigo
Parece trigo de relva
Calai a boca menina
Deus do céu é que governa.

Nossa Senhora do Monte
É madrinha de João
Eu também sou afilhada
Da Virgem da Conceição

Esta noite vai dar vento
Também vai dar viração
As rosas vão voar
Não vai ficar nem um botão.

Este trigo está bom trigo
As favas estão mais falidas
Os olhos do meu amor
É a flor das raparigas.⁹³

Trigo

Ao meu ceifaozinho novo
Olha lá como ceifas
Não cortes os meus dedos
São penas que tu me dás.

Fui à ceifa do Porto Santo
Fui à igreja dos profetas
Olhei para o altar e vi
O padre em cuecas.

Fui à ceifa ao Porto Santo
À fama do bom ceifar
Fui para amarrar as gavelas
Puseram-me a respigar.

Fui à ceifa ao Porto Santo
Com as cearas amarelas
As moças me deram fitas
Para amarrar as gavelas.

Fiz a cama na feiteira
Travesseiro na giesta
De que serve a cama boa
Se o travesseiro não presta.⁹⁴

Trigo Louro

Vamos apanhar o trigo
Vamos lhe escolher a veia
Cuidamos da nossa vida
Deixemos a vida alheia.

Trigo louro, trigo louro
Empresta-me a tua cor
Quero ir ao sacrário
Oferecer a Nosso Senhor.

Trigo louro, trigo louro
Trigo da folha amarela
Debaixo do trigo louro
Namorei uma donzela.

Trigo louro, trigo louro
Trigo da folha estreita
A apanhar o trigo louro
Namorei uma sujeita.

Trigo louro, trigo louro
Trigo da folha miúda
Debaixo do trigo louro
Namorei uma viúva.⁹⁵

Cantiga de apanhar o trigo

De onde vieste agora
Boca cheia de alegria
A tua cara merece
Trinta beijos cada dia.

Da minha janela à tua
Um saltinho de uma cobra
Eu gostava de chamar
Tua mãe por minha sogra.

Eu mandei buscar lá fora
O que não há na Madeira,
Uma cangalha de cornos
Para te fincar na caveira.

Minha mãe para me casar
Prometeu-me quanto tinha,
Depois de me ver casada
Deu-me uma agulha sem linha.

Trigo louro, trigo louro
Trigo de palha amarela,
De baixo do trigo loiro
Namorei uma donzela.

Trigo loiro trigo loiro
Trigo de palha dourada,
Debaixo do trigo loiro
Namorei uma casada.

Trigo loiro, trigo loiro
Quem me dera a tua cor,
Para andar nos calos santos
Servir a Deus Nosso Senhor.

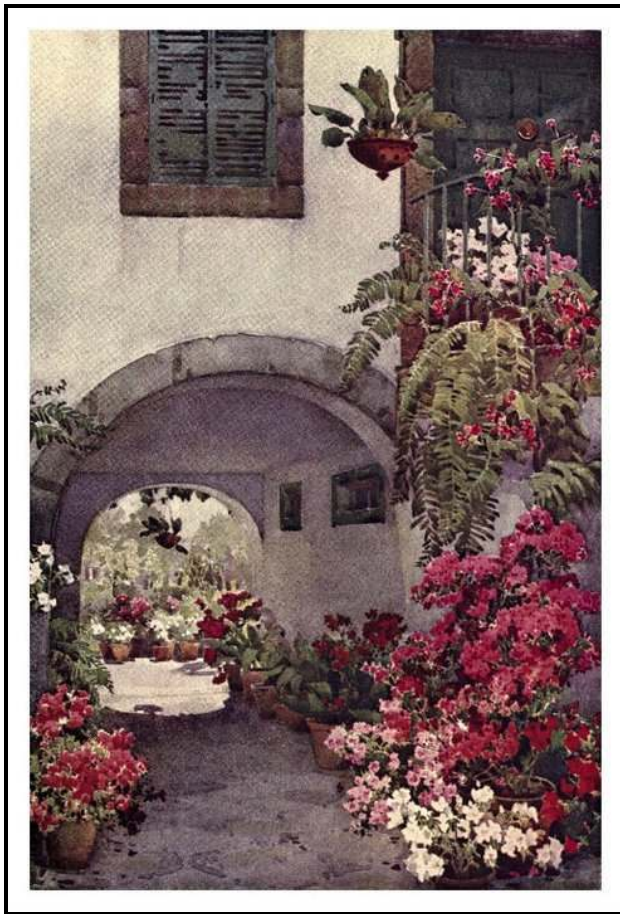
Deitei um limão correndo
À tua porta parou,
Quando o limão te quer bem
Que fará quem o deitou.

Semeei no meu quintal
O brio das raparigas,
Nasceu-me uma rosa branca
Cercada de margaridas.

Cantiguinhas que eu sabia
Todas me têm esquecido,
Agora me têm esquecido
Na apanhadinha do trigo.

Minha mãe mandou-me à lenha
Trouxe lenha de giesta,
Minha mãe ficou contente
Para cozer o pão da festa.⁹⁶

Contos



Boi Bragado

Havia um lindo senhor
Muito rico e poderoso
Foi fazer a sua quinta
Num lugar muito espaçoso.

Nela gastou o seu dinheiro
E gastou bons cabedais
Tinha lá um boi largado
Que era o que estimava mais.

Tinha também um pretinho
Que não era mau sujeito
Antes fosse p'ra seu bem
P'ra mentir não tinha jeito.

O amigo do fidalgo
Logo desatou a rir
Vamos fazer uma aposta
Amigo, se queres convir.

(O dono da quinta apostou
Que o seu criado não
Era capaz de mentir)

Se ele assim fizer
Os teus bens à mão me hão-de vir
O amigo do fidalgo
Foi para casa tremendo.

Vem cá minha filha
Minha filha já me lembro
Vai-te vestir, minha filha
Vestida numa senhora
Vais pela Quinta dentro
Eu cá venho embora.

Bom dia meu pretinho
Como é que tens passado?
A senhora por aqui
É um caso admirado.

Venho pedir uma coisa
Pretinha não me negais
A língua do boi largado
Pretinho se tu me dás.

A língua do boi largado
Não darei minha senhora
Dá-me a língua do boi
Se queres ser meu amigo.

Se me deres a língua do boi
À noite durmo contigo.
A língua do boi foi largada
Lhe darei minha senhora

Chegou-se a de manhã.
Tirou-lhe a língua fora
Ela a amarrou bem amarrada
No seu lencinho da mão
Adeus pretinho adeus
Até outra ocasião.

Ficou o preto na quinta-feira
Jogando c'o pau de conto
Pensando e estudando
Como se mentiria o seu amo.
D. Raquel de Ó Jardim⁹⁷

Conto Popular: O porco mau

Havia uma rapariga da Serra de Água que não sabia o que era uma moto. Certo dia ia um senhor com uma moto e a moto enrascou. Então a rapariga chamou a mãe e disse:

- Mãeeee venha ver um porqui mau, quanto mais o homi lhe puxa as orelhas mais o bicho ronca!⁹⁸

Crenças



Crenças

Comichão no nariz quer dizer que vamos reinar!

Comichão na mão direita significa que vamos receber dinheiro.

Dizem que as mulheres que têm o segundo dedo do pé maior que o grande, vão mandar no marido.

Mulher que assobia não tem sorte.

Quatro coisas que não se deve fazer porque atrasam o casamento:

- Comer pelo caminho;
- Comer tudo do prato;
- Deixar uma gaveta aberta;
- Ter maravilhas à porta.⁹⁹

As Feitiçarias do Dia das Bruxas noutros tempos

O Gato Preto traz as Bruxas!

No ano a seguir ao meu casamento fui visitar os padrinhos do meu casamento. Na hora de voltar a casa, ao lado da portada havia um palheiro e uma anoneira. Um gato miou e o meu marido rapidamente jogou uma pedra em direção ao gato. Nós viemos para cima, para casa para a Ribeira de Machico. Ora, a verdade é que o meu marido depois de ter atirado a pedra, o gato ficou paralisado. Durante duas horas não pode andar. Havia um ribeiro onde cantou um galo. Desesperadamente o meu marido levantou os braços e ficou curado.¹⁰⁰

Não façam mal aos Gatos no Dia das Bruxas!

O meu pai quando era novo foi a Santana a pé buscar sementes para plantar. Chegou ao portal de Santana encontrou um gato preto. Deu-lhe um pontapé. A bota rebentou. Apareceu uma senhora conhecida e num instante coseu a bota do meu pai para ele continuar para o seu destino. Há lá coisas!¹⁰¹

Caça às bruxas

Há 80 anos, dois senhores foram para a Igreja e deitaram na pia de água Santa matos do caminho para fazerem a caça às bruxas. Terminou a missa e a caça às bruxas deu resultado! Quatro ou cinco senhoras ficaram presas na igreja. Esperaram a bênção do Senhor Padre para poderem sair. As bruxas foram apanhadas!¹⁰²

Nem sempre é obra das Bruxas

Há alguns anos, no dia 31 de Outubro, o meu tio saiu para a venda com os amigos. Chegavam no peso da noite e o pai não gostava. O pai espreitava sempre a hora de chegada. Um dia, decidiu vestir-se com roupas de assustar e um bordão na mão e em cima de uma pedra esperou pelo filho na vereda. O filho olhou e viu tal monstro ficou muito assustado e em vez de ir para casa

fugiu para casa da vizinha. O pai, bem calado foi para casa e meteu-se na cama. No dia seguinte, o filho contou ao pai o sucedido. O pai com cara de espanto perguntou se era maior do que ele... muito maior respondeu o filho assustado. Ora, o pai conseguiu que o filho ficasse mais tempo em casa sem as noitadas.¹⁰³

Crenças populares

- Quando as pessoas têm sarampo têm de usar roupa vermelha.
- Numa gravidez, para ver se é rapaz ou rapariga – deixa cair um lenço de papel. Se a futura mãe pega nas pontas é rapariga. Se pega no meio é rapaz.
- Agulha – enfia-se uma linha na agulha e segura-se pela linha, se rodar é menina, se ficar parada é menino.
- Quando aparecem vacas negras é sinal de chuva.
- Derramar sal é sinal que vai haver briga em casa.
- Deixar cair um garfo sinal que um homem quer falar ou visitar a nossa casa.
- Deixar cair uma colher é sinal que uma mulher quer falar ou visitar a nossa casa.
- Quando temos comichão no nariz é sinal que vai chegar dinheiro.
- Se os grilos cantarem é sinal que alguém que vai chegar ou caminhar.
- Se tivermos comichão palma da mão esquerda é sinal que vamos ter de pagar algo.

- Se tivermos comichão na palma da mão direita é sinal que vamos receber dinheiro.
- Se tivermos comichão na sola do pé é sinal que vamos a um sítio que ainda não fomos.
- Zango é dinheiro.
- Abelha é sinal de boa sorte.¹⁰⁴

Despique



Despique da Fajã da Ovelha

1- Para onde vais ó rapariga
Quem foi que te trouxe aqui,
Uma cara tão bonita
Como a tua nunca vi.

2- Não venhas trocar de mim
Porque ninguém te pagou
Não me trates por bonita,
Sei que bonita não sou.

3- Não estou troçando de ti
Acredita no que digo,
Se não levas muita pressa
Eu quero falar contigo.

4- Se queres falar comigo
Explica isso depressa
Porque minha mãe me avisou
Que a ninguém desse conversa.

5- Digo-te em poucas palavras
Não demoro muito tempo
Se é da tua vontade
Tratemos do casamento.

6-Para tratar do casamento
Tenho que saber primeiro
Se és filho de boa gente
Ou de algum caloteiro.

7-Sou filho de boa gente
Não dou nenhum embeijado
Tenho carros a render
Alguns contos emprestados.

8-Diz-me lá ó rapaz
Mas que nome é o teu
Se tu ainda tens pai
Ou se ele já morreu.

9-O meu nome é António
Moro mesmo ali além
Vivo sozinho no mundo
Já não tenho pai nem mãe.

10-Se é certo como tu dizes
Parece-me que fica bem
Mesmo queria um rapaz
Que não tivesse pai nem mãe.

11-Vou contar à minha mãe
Tudo quanto é passado
Se acaso ela quiser
Fica o contrato fechado.

12-Adeus António adeus

Não me posso demorar

Para a semana que vem

Vamos tornar a falar.

13-Que foi isso ó Graciela

Mas que demora foi essa

Tanto que te avisei

Que a ninguém desses conversa.

14-Minha mãe oiça baixinho

Tudo o que lhe vou contar

Hoje encontrei um rapaz

Que me falou para casar.

15-O que é isso ó rapariga

O que me estás a dizer

Já me falas em casar

Com os dentes para nascer.

16-Tira isso da cabeça

Que não te deixo casar

Tu ainda és muito nova

Para sogros aturar.

17-Senhora não aturo sogros

Que ele não tem pai nem mãe

Eu tenho no pensamento

Que se vai viver bem.

18-Ora se tu vais viver bem
Se fores para um convento
Se vives tão sossegada
Sem apanhares chuva nem vento.

19-Quando minha mãe casou
O convento já existia
Se tivesse ido para lá
Eu aqui não estaria.

20-Tira isso da cabeça
Eu não te deixo casar
Vou pegar num cassete
Não me farto de te dar.

21-Lá para eu levar porrada
Não vai ser por muito tempo
Eu faço a minha mãe
Como as nuvens fazem ao vento.

22-Já queres fugir de mim
Eu já estou a perceber
Foi algum maldito chá
Que te deram a beber.

23-Boa noite senhora Zita
Consigo quero falar
A respeito do negócio
Hoje venho contratar.

24-Ó seu vilão atrevido
O que me estás a dizer
Não tenho nenhum negócio
Para contigo fazer.

25-Mas olhe que a sua filha
Ainda vai ser para mim
Porque já falei com ela
Ela me disse que sim.

26-Vem aqui ó Graciela
Aqui na minha presença
Para que trates do casamento
Sem me pedires licença.

27-Eu já disse à minha mãe
Mas já vai à muito tempo
E a mãe me respondeu
Que eu fosse para um convento.

28-Ó seu vilão atrevido
A tudo quem te agasalha
Também te posso chamar
Que és o rei da canalha.

29-Senhora não puxe pela língua
Não digas mais asneiras
Também te posso chamar
Rainha das bilhardeiras.

30-Convida teus convidados
Teus parentes e amigos
Eu também vou convidar
Meus parentes e meus tios.

31-No adro de Santo António
Despachei meu casamento
Dá-me um abraço e um beijo
Agora neste momento.

32-Senhora Zita chora, chora
À vista de tanta gente
Foi bem-feito, foi bem-feito
Ela foi impertinente.¹⁰⁵

Versos para despique

1-Vimos de Boaventura
Do concelho de São Vicente
Aqui a Santa Cruz cantar
Pra alegrar a toda a gente.

2-Somos de Boaventura
Onde o vinho é o Jaqué
Para cantar o despique
Trouxe o meu amigo José.

3-A porta do meu jardim

Ai o vento a levou

És como uma tagarela

Ai que nunca se calou.

4-A rapariga canta e baila

Alegre o teu coração

As que não cantam nem bailam

Essas é que têm senão.

5- Boa tarde a toda a gente

A todos quero saudar

Vou-me embora pra minha terra

Mas eu hei-de aqui voltar.

6- A Câmara de São Vicente

É de lhe tirar o chapéu

No meio das trapalhadas

Nem todos vão para o céu.

7- Eu queria despicar contigo

Para te dar uma lição

Mas tu não sabes despicar

Pensas no garrafão.

8- Para os que são do teu lado

Para quem Deus é o dinheiro

O rico explora o pobre

E só querem é poleiro.

9- O senhor apresentador
Avisa para terminar
És como uma galinha choca
Ai que não sabe cantar.

10- Ai hoje vou despicar
Ca rapariga aqui ao lado
Agora só falta saber
Se ela tem aquilo lavado.

11- Tu que vieste de cima
Vieste para brincar
Ai pareces uma louca
E uma lição tu vais levar.

12- Quem tem pernas é para andar
Quem tem olhos é para ver
Ai mas é o malha pão
Que tas desejando comer.

13- No alto daquela serra
Tenho um porco no chiqueiro
Com a língua que tu tens
És bom para seu parceiro.

14- Ai do jeito que estou vendo
És uma grande descarada
Podes tirar a roupa toda
Daqui tu não levas nada.¹⁰⁶

Despique

No calhau da Madalena
Também dá folhas de inhame
Se tu queres desafiar comigo
Vai tirar carta de exame.

Cantigas ao desafio
Não canto que a mãe não quer
O desafio é para os homens
Não para mim que sou mulher.

Tenho um saco de cantigas
Ali em baixo num buraco
Queres cantar ao desafio
Vou lá desatar o saco.

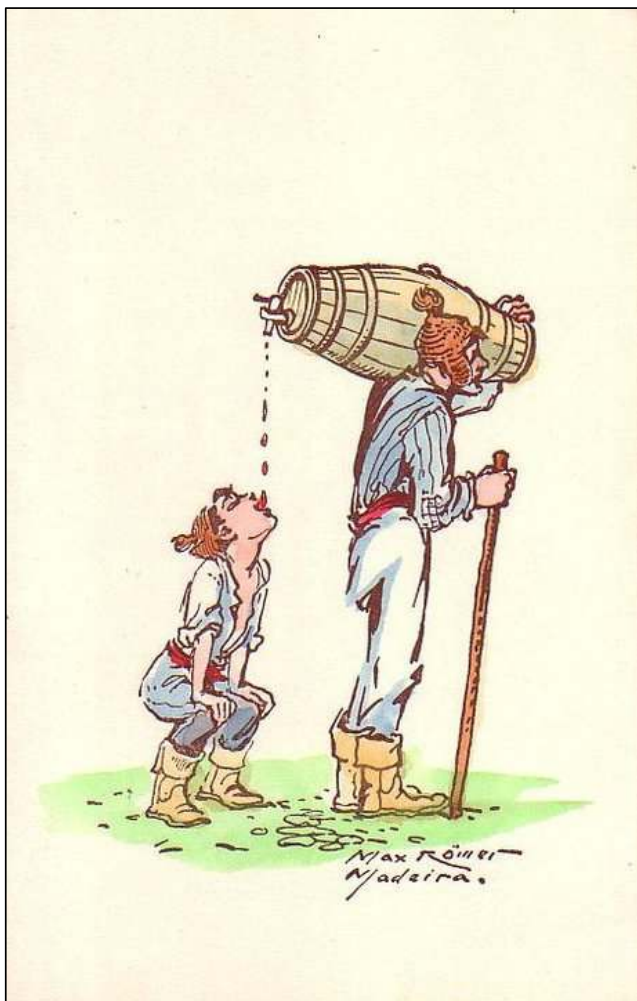
Castanheiro dá castanhas
No beirinho à sua noz
Cantai menina, cantai
Quero ouvir a sua voz.

Canta, canta cachopita
Para cantar ficas mais bonita.

Mandaste-me cantar
Julgavas que eu não sabia
Eu sou como o melro preto
Quando não canto, assobio.

Há pedrinhas pelo chão
Há folhinhas pelo ar
O pior de uma cantiga
É sabê-la rematar.¹⁰⁷

Ditos



Ditos

- Uns comem os figos, outros rebentam-lhes os beijos.
- Fama sem proveito faz dores no peito.
- Dedo mindinho, seu vizinho, pai de todos, fura bolos, mata piolhos.
- Quando os porcos bailam, adivinham chuva.
- Quem tem um mato na cabeça, amanhã não vai à missa!
- Laranja de manhã é ouro, ao almoço é prata, à noite mata.
- O sol em fevereiro entontece pintos.
- O sol de março rapa até ao espinhaço.
- O que há mais reles de conhecer é gente.
- Quem come em cordeiro não come em carneiro.
- Não cabem dois proveitos no mesmo saco.
- Nem alto de mais nem com os pés d'arrasto.
- Não há sábado sem sol, nem há noiva sem lençol.
- Não dês o passo antes de chegar à passada.
- Dente mouro, dente mourão toma lá este podre e dá-me outro são.
- Em março, tanto durmo como faço.
- Quando chove em abril enche a saca e o barril.
- Mês de maio, mês de maio, mês da fome, pega este limão verde que em Maio tudo se come.
- Mês de maio, mês da Boaventura, ainda bem não amanhece já lá vem noite escura.
- O Jardim da Serra é a terra da cerejada, quem cá vier no seu tempo não leva a cesta sem nada.
- Em agosto já toda a fruta tem gosto.
- Em tempo de outubro vem o sol e desterra tudo.

- Eu sou o janeiro e espalho o verão, peçam a Deus boa conjunção.
- Eu sou o fevereiro, mês dos temporais, descubro as casas e arrombo os portais.
- Eu sou o março que sempre marejo. Farto as terras de água e desejo.
- Eu sou o abril, mês das flores. Cantam as aves, apertam os calores.
- Eu sou o maio. Devolvo a ventura para quem não guarde uma amassadura.
- Eu não sou nada mas farto a terra com a minha covoadá.
- Eu sou o julho que já dou tudo, encho a cidade, aldeias e tudo.
- Eu sou o agosto, toco guitarra e bebo o vinho à meia canada.
- Eu sou o setembro que tudo recolho: feijão, milho, palha e restolho.
- Eu sou o outubro, mês dos outonos, engrosso as terras e proveito dos donos.
- Eu sou o novembro, o mês dos santinhos em que os lavradores provam os vinhos.
- Eu sou o dezembro que engordo o porco. Com os torresmos regalo o meu corpo.¹⁰⁸

Emigração



A Emigração

Lembro-me que há trinta anos atrás as pessoas emigravam para o estrangeiro à procura de uma vida melhor.

Acontece que muitos foram e nunca mais voltaram e outros ganharam muito dinheiro e regressaram à sua terra natal para viverem as suas vidas junto das suas famílias.

Para falar disso, eu própria tenho alguma experiência porque também emigrei. A vida do emigrante não é fácil, porque chegar a outro país e começar tudo de novo e até aprender a falar outras línguas, é muito difícil.

Não basta só pensar em ir para o estrangeiro e que tudo está resolvido. Muito pelo contrário, é preciso trabalhar muito, de dia e de noite, muitas vezes, como escravos, para conseguir alguma coisa na vida.

É preciso saber viver e saber poupar muito para um dia poder regressar à sua terra e comprar uma casa com boas condições para viver uma vida melhor.¹⁰⁹

História de um retrato

Embarcou para o estrangeiro uma senhora ao encontro do seu esposo. Por lá andou a trabalhar, aprendeu a língua da terra, até que um dia ela disse ao esposo:

- Temos de ir à nossa terra para ver como está a nossa casa e família.

O esposo respondeu-lhe:

- Mulher, se queres ir vai, com os nossos filhos, pois com trabalho que eu tenho não posso ir.

Trataram de arranjar papelada, para vir a mulher e um casal de filhos. Quando chegaram a Santa Cruz estavam à espera deles os pais e os irmãos. Foi uma surpresa o encontro!

A senhora vinha cansada, porque trazia uma menina de 4 anos e um menino de 1 ano. Como eram pequeninos, a mãe tinha de carregar um nos braços e outro pela mão, além disso, trazia a sacola ao ombro com os farnéis principais de cada um deles.

De volta a casa dos pais da senhora, foi uma alegria, pois havia já 5 anos que deixara a terra natal. Daí a uns dias foram passear à cidade do Funchal, principalmente, para tirar um retrato, dizia o avô para os netos. Ficou então uma **recordação** da visita que durou 3 meses, foram dias

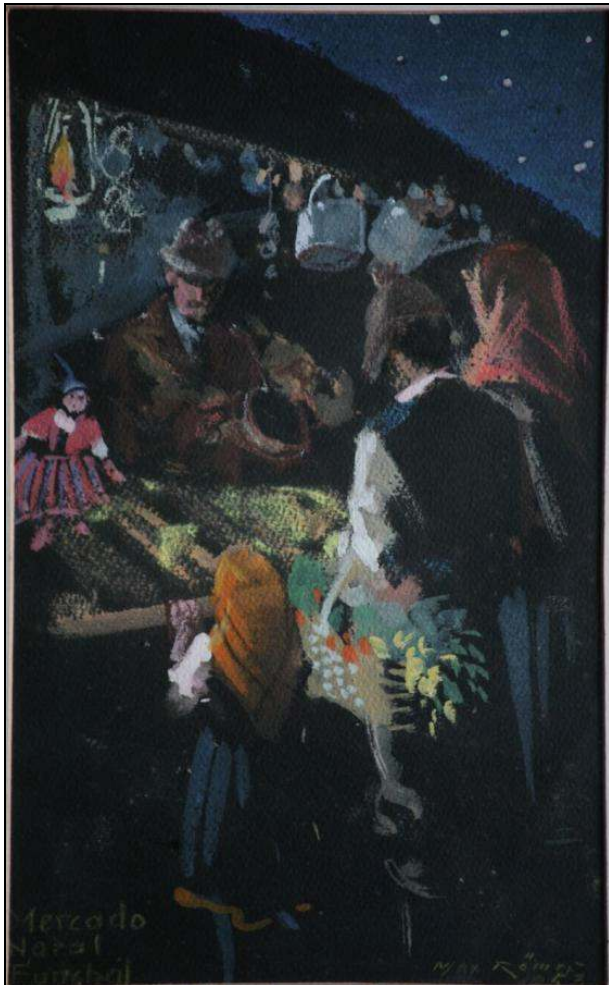


Maria Trindade com o seu pai, sua mãe

de muita alegria em que os avôs puderam brincar com os netos. A senhora viu a casa que tinha deixado e voltou para o estrangeiro para a companhia do seu esposo, levando os seus filhos.

Depois de vários anos voltou para a sua terra natal de vez, com duas meninas e um menino e o seu esposo. Só que já não encontrou o seu pai, por que já tinha morrido. Só encontrou a mãe que estava a viver só e triste.¹¹⁰

Festividades



NATAL

Versos de Natal

Ó meu Menino Jesus
Dizei-me que Noite é esta.
Hoje é Noite de Natal
E amanhã Dia de Festa.¹¹¹

I

Tocam os sinos em Belém
Vamos todos a correr
Vamos ver o Deus Menino
Que acabou de nascer.

II

Entraí pastorinhos,
Por este portão sagrado,
Vamos ver o Deus Menino
Que está numas palhinhas deitado.¹¹²

III

Menino Jesus
Ditoso é quem vos ama.
Quem toma amor com Jesus
Não dorme amanhã na cama.¹¹³

I

Nossa Senhora faz meias,
Com linha feita de luz,
O novelo é lua cheia,
As meias são para Jesus.

II

As meias são para Jesus,
A linha é feita do alto.
Para quem fazia ela as meias
Se Cristo anda descalço?

III

Não chores mais Meu Menino
Que a mãezinha logo vem
Foi lavar os cueirinhos
À fontinha de Belém.¹¹⁴

I

Ó Meu Menino Jesus
Que é dos vossos sapatinhos?
- Esqueci-me na ribeira
Onde lavei os pezinhos.

II

Correi pastorinhos
Vamos a Belém
Beijar o Menino
Que a Virgem tem.¹¹⁵

I

Vinde já, meu Deus Menino,
Nascer no meu coração,
Tomai dele inteira posse,
Tomai-o na vossa mão.

II

Meia noite já é dada
Prazer santo respiremos
Em honra ao Filho da Virgem
Alegres hinos cantemos.

III

Do varão nasceu a vara
Da vara nasceu a flor,
Da flor nasceu Maria,
De Maria o Redentor.

IV

Pastorinhos do deserto
Correi todos, ide ver
A pobreza da lapinha
Onde Cristo quis nascer.¹¹⁶

O Natal no meu tempo, há oitenta anos atrás.

Pela festa da Imaculada Conceição (8 de Dezembro) fazia-se o cuscuz, para lembrar a Festa. Daí a oito dias matava-se o porco, revéspera de Festa faziam-se os bolos doces; e na véspera de Festa, uma fornada de pão e um bolo de vasilha, que era a alegria de todos porque comiam-se as iguarias mais preciosas que durante o ano não havia.

Na noite de Natal íamos à Missa do Galo. Deixava-se carne no forno do pão com semilhas, quando se chegava o pai chamava para almoçar ainda era escuro e à luz do petróleo.

O jantar era ao meio-dia e comia-se caldo de galinha, arroz, carne de porco, vinho e pão de casa; à tarde havia o bolo doce, à noite o resto do caldo, pão com manteiga e chá.

Os pais não davam presentes aos filhos, não era costume, nem havia dinheiro para isso... era a foice, a enxada, uma corda e botas de água para trabalhar na terra.

Brincávamos ao pião, à corda e faziam-se joias e balões em papel para deitar pelas oitavas. Juntavam-se todos vizinhos, grandes e pequenos, para deitar estas fantasias ao vento.

Era uma alegria chegar ao Natal vivia-mos com outra alegria, pois nesta época é que se vivia tudo... O bom comer, a alegria do fruto do trabalho. Eram outros tempos, mas felizes...¹¹⁷

REIS

Cantar os Reis à moda da Ponta do Pargo

Refrão:

Que vós sabíeis
Que vós sabeis
Que nesta noite
Se canta os Reis

Eu venho cantar os Reis
Passei pela Chadinha
Venho dar as boas festas
À Professora Cristina.

Refrão:

Que vós sabíeis
Que vós sabeis
Que nesta noite
Se canta os Reis

Eu venho cantar os Reis
À casa do meu vizinho
Senhora abra-me a porta
E mostre-me o Deus Menino.

Refrão:

Que vós sabíeis
Que vós sabeis
Que nesta noite
Se canta os Reis.¹¹⁸

Cantigas dos Reis

Abri-nos a porta
Se nos queres abrir
O sumo da parreira
Nos faz aqui vir.

Abri-nos a porta
Afastai os bancos
Quem vem são os três reis
De cabelos brancos.

Venho aqui cantar os reis
Venho sempre de carreira
Ó senhor abra a porta
Que estou nas pingas da beira.

Abri-nos a porta
Se quiser abrir
Garrafas e copos
Tudo a retinir.

Venho cantar os Reis
Pelo buraco da porta.
Não tem nada que me dê
Dê-me o rabinho da porca.

Vós bem sabíeis
Vós bem sabeis
Que vinha cá hoje
Cantar os reis.

Venho cantar os Reis
Mandado de Nazaré
Venho dar as boas noites
E também as boas festas.

Ah senhor abra-me a porta
Que eu estou com os pés no sereno
Venho cantar os reis
Mas venho mandado de um pequeno.

Venho cantar os reis
Mandado por um pastor
Se não tiver vinho
Bebe-se licor.

Venho cantar os reis
Mandado pelo Deus menino
Se não tem nada que me dê
Dê-me um copinho de vinho.

Venho cantar os reis
A casa do meu avô
Se não tem nada que me dê
Dê-me o resto que ficou.

Venho cantar os reis
Pela folhinha do feno
Abra-me a porta pr'a dentro
Que tenho os pés no sereno.

Venho cantar os reis
Pela folhinha da amora
Se o senhor não me abre a porta
Eu vou-me embora.

Vou cantar os reis
À porta da minha prima
Não tem nada que me dê
Dê-me um bolo da lapinha.

Ó senhor abra-me a porta
E acenda a luz
Que eu venho ver a lapinha
E o menino Jesus.¹¹⁹

Versos/Canções “O Cantar dos Reis”

Vêm-se aqui cantar os reis
Logo pela manhãzinha
Ó senhor abra-me a porta
Deixe-me ver a lapinha.

Ora bem sabíeis
Ora bem sabeis
Que é neste dia que se cantam os reis
Ora bem sabíeis
Ora bem sabeis
Que é do dia 5 para o dia 6.

Vêm-se aqui cantar os reis
A casa dum senhor honrado
Que tem a mulher bonita
Os filhos parecem cravos.

Vêm-se aqui cantar os reis
A casa de boa gente
Não tem nada que nos dê
Venha cá cantar com a gente.

Vêm-se aqui cantar os reis
A casa deste vizinho
Não tem nada que nos dê
Dê cá um copo de vinho.¹²⁰

Quadras do Dia de Reis

Boa tarde dona Aninhas
Abra a porta da sala
Hoje é dia de Reis
Nós viemos cumprimentá-la.

Refrão

E vós bem sabíeis
E vós bem sabeis
Que hoje é o dia
De cantar os Reis. (bis)

Eu venho cantar os Reis
A casa do meu vizinho
Não tem nada que me dê
Dê-ma um copinho de vinho.

Eu venho cantar os Reis
Não é por pão nem vinho
Eu venho cantar os Reis
Para ver o Deus menino.

Eu venho cantar os Reis
A casa de minha madrinha
Não tem nada que me dê
Mostre-me a sua lapinha.¹²¹

Tradições do Ano Novo

No meu tempo de juventude cantávamos os Reis de porta em porta. Cantar o Reis era a nossa tradição, pedíamos bolos, vinho e licor. Quando as pessoas abriam a porta de casa era para todos uma alegria, comíamos, bebíamos. Nesse tempo não tínhamos preocupações com dores era andar para a frente.

Cantamos algumas quadras, assim dizíamos:

Vimos cantar os Reis
À porta do meu vizinho,
Por favor acenda a luz
Quero ver o Deus Menino.

E vós bem sabias
E vós bem sabeis
Que é no dia de hoje
Que se canta os Reis.¹²²

SANTO AMARO

Tradições do Ano Novo

Ao chegar o dia de Santo Amaro era uma outra festa. Nesse dia íamos até ao Paul do Mar, acompanhados por muitos romeiros que vinham cantando pelo caminho. Traziam cana-de-açúcar por bordão e tremoços para comer pelo caminho.

Cantamos algumas quadras, assim dizíamos:

Santa Amaro é nosso
Que está guardado
Dentro de uma caixa
Que foi do ano passado.

O Santo Amaro de bordão
Temos ano de pão
Senhor Santo Amaro,
O senhor vigário chora
E as fontes deitam água
Os romeiros vão embora.¹²³

Canção Varrer os armários

Canto tradicional dos «varredores do armário» cantado no dia de Santo Amaro em diversas localidades da Madeira:

Vamos varrer a lapinha,
Deixai-nos entrar, Senhora,
Trazemos connosco a pá
E também uma vassoura.

Vimos de lá tão longe,
Do pé da terra dos alhos,
Touxemos a vassourinha
Para varrer os armários.

Santo Amaro é bonito
É bonito não se o deixa
Para provarmos o vinho
Com cebolas de «escabecha».

Trazemos também connosco
Uma saca e uma pá.
Abra-nos a porta, Senhora,
Que queremos varrer já.¹²⁴

Cantigas de Santo Amaro

Santo Amaro já é velho
De velho caiu-lhe os dentes
Bem feito *pró* Santo Amaro
Não comer as papas quentes.

Santo Amaro já é velho
Já não come senão milho
Puxa as calcinhas *pró* ar
Amarradas *c'um* atilho.

Vou cantar o Santo Amaro
Pela folhinha das giestas
Vou perguntar *às messias*
Se passaram bem as festas.

Vou cantar o Santo Amaro
Com uma dor no coração
Não vou abrir a porta *às messias*
Não sei *as messias* quem são.

Vou cantar o Santo Amaro
Pela folhinha da vinha
Abra-me as portas *pra* dentro
Hoje é dia de rapar a lapinha.

Vou cantar o Santo Amaro
Pela folhinha da faia
Abra-me as portas *pra* dentro
Sou mulher e visto saia.

Vou cantar o Santo Amaro
Pela folhinha do trevo
Abra-me as portas *pra* dentro
Que é de noite e tenho medo.

Vou cantar o Santo Amaro
Pela folhinha da semilha
Abra-me as portas *pra* dentro
Que *a gente somos* família.

Vou cantar o Santo Amaro
Mandado desta gente
Abro as portas *às messias*
Vou beber aguardente.

- Abri-nos as portas
Afastai os bancos
Que aqui vem o Santo Amaro
De cabelos brancos.

Levante-se daí
Ponha-se de pé
Vá para a cozinha
Fazer o café.

- Não ferve o café
Que não tenho pó
S'eu tenho alguma coisa
É para mim só!

Vou cantar o Santo Amaro
Mandado do meu sogro
Não abro as portas *às messias*
Que *as messias* bebem o vinho todo.

Vou cantar o Santo Amaro
Vou cantá-lo mais uma vez
Santo Amaro bem cantado
Aguenta-se aqui um mês.

Vou cantar o Santo Amaro
Pela borboleta amarela
Abençoi os ausentes
Que estão na Venezuela.

Vou cantar o Santo Amaro
À porta deste vizinho
Abra-me as portas *pra* dentro
Que eu quero ver o Deus Menino.

Vou cantar o Santo Amaro
À porta da senhora professora
Não tem nada que me dê
Dê com o cabo da vassoura.

Vou cantar o Santo Amaro
À porta da minha tia
Não tem nada que me dê
Dê um copo de água fria.

Vou cantar o Santo Amaro
À porta do meu irmão
Não tem nada que me dê
Dê um copinho do garrafão.

Vou cantar o Santo Amaro
À porta desta vizinha
Não tem nada que me dê
Dê a perna da galinha.

Vou cantar o Santo Amaro
Com uma dor no coração
As messias fiquem sabendo
Sou do sítio do Espigão.

Vou cantar o Santo Amaro
Que esta vai pela despedida
Adeus, adeus, até ao ano
Até à festa deste dia!¹²⁵

CARNAVAL

Antigamente o que era o Carnaval

A minha avó dizia que o Carnaval era um adeus à carne.

Então as pessoas faziam o seguinte: o almoço era uma refeição com fartura; batata doce, semilhas, couve e carne. Ao jantar eram as malassadas com açúcar e poncha e então os mais jovens faziam “pagódia” - ... troque, troque malassadas com açúcar... trique, trique malassadas com melique!

Neste dia, havia carne com tanta fartura que muitas vezes não se conseguia comer. No outro dia, guardavam o restante com sal para só ser servida na quinta-feira santa. Durante esse tempo era penitência, não comiam carne.

No dia de Carnaval, alguns jovens faziam partidas como disfarce, esfregavam nas mãos banha de porco, depois passavam as mãos na panela cheia de ferrugem e faziam festa ao encontrar outros, esfregando-lhes a ferrugem na cara... não havia outras distrações como há agora.¹²⁶

PÁSCOA

A Páscoa da minha infância

No meu tempo de criança a Páscoa era muito diferente de hoje.

Começava com o Domingo de Ramos: íamos à

missa, levávamos um raminho para ser benzido na Bênção dos ramos, trazíamos o raminho benzido para guardar em casa para quando houvesse mau tempo, queimar junto com a chamada bula para abrandar a força do vento.

Vinha a Semana Santa, eu ia à missa e à confissão para fazer a preparação para a Páscoa. Na Quinta-feira-Santa havia a cerimónia do lava-pés e em casa era preparado o melhor que tínhamos para a chamada ceia-grande, onde se jantava bem para na Sexta-Feira-Santa poder jejuar. Nesta semana, o rádio não era ligado em sinal de sacrifício, não cantávamos, evitávamos rir em voz alta, etc.

Na Sexta-feira-Santa, o almoço era inhame com caldeirada de peixe, à tarde íamos às cerimónias da igreja e à noite íamos ao enterro do Senhor.

No domingo de Páscoa íamos à missa da Ressurreição, vínhamos para casa preparar o almoço com o melhor que havia. Não havia as famosas amêndoas de açúcar nem de chocolate; o que era tradição na minha família era curtir tremoços para irmos petiscando de vez em quando.

Depois da Páscoa havia, e ainda hoje há, a saída das insígnias do Divino-Espírito-Santo, de casa em casa. A casa era toda limpa e arrumada e tudo do melhor era preparado para receber o Jesus ressuscitado em forma de línguas de fogo, como no cenáculo, quando desceu sobre os Apóstolos.¹²⁷

ESPÍRITO SANTO

Espírito Santo

Ó senhor imperador
Olhe em que vai pegar
No Divino Espírito Santo
Pra toda a gente beijar.

Aqui chega uma visita
Que já não chega há tanto
Receba com alegria
O Divino Espírito Santo.

Desce à terra Luz Bendita
Vem o teu povo animar
As nossas almas visitam
Nossos passos vêm guiar.

O pão ressuscitado
Abençoe esta família
Novas graças vos dou
Abundantes neste dia.

Pombinha quer voar
Voais tão de repente
Vai ao céu buscar saúde
Para dar a este doente.

O Divino Espírito Santo
É Homem não é menino
Quando anda pelas portas
Parece o Sol Divino.

O Divino Espírito Santo
Vem chegando à ladeira
Os anjinhos a deitar
Rica flor de laranjeira.

Dê-me licença que eu entre
Destas portas para dentro
O Divino Espírito Santo
Visita o Santo Sacramento.

Senhor Padre que diz missa
Vinde já para o altar
O Divino Espírito Santo
Cá está para ajudar.

A pombinha vem molhada
Com três pinguinhas da ribeira
O Divino Espírito Santo
Retratado na bandeira.

A pombinha que voais
Para cima do corredor
Vai encher o seu papinho
À mesa do imperador.

Deitei a esmola na salva
Deitei-a com alegria
O Divino Espírito Santo
Fica em vossa companhia.

Deitei a esmola na salva
Deitei-a com devoção
O Divino Espírito Santo
Fica em nosso coração.

O Divino Espírito Santo
É nosso consolador
Consolai as nossas almas
Quando deste mundo for.

Nossa Senhora está lá dentro
Vestida de azul e branco
À espera de uma visita
Do Divino Espírito Santo.

Ó meu Deus que já é tarde
O sol dá nas campinas
São horas de recolher
Estas Insígnias Divinas.¹²⁸

O Divino Espírito Santo

Após o Domingo de Páscoa, sai O Divino Espírito Santo para a visita Pascal. Percorre as casas acompanhado pelas saloias e os festeiros que levam as bandeiras e a salva para recolher as ofertas. Quando terminam as visitas, no domingo seguinte celebra-se a festa religiosa na igreja com o tradicional arraial.¹²⁹

SANTOS POPULARES

Santos Populares

I

Nas marchas populares
Saltam cantigas aos molhos
Os corações se alegram
Com sorrisos nos olhos.

II

Neste dia de festa
Traz uma cantiga e vem pró arraial
Anda rapariga prá nossa festa
E brincar no areal.

III

São os Santos Populares
Festa dos balões e manjericos
Os cheiros andam no ar
E adoçam os namoricos.¹³⁰

Quadras dos Santos Populares

Ó meu rico São João
Dá-me cá um balão
P'ra na roda entrar
E cantar uma canção.

Ó meu rico São João
Arranja-me um rapaz solteiro
Que seja bom e bonito
E que tenha muito dinheiro.

Vou pedir-te um milagre
Meu São Pedro Padroeiro
Dá-nos sol e bom tempo
Durante o ano inteiro.

Ó meu rico São João
Venho aqui à tua beira
Colher uma lenhinha
P'ra acender a fogueira.¹³¹

Santos Populares

A São João vou cantar
Pois é dele este dia
E a todos vou desejar
Paz, Amor e Alegria.

São João lindo santinho
Os teus caracóis são d'ouro
E o teu alvo cordeirinho
É o teu maior tesouro.

Chamam-lhe o Santo bonito
Isso não sei se ele é
Mas nele eu acredito
E tenho devota fé.

Se eu saltar a fogueira
E queimadinha ficar
Não hei-de ser a primeira
A com o fogo brincar.

Santo António é o primeiro
A trazer a gente à rua,
Santinho casamenteiro,
Juntou o Sol e a Lua.

É noite de Santo António
Estalam foguetes no ar;
Põem o manjerico á janela
E vem para a rua dançar.

Fiz quadras a Santo António
E até mesmo a São João
Para São Pedro vou tentar
Mas falta-me inspiração.

Quando chove a tarde inteira
Até a noiva molha a luva
São Pedro fecha a torneira
Não te armes em manda-chuva.

O São Pedro, é um artista,
Que diz aos jovens foliões;
Usem o beijo como isca
Para pescarem corações.

Com tanta gente a pecar
Do Jordão até ao Mondego,
São Pedro pode ir parar
Às portas do desemprego.

Oh!São Pedro pescador...
Ai que noite atribulada.
Fui pescar com o meu amor,
Fiquei com a rede furada.

Primeiro Santo António;
Depois São João;
Depois São Pedro
Para o fim da reinação.¹³²

Festas populares de Santo António, São João e São Pedro

Ora viva o mês de Junho
Viva o mês dos casamentos
Quem pedir ao Santo António
Não vai perder o seu tempo.

Porque o Santo é casamenteiro
Amigo das raparigas
A noite de Santo António
É a noite das cantigas.

As moças pedem ao Santo
Uma coisa que não têm
Porque nunca foram amadas
Precisam de amar alguém.

Ó meu senhor Santo António
Atendei ao meu pedido
Eu quero uma companhia
Senhor dê-me um bom marido.

Eu agradeço ao meu Santo
Te ponho um cravo na mão
Vem o dia vinte e quatro
O dia de S. João.

S. João é engraçado
E tem coisas divertidas
Vão á fonte buscar água
Para ver as raparigas.

Traz uma infusa na mão
De passinho miudinho
Para ver as moças chegar
Espera lá num cantinho.

A fonte de S. João
É uma nascente e tem valor
No alto de uma serra
Em que S. João é pastor.

Pastando suas ovelhas
De bordãozinho na mão
Anda sempre acompanhado
Quem andar com S. João.

Já lá foi vinte e quatro
Vamos para vinte e nove
Que tem muito que falar S. Pedro Pescador
Tem muitas histórias para contar.

S. Pedro é pescador
Lança ao mar sua barquinha
Rema, rema todo o dia
E só volta de tardinha.

S. Pedro sente-se feliz
Nas ondas no mar sagrado
Quem se junta a S. Pedro
Anda bem acompanhado.

Eu vejo que são corajosos
E suas almas são boas
Lançam as redes ao mar
Mesmo a volta das canoas.

Parecem ser honestos
Trabalham em união
Passa Jesus e convida-os
Para outra embarcação.

Vamos ao calhau de S. Jorge
Que há-de ser sempre lembrado
Porque em dia de S. Pedro
Estava sempre acompanhado.

À sessenta anos atrás
Eu lembro-me muito bem
Vinha gente de S. Jorge e de Santana
Também lá cantavam e brincavam
Passavam o dia bem.

A última festa que houve
Parece que estou a ver
A banda de Santana
Que foi bonito a valer.

E também comes e bebes
Melhor não podia haver.

Era uma vez por ano
Que esta festa se fazia
Pelas voltas do calhau
Saíam em romaria.

Ao chegar ao fim da tarde
Cantigas por toda a banda
Começavam no bailinho
E acabavam no charamba.

Eu vou dar por terminado
Tenho a caneta na mão
Agora já não fazem festas
Acabou a tradição.¹³³

Quadras de São João

A fogueira é para saltar,
A brasa para assar,
A sardinha é para comer,
E o vinho para beber.

O passado é para recordar,
O presente para viver,
O futuro para aguardar
E a sardinha para comer.

São João para ver as moças,
Fez uma fonte de prata.
As moças não vão lá,
São João todo se mata.¹³⁴

Quadras sobre o São João

Sardinhas e manjericos,
ando a cheirar pelo ar.
Que tal uma quadra fazer
ao meu Santo Popular?

São João,
São Joãozinho.
Quando não posso com o maior,
trago o mais pequenino.

Para fazer a fogueira,
vamos buscar pinhas ao Covão.
Depois saltamos a fogueira,
na noite de São João.¹³⁵

Tradições de São João Baptista

Existem muitos arraiais em honra de São João Batista, espalhados pela Ilha: nos Álamos, em São João da Ribeira, em São Martinho, no Porto Santo e na Penteada.

Na véspera, fazem-se algumas marchas porque é um santo popular. Este ano nas marchas da Penteada havia uma banda de música a acompanhar, havia carne de vinho-e-alhos, maçarocas, bolo do caco e pão com chouriço. Nestes arraiais costuma haver uma casa de chá, jogo do loto, bazares às romagens, conjunto de sistemas modernos, o bailinho da Madeira...

É tradição, também, colocar-se o louro à janela na véspera do Santo para que seja um ano abençoado. Como jantar de São João temos o atum com maçarocas, semilhas, feijão e batata-doce.

Santo António é a treze
São João a vinte e quatro
São Pedro a vinte e nove
São os Santos Populares
Que existem em Portugal.

Há marchas por todo o lado
E fogueiras para saltar
E as sortes para tirar
Há moças por toda a parte
Pois elas querem casar
Vamos todos marchar

Com o manjerico na mão
Para oferecer à eleita
Do seu terno coração.¹³⁶

Quadras Santos Populares - São João

Este dia de S. João
É um dia bem lembrado
Atum, maçaroca e feijão
Assim, ele é festejado.

As marchas de S. João
Fazemos com alegria
Cantamos e bailamos
Fazemos uma romaria.

Ó meu S. João de Braga
Ó meu belo marinheiro
Levai a nossa barca
Para o Rio de Janeiro.

Manjerição vira a folha
Quando o tempo está do mar
E também viro as costas
A quem não me sabe amar.

Na janela do meu quarto
Não quero manjerição
Dá-lhe o sol, vira a folha
Faz-me uma grande escuridão.

Recordo-me de ser criança
De ir à festa me alegrar
Ia-se à igreja ver o S. João
Depois, a casa regressar.¹³⁷

Os festejos de S. João noutros tempos

Naqueles anos os festejos de S. João eram mais alegres e divertidos do que agora. Faziam-se as grandes fogueiras que animavam as festas em que toda a gente saltava. Todas as portas ficavam enfeitadas com flores e canavieiras.

A música que alegrava as festas eram os cantares tradicionais.

Na noite de S. João as raparigas solteiras escreviam os bilhetes aos rapazes para namorar e casar. Os rapazes que abriam os bilhetes eram os namorados e muitas vezes acabavam por casar. Durante a noite de S. João jogávamos muitos jogos. O jogo do ovo, as raparigas deitavam a clara de um ovo, num copo com água, se aparecesse a figura de uma igreja era sinal de casamento, quando no copo ficava a figura de um barco era sinal de embarcar. Jogo da Bananeira: a rapariga espetava a faca na bananeira e no momento de a retirar na faca vinha o nome do rapaz com quem mais tarde se casava. Jogo dos papéis: escreviam em cada papelinho o nome dos rapazes de quem se gostava. Mais tarde, o papel que estivesse aberto mostrava o nome do futuro namorado.

As canoas eram bem enfeitadas com flores que nos passeavam nas ondas do mar. O povo fazia patuscadas com peixe frito e assado acompanhado de semilhas, feijão, maçarocas e vinho. Era um tempo pobre e simples mas alegre. Havia alegria e amizade.

Havia mais população que animava mais as festas. Nesses tempos as pessoas davam mais valor aos festejos dos Santos populares.¹³⁸

ARRAIAIS

Nossa Senhora do Monte

No dia 15 de Agosto
Dia de Nossa Senhora do Monte
Aguentei a noite inteira
A bailar no Largo da Fonte.

Nossa Senhora do Monte
Senhora tão pequenina
Desça cá abaixo à cidade
Para ser a minha madrinha.

Nossa Senhora do Monte
Tem agulhas e dedal
Para fazer o vestidinho
De Nossa Senhora do Faial.

Nossa Senhora do Monte
É madrinha de João
Eu também sou afilhada
Da Virgem da Conceição.

Nossa Senhora do Monte
Mora debaixo da neve
Se eu nasci para a desgraça
Nossa Senhora me leve.¹³⁹

Ponta Delgada

Este ano vou ao Monte
Para o ano à Ponta Delgada
Só com o desejo que tenho
De passar a Encumeada.



Este ano vou ao Monte
Para o ano à Ponta Delgada
Este ano sou solteira
Para o ano já sou casada.

No dia 6 de Setembro
Dia de Nossa Senhora da Ponta Delgada
Vê se te lembras
Debaixo daquela latada.¹⁴⁰

Festividades da freguesia da Madalena do Mar

A principal festa é a da Padroeira – Santa Maria Madalena, que se realiza a 22 de Julho ou no Domingo seguinte. É nesta época do ano que chegam muitos emigrantes que aproveitam para visitar os familiares e juntarem-se aos festejos, assim como os que vivem fora da freguesia procuram esta data para relembrar os tempos passados e estar em família.¹⁴¹



Festa do Santíssimo Sacramento

Esta é a última festa religiosa de Verão, que se realiza no último Domingo de Agosto.

Está a cargo da chamada confraria do Santíssimo. Todas as pessoas que fazem parte desta confraria contribuem anualmente com uma quota que depois é utilizada para a realização da festa religiosa e o tradicional arraial. No dia da festa as pessoas enfeitam a rua com verduras e muitas flores fazendo um tapete. Cada sítio tem a seu cargo enfeitar uma parte da rua por onde a procissão vai passar com diferentes motivos. Toda a gente gosta de caprichar e fazer o seu melhor para que tudo fique bonito na hora da procissão quando o S.S Sacramento passar e a respetiva confraria, anjos, promessas a banda de música e o povo em geral.

É uma das festas mais bonitas da freguesia.¹⁴²

S. MARTINHO

Quadras S. Martinho

Castanhas, castanhas,
Assadinhas com sal,
Quentinhas, quentinhas,
Que não te façam mal!

Saltitam, crepitam,
Toma lá e dá cá.
S. Martinho sem vinho,
Castanhas não há.¹⁴³

Versos de S. Martinho

Pelo S. Martinho
Eu faço um magusto.
Estalam castanhas
Mas eu não me assusto.

Ai vamos assar castanhas
Que é dia de S. Martinho;
Castanhas quentes e boas
Ai, eu te dou com carinho!

Pelo S. Martinho
Que ando a fazer?
Assando o bacalhau
Para se comer!

S. Martinho indo nos montes...
A cavalgar encontrou um pobre
Que lhe pediu uma esmola.
Como ele não tinha nada para lhe dar
Cortou a capa para o abafar.

Que dia de Outono tão belo!
É dia de S. Martinho.
Comemos bacalhau e castanhas
E tomamos uns copinhos de vinho.

Castanheiro dá castanhas
Menina, parta os ouriços!
Se adoecer
Não diga que são feitiços.¹⁴⁴

Quadras Populares sobre o São Martinho

Ó meu rico São Martinho
Ó meu adorado santo
Dá-me castanhas e vinho
É coisa que eu gosto tanto.

És padroeiro do meu pai
Serás sempre também meu
Quando a pipa a meio vai
Eu já espero um milagre teu.

São Martinho milagroso
São Martinho da alegria
Todos vivem ansiosos
Esperam pelo seu dia.

Foi São Martinho
Que trinta pipas encheu
Com um só cacho
E ainda bagos cresceu.¹⁴⁵

DE PRODUTOS

Festa da banana

É entre o mês de Junho ou Julho que se realiza a tradicional «festa da banana». É escolhida esta data visto que é a altura da melhor produção.

Todos os produtores da ilha têm a oportunidade de se candidatarem a apresentar os melhores cachos para a exposição para depois serem premiados em diferentes categorias: o mais pesado, o maior e o melhor em aspeto. Todos os proprietários são contemplados com um prémio de participação.¹⁴⁶

GADO

MORTE DO PORCO

Recordar é viver

Decidido. Vou passar para o papel uma recordação daquelas que “marcam”, mesmo os mais cépticos. A matança do porco pelo Natal. Era a primeira festa que

todos ansiavam a chegada.

Os meus pais fartavam-se de rir, deitados no seu quarto e nós noutro.

A nossa casa era de colmo, alcantilada em cima de um barranco. Á volta com recantos ajardinados, terra batida, com alguns empedrados mal talhado. Aparentava por fora pobreza, mas tínhamos fartura e não passávamos fome, porque ao lado havia poios onde crescia todo o tipo de verdura: couves, abóbora, feijão, maçarocas, uvas e árvores de frutos deliciosos. A casa era de madeira à volta e dentro frontais (divisões) também de madeira. Portanto, podíamos falar que todos ouviam.

- Pai tempo falta para a Festa? – quando eu for “à chama”, era urze seca que servia para “chamuscar” o porco (tirar-lhe os pêlos).

Toda a vizinhança tinha dia marcado. Mas o nosso, nada.

Um belo dia, aparece. Ao acordarmos, a chama do terreiro. Tinha chegado o dia. Que algazarra! Fazíamos uma roda de mãos dadas a cantar. Minha mãe levantava-se cedo, de véspera, para amassar o pão e bolos de centeio. Nessa noite não pregávamos olho e lá estávamos de pé ao amanhecer. Alumiava todo aquele cenário “dantesco” um simples candeeiro de folha chamado izabelinha.

Á hora marcada começava a chegar os convidados: tios, tias, primos e amigos. A primeira coisa era um “mata-bicho” (aguardente), para todo, depois a “matina” já era o petisco do porco: sangue frito com pão e vinho. Quando o porco estava branquinho penduravam-no e toca a convidar

os vizinhos para ver o porco, pretexto para oferecer um copo e um aperitivo qualquer.

À tarde vinha a fressura guisada muito amarelinha para comer com semilhas, inhame, batatas, que tinham ficado do almoço, bolos e pão. À noite, começava a pica do porco e espetadas – enquanto não vinha a “carne-da-noite”, que estava a cozer. Outra vez, carne, semilhas e arroz. Quando o porco já estivesse amanhado: salgado, vinho e alhos, tempero derretido, era hora da farra. Juntavam-se aos grupos: uns na bisca, outros a cantar e contar anedotas. Digam lá se isto não era festa?! Hoje tudo se perdeu e até não há motivos para as famílias se juntarem e confraternizarem.

Alegrias sãs eram aquelas que já se perderam e não voltam mais!¹⁴⁷

Histórias



O Rei do Feijão

O rei do feijão andava lavrando
Ouvindo a notícia, pôs-se logo andando
Vestiu o casaco d'algibeiras roídas
Meteu-se no brinco mais as raparigas.

O feijão é tão bom, cozido com maçarocas
Vejam como ele está, vestidinho até às botas. (Bis)

O Rei do Feijão já tem meio cento
Mas que nunca teve tão grande tormento
Com a capa seca que teve de usar
Nestes seus ouvidos sempre a ramalhar.

Tirado das montras, foram seus sapatos
Todos descosidos, roídos dos ratos
O rei do feijão tem muita alegria
Por chegar à festa deste grande dia.

Um dia de noite, foi roubar cebolas
Apanhou um susto, perdeu a ceroulas
Chegando a casa teve de mentir
Prá sua mulher a porta lhe abrir.

Quando chega ao tempo da festa das uvas
O rei do feijão, de pernas compridas
Muito bem disposto põe-se a bailar
Com a sua Maria que vai por seu par.¹⁴⁸

A história da minha vida (Feiticeiro do Norte)

Vou contar a minha vida,
à custa do meu trabalho.
Vão ouvir caros senhores
o que nesta história espalho.

A história da minha vida,
muito tem que contar.
É estreita e tanto comprida
que até faz admirar.

No dia que eu nasci
vinha como que esmagado.
Tive quase a passar a vida
deste para o outro lado!

Minha mãe comigo nos braços
mas o que havia de fazer.
O nariz a pingar ranho
e os queixinhos a tremer.

Levaram-me a toda à pressa
ao padre da freguesia.
Deitaram-me na cabeça,
três punhados de água fria.

Ainda mais tremia o queixo,
e o que me fez muito bem.
foi o calor que eu apanhei
no seio da mina mãe.

Depois de eu ser maior,
não fazia os seus mandados.
Levei muitas vergastadas
tudo pelos meus pecados.

Fiquei órfão aos catorze anos,
na flor da minha idade.
Como era ainda infante,
fiquei cego de vaidade.

Pois a vaidade era tanta
que para mim nada temia.
Nem o sol, nem a chuva,
nem a noite, nem o dia!

Eu cá mais os meus amigos,
pifamos e castanhamos com machetes e violas
Depois um dia mais tarde,
dei comigo às cambriolas.

Eu vi-me num certo dia,
dos amigos desprezados.
Com falta de mantimentos
todo roto esfarrapado!

Deram-me tantos conselhos,
mas eu nunca os quis tomar.
E logo me diziam,
o tempo vai-te ensinar.

Eu cá vivi sempre pobre,
numa casa de pobreza.
Quando pensei em casar,
falei a uma camponesa.

E lá foi a rapariga,
a casa de umas bordadeiras.
Onde estavam reunidas,
mais de vinte bilhardeiras.

As malditas bilhardeiras,
puseram-se a caçoar.
Que eu tinha a barba grande
e o cabelo para cortar.

Que era de olhos fundos
e de todo o mal feição
Era cambado das pernas,
e caía a cada passo.

Eu tinha uns beiços grossos,
como a beira de um alguidar
Com um rapaz assim
nunca devia casar!

E lá veio a rapariga
assim muito constrangida.
Mas ainda não ficou
desta vez arrependida.

Pois fez ela muito bem,
cumpriu a sua razão.
Já tinha dito que sim
e não quis dizer que não.

A minha vida foi sempre pobre
numa casa de pobreza.
De modo que hoje conto
sete filhinhos à mesa.

Às vezes uns adoecem,
vão para casa do doutor.
Um que tem uma pneumonia
e outro chora com uma dor.

Um cai e faz uma ferida,
na cabeça, pé ou na mão.
Outro chora amargamente,
as suas faltas de pão.

E agora vós meus senhores,
Se for da vossa vontade.
Podeis-me fazer o bem,
Por obra de caridade.¹⁴⁹

Pedido de namoro...

Uma menina estava sentada à janela e passou um rapaz...

(Rapaz)

A menina que está à janela
Seu cabelo penteado
Sois muito bonitinha
Não sei como não sois casada.

(Rapariga)

É verdade sim senhor,
Eu acho que tem razão
Amores eu tenho tido
Mas não lhes acho feição.

(Rapaz)

Se quase o papá quisesse
E a mamã o consentisse
Eu casava com a menina
No caso que me servisse.

(Rapariga)

Eu sei que o papá quer
E a mamã não via o dó
Toda a noite estou clamando
Que não posso dormir só.

(Rapaz)

Menina desça cá em baixo
Embrulhe-se neste capote
E vá perguntar ao papá
O que tem para seu dote.

(Rapariga)

É verdade sim senhor,
É coisa que o papá não faz
Basta a minha boniteza
Para o dote de um rapaz.

(Rapaz)

Menina diga ao papá
Que lhe procure outro dono
Que eu cá quero é dinheiro
Da boniteza não como.¹⁵⁰

Meu Testamento

Meu testamento vou fazer
A vida de um pobre galo
Quando estava para morrer:

Vou deixar o meu bico
Para o galo que for mais fraco,
Para quando brigar com outro
Lhe fazer mais um buraco.

Vou deixar o meu papo
Àqueles rapazes solteiros,
Que são os mais poupados
Para guardar os seus dinheiros.

Vou deixar as penas do lombo
Por serem as mais honestas,
Para as raparigas solteiras
Se enfeitarem para as festas.

Vou deixar as penas do rabo
Por serem as mais delicadas
As raparigas solteiras
Para às festas irem enfeitadas.

Vou deixar as penas do pescoço
Por serem as mais brilhantes,
Para senhoras casadas
Oferecerem aos seus amantes.

Vou deixar o miolo das tripas
Com toda a minha demasia,
Às velhas mais rabugentas
Que houver na freguesia.

Vou deixar as minhas unhas
Às pobres mulheres viúvas,
Para quando à noite estiverem na cama,
Se lhe comer, coçarem as pulgas.

Fica o pescoço e a moela,
Para comer da panela,
Quem for minha cozinheira!¹⁵¹

A Primavera da Vida

A primavera passei
Nos meus tempos de menina
Brinquei, saltei e corri
Esta foi a minha sina.

Da primavera florida
Saudades tenho meu Deus
Agora no meu outono
Não quero dizer adeus.

Tenho muito para dar
Ainda da minha vida
São os restos que ficaram
Dessa primavera florida.

Ainda menina e moça
Encontrei o amor
Desejando ser feliz
Eu lhe dei o meu melhor.

Agora vou recordar
Tudo aquilo que vivi
Pelo chão vou espalhando
Folhas soltas que não li.

Do livro da minha vida
Há folhas que estão vazias
Porque ficaram em branco
Escreve-las não valia.

Escreve-las não valia
No livro que não escrevi
São coisas tristes eu sei
Não quero lembrar aqui.

O inverno vai chegar
Um dia na minha vida
As folhas secas caídas
Pelo chão entristecidas.

Primavera foi tão linda
O verão foi muito alegre
Outono melancolia
inverno só frio e neve.

Queria chegar ao inverno
Se Deus assim o quiser
Quero que todos saibam
A vida desta mulher.

Alegrias e tristezas
Altos e baixos passei
Nem tudo foi negativo
Se fui feliz eu não sei.

Ai quem me dera voar
Por esse mundo além
Ao mundo poder gritar
Estou aqui eu sou alguém.

Nas asas dum passarinho
Eu desejava voar
Pra conhecer novos Sóis
Ir à Lua e voltar.

E poder dizer ao mundo
Que vale a pena viver
Nem tudo é negativo
Valeu a pena nascer.

Seguindo este caminho
Deus traçou o meu destino
Folhas mortas pelo chão
O vento arrasta em desatino.

Vem de novo a primavera
Tudo rebenta de novo
Outro verão outro outono
Outro inverno rigoroso.

São as estações do ano
Do ciclo da nossa vida
Pois só se vive uma vez
A primavera florida.¹⁵²



História da Madalena do Mar

A Madalena do Mar
Era linda de encantar
Mas um grande aluvião
Levou tudo para o mar.

A 1 de Fevereiro de 1582
Foi formada freguesia
Faz-se a festa todos os anos
Para lembrar esse dia.

Foi um rei da Polónia
Que fundou esta freguesia
Pôs-lhe nome Madalena
Do Mar lhe acrescentaria.

Esse rei era estrangeiro
Para cá veio viver
Depois duma peregrinação
Na terra santa andou a fazer.

Dizem os livros antigos
Que o rei era Ladislau III
Escolheu esta freguesia
E dela se fez sesmeiro.

Esse rei fez deste lugar
A Madalena do mar
Tão fértil, tudo produz
Café e açúcar veio a exportar.

Um dia vieram a saber
Que esse rei era procurado
Adorado pelo seu povo
Na Polónia era esperado.

Queriam que ele voltasse
Para a sua terra de novo
Como não queria regressar
O rei de Portugal queria vê-lo na corte.

Quando ia para o Funchal
No seu lindo barco
Para se apresentar ao rei
E dizer que era o rei polaco.

Ao passar Cabo Girão
Ia melancólico a pensar
Caiu uma grande quebrada
Que acabou por o matar.

Esse belo senhor
Na vida não teve sorte
Devido a uma praga
Que lhe rogaram e pediram a morte.

Morreu Ladislau III
Debaixo duma quebrada
Mais tarde morreu seu filho
Da mesma praga malvada.

Os anos foram passando
A vida continuava
Pescando e lavrando a terra
Os habitantes passavam.

No último dia do Ano de 1939
Ainda se estava na Festa
Começou a chover muito
Toda a gente estava alerta.

Começou a chover muito
Sempre sem nunca parar
Encheu o caudal da ribeira
Que acabou por rebentar.

O povo que aquilo viu
Disseram é o fim do Mundo
Por onde a ribeira passava
Rebentava e levava tudo.

Levou casas levou gado
Até pessoas levou
Levava tudo o que encontrava
Grande tristeza causou.

Levou o sítio mais bonito
Sítio da Rua chamado
Tinha muitas e lindas casas
Lojas de comércio e atacado.

Havia um engenho de moer canas
Uma fábrica de fazer massa
Muitas pessoas morreram
Outras ficaram sem nada.

Também havia uma loja
Onde tudo se vendia
Chamava-se a Samaritana
Era o nome que ela tinha.

O dono da loja foi buscar
O nome à Bíblia Sagrada
Queria que a Madalena se livrasse
Daquela praga malvada.

Muitos casais embarcaram
Que o governo as ajudou
Para o Brasil, Canadá, América e Venezuela
Começar de novo a vida que tanto custou.

Todos os Madalenenses
Têm orgulho na sua freguesia
Produz banana tão boa
E no Verão é uma alegria.

Esta é a nossa história
Que ouvi e sei contar
Para que ninguém esqueça
A história da Madalena do Mar.¹⁵³

Henrique Alemão, o Cavaleiro de Santa Catarina

Um dia talvez por acaso
Ou porque o destino o guiou
De longes terras viera
À minha terra chegou.

Foi o primeiro talvez
A chegar a este lugar
Gostou dela e aqui ficou
Até a morte o levar.

Misteriosa personagem
De porte altivo e sedutor
Moço belo e esbelto
Era esse nobre senhor.

Por cá ficou neste cantinho
Como dono e senhor
Mandou lavrar suas terras
Com muito esforço e suor.

Tinha um belo barco
Era onde viajava
Pois estradas não havia
Só no mar se navegava.

Casou com bela dama
Da corte de Portugal
Vivendo cá e passeando
Da Madalena ao Funchal.

Vivia para a família
Ocultando o seu passado
Ninguém sabia quem ele era
Tinha seu nome guardado.

Levando vida pacata
Em terras de sesmaria
Com sua esposa e filhos
E a sua serventia.

Sua casa era um solar
Dos mais ricos que havia
Pratas finas, peças raras
Diziam os que lá iam.

Os anos iam passando
Com agrado e primazia
No seu nobre solar
Seus amigos recebia.

Dava festas muito finas
Dignas dum grande senhor
Para os nobres desse tempo
Servidos com grande rigor.

Uma Santa Madalena
Que sempre o acompanhava
Mandou fazer uma capela
E nela a venerava.

Madalena foi o nome
Que deu a este lugar
Um apelido lhe deu
Chamando-lhe Madalena do Mar.

Mais tarde veio a saber-se
Que era rei muito amado
Pelo seu povo polaco
Na Polónia era desejado.

Era Ladislau III
Queria esquecer o passado
Numa batalha perdida
Em combate derrotado.

Mas houve um dia fatal
Que lhe causou seu final
Morreu no mar do cabo Girão
Numa ida para o Funchal.

Eis a história verdadeira
Do rei que queria ficar
Nesta bela freguesia
Da Madalena do Mar.

O seu passado aqui está
Da memória não vai passar
Ainda existe os restos do solar
Que o tempo não pode apagar¹⁵⁴.

Assunção de Nossa Senhora

A uma capa velha
Que São João deixou
A Virgem Maria
Ainda a aproveitou.

Escolhendo a parte
Menos gasta e puída
Desfaz-lhe as costuras
Tira-lhe a medida.

Talha uma roupinha
Para uma criança
Que era a mais rotinha
Da vizinhança.

Prestes a alinhar
Logo cose e prova
Que linda, que linda
Parecia nova.

Nesse tempo a Virgem
Quantos anos tinha?
Não ficou a conta
Era já velhinha.

Da idade, do cansaço
E do calor
Lento a invade toda
Um dólcido torpor.

As mãos escorregam
Ficam-lhe pependentes
As cigarras cantam
Nos trigais dormentes.

E a pendida fronte
Ainda mais pendeu
E a sonhar com Deus
Com Deus adormeceu.

Põe-lhe um manto um anjo
Curva-se a compô-lo
Outros anjos descem
Pegam nela ao colo.

Com as leves mãos
Plumagem de andorinha
Vão-na embalando
Como às criancinhas.

Embalando voam
Lá se vão com ela
Já lá vai mais alta
Que a mais alta estrela.

Outros anjos descem
Querem-na cantar
Caluda! Caluda!
Que pode acordar.

Que as almas dos justos
Um hino concertem
Silêncio, silêncio
Que não a despertem.

Jesus abre os braços
E já quer beijá-la
Mas pára, detém-se
Que pode acordá-la.

E a mãe da Senhora
Pedi-lhe a sorrir
Mais logo, mais logo
Deixai-a dormir.¹⁵⁵

Jesus no seu Natal

Naquela noite fria de Natal
O menino Jesus todo embocado
Meteu muitos brinquedos num bernal
E partiu para a terra carregado.

Com o bernal às costas veio então
Com seu passo ligeiro e miudinho
Como é sabido e conta a tradição
Pôr um brinquedo em cada sapatinho.

Para que num instante a dor humana
Em risos de alegria se tornasse
Não houve palácio nem choupana
Em que Jesus Menino não entrasse.

Quando tinha o bernal quase vazio
Meteu lá dentro a pequenina mão
Ao tirar um brinquedo descobriu
O bojo rebolado de um pião.

Um pião... e sorrindo de contente
O Menino Jesus pensou assim:
“Dei tanto brinquedo a tanta gente
Que posso ficar com este para mim”.

“Depois hei-de pedir à lua cheia
Um fio de luz para o deitar”
E o Menino Jesus só com esta ideia
Pôs-se a bater às palmas e a cantar.

Depois subindo ao céu a cada passo
Ele olhou para baixo para o chão
Com o olhar atravessando o espaço
A ver se avistava o seu pião.

Desde essa noite é que o Menino Deus
Passou a andar com a face abatidinha
Nem já corria alegre pelo céu
Ninguém sabia o que o Menino tinha.

Nossa Senhora carinhosamente
Perguntava-lhe morta de cuidado
Que tens tu meu amor? Andas doente?
Porque é que o teu olhar é tão magoado?

O próprio Santo António comovido
Por querer-lhe talvez como ninguém
Ao beijá-lo dizia-lhe ao ouvido:
“Conte ao seu amiguinho o que tem”.

“Não tenho nada”, respondeu ao frade
Mas ao santo causava-lhe estranheza
Ver os seus olhos cheios de saudade
Sempre fitos na Terra com tristeza.

Até que certo dia o pobre santo
Buscando-o inutilmente, espavorido
Começou a gritar banhado em pranto
Que o Menino tinha fugido.

Que alvoroço, que dor, que ralação
A Virgem Mãe chorando o seu destino
Pedi ao santo louca de aflição
Que fosse procurar o seu Menino.

Santo António partiu de Terra em Terra
Notícias do Menino perguntava
Nem a gente do campo nem da serra
Sabia dizer onde Ele estava.

Resolveu por fim ir à cidade
Talvez lá tivesse ido passear
Mas por mais que corresse o bom frade
Também não foi capaz de o encontrar.

Tinha o santo perdido toda a esperança
Quando num beco sórdido e sem luz
Vibrou o riso alegre de criança
Que ele reconheceu ser de Jesus.

Santo António cheio de alegria
Aproximou-se então devagarinho
Viu que o seu Menino ria, ria
A jogar o pião com o pobrezinho.¹⁵⁶

Os compadres e as comadres

Os compadres e as comadres
É uma antiga tradição
Antes de entrar na Quaresma
Vivemos com satisfação.

As mulheres faziam uns bonecos
Representando os compadres
Mas na semana seguinte
Os homens faziam as comadres.

Era uma grande festa
Festejada à nossa maneira
Que no dia dos compadres
As mulheres os lançavam à fogueira.

Mas na semana seguinte
Iam elas a queimar
Era a vingança deles
Para as comadres pagar.

Em tempos muito antigos
Não havia divertimento
E essas festas à maneira
Eram o nosso passatempo.

No dia de Carnaval
Haviam as malassadas
E havia algumas moças
Vestidas bem disfarçadas.

Os rapazes maliciosos
Para poderem descobrir
Iam dançar com elas
Mas tudo para se rir.¹⁵⁷

Jogos



Canções de roda: Jogo da Viuvinha

A viuvinha está triste
Que lhe morreu seu marido
Não tem quem lhe aqueça a cama
Anda com o sono perdido.

A Sra. Viuvinha
Com quem é que quer casar
É com o Sr. da Alemanha
Ou com o Sr. General.

Eu não quero esses homens
Que eles não são para mim
Eu sou uma pobre viúva
Ninguém tem dó de mim.¹⁵⁸

Canção de roda – Vai de galho em ganho

Refrão :

Vai de galho em galho	2x
Vai de flor em flor	
Vai de braço dado – 2x	
Vai de braço dado mais o seu amor.	

Muito chorei eu num Domingo à tarde – 2x
Aqui este meu lenço – 2x
Aqui está o meu lenço que fala a verdade.

Ah, seu ladrão, seu ladrão manjerico – 2x
Não queiras ficar – 2x
Não queiras ficar na praia sozito.

Na praia sozito não hei-de eu ficar – 2x
Eu hei-de ir à roda – 2x
Eu hei-de ir à roda escolher meu par.¹⁵⁹

Condessinha de Aragão

- Ó condessa, ó condessinha,
Ó condessa de Aragão,
Venho pedir-te uma filha
Destas três que aqui estão.

- Minhas filhas não as dou,
Nem por ouro nem por prata,
Nem por sangue de zaragata
Que me custou a criar
Com a ponta da minha agulha
E com o rabo do meu dedal.

- Ai que contente que eu vinha,
Que triste me vou achar!
Pedi a filha à condessa,
Condessa não ma quis dar.

Volta atrás ó cavaleiro
Se fores homem de bem
Entra aqui no meu chiqueiro
E escolhe a que for capaz.

- Esta quero, esta levo
Por seres a minha condessa
Que me come o pão da cesta
E o vinho da Calheta.¹⁶⁰

Os nossos brinquedos e brincadeiras

As nossas primeiras bonecas eram de trapos. Os trapos vinham da roupa velha que já não servia ou já estava rasgada.

O cabelo da boneca era feito de lã, que sobrava da feitura de camisolas e tela.

As roupas das bonecas eram vestidos “inteiros” e era feita com tecidos coloridos e floridos.

Estas bonecas eram feitas pelas próprias crianças, onde aprendiam os primeiros pontos de costura, para depois passarem para a tela e para o ponto “bordado Madeira”.

Antigamente as mulheres não usavam “calças compridas”, e quando as usavam era de noite e às escondidas, para ninguém ver, por vergonha.

As crianças, principalmente as meninas, brincavam ao faz-de-conta. Brincavam “às mães e às filhas”, faziam o

batismo da boneca, com oração e a respetiva festa.

Os meninos brincavam ao pião e faziam os carros de canavieira e verga. Também tinham carros feitos de “folha”, feitos pelo artesão. Estes eram carrinhos de carga, ambulâncias e táxis. Também havia carroças feitas em madeira e em pequenos troncos de árvore.¹⁶¹

Lendas



Lenda da sereia de Machico

Um dia um pescador viu uma sereia junto ao farol.

Eles apaixonaram-se e todos os dias a sereia vinha ter com ele à hora combinada, até que um dia, o pescador atrasou-se e alguém tirou o cabelo à sereia para que ela lhe trouxesse riqueza do fundo do mar.

A sereia trouxe todo o ouro que encontrou, mas não lhe foi devolvido o cabelo. Esta, com vergonha de aparecer ao pescador assim sem cabelo, nunca mais apareceu.

Diz-se que o pescador morreu de tristeza.¹⁶²

Lenda

Conta-se que a mãe de São Pedro estava no Purgatório já há muito tempo e sempre olhava para o filho porteiro do céu com orgulho que seria a primeira a entrar no céu.

São Pedro nunca a esquecia e pedia sempre a Deus por ela.

Um dia Jesus disse-lhe:

- Diz à tua mãe que “suba” e que todas as almas que puderem se agarrar a ela que venham.

A mãe de São Pedro ficou contente e começou a subir junto com todas as pessoas que se puderam agarrar a ela. Mas, a meio caminho disse:

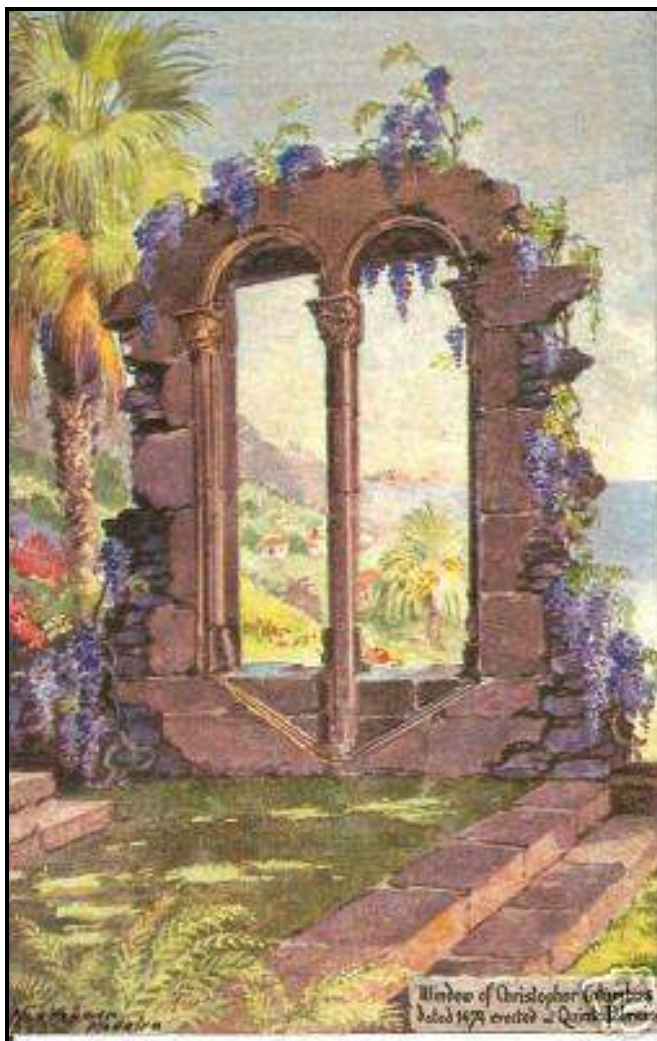
- Eu vou que foi o meu filho que pediu, mas vocês...”

E sacudiu-se das outras almas.

Ela foi para o fundo e as outras almas foram para o Céu.

Conclusão: “A soberba nunca foi boa conselheira”.¹⁶³

Lengalengas



Lengalenga “ Que está? ”

- Que está na telha?
- Uma maçã vermelha.
- Que está na escola?
- Uma mosca na cartola.
- Que está na piscina?
- A mãe com uma menina.
- Que está no avião?
- Um piloto ou capitão.
- Que está no quadro?
- Um velho engraçado.
- Que está no mercado?
- Um velho engraçado.
- Que está na ribeira?
- Uma velha barqueira.
- Que está na latada?
- Uma cabra amarrada.
- Que está no arvoredor?
- Um bicho que mete medo.¹⁶⁴

Popular

Pedro Paulino Pereira Pinto Pimenta

Pobre pintor português

Pinta paredes, painéis

Por pouco preço

Precisando podem perguntar

Praça pública, porto, Portugal.¹⁶⁵

Medicina Popular



CURA DO AR

Oração

Em nome do Pai,
do Filho e do Espírito Santo.

Aqui eu curo
Com galho de alecrim
Nove vezes cada dia.

Ar do caminho,
Ar do menino,
Ar da porta,
Ar da cama,
Ar do morto,
Ar do vivo,
Ar do estrep passado,
Do santíssimo sacramento,
Te queira por
Onde não oiças machado cortar
Nem o galo cantar
E te vá por
No prego do mar.¹⁶⁶

Oração Ar do Sol

Reza-se quando alguém apanha muito sol na cabeça e por causa disso fica estonteado e com picadas na cabeça.

Onde vais Santa Iria?

Eu vou curar o meu filho do sol e calmaria.

Volta atrás ó Santa Iria que o teu filho está curado com uma toalha de linho, um copo de água fria.

Reza-se um Pai-Nosso e uma Ave-Maria.

Repetir o processo sete vezes.¹⁶⁷

Oração para curar as tonturas

Reza-se se levar com muito sol na cabeça.

Eu ia por mar fora, encontrei a Santa Irias, o Senhor lhe perguntou: “o que fazes aqui Iria?” “Senhor venho curar a minha filha do sol e da lua e da calmaria” “Pois cura com nove pontas de pano branco e um vidro de água fria e um Pai-nosso e uma Avé Maria.

Tem se dizer várias vezes, sempre em número ímpar.¹⁶⁸

Rezas de antigamente

Antigamente, quando as pessoas tinham dores de cabeça ou a cabeça tonta não iam ao médico porque não havia médicos nem remédios como hoje, então alguém as curava com umas orações. Se achassem que era ar que tivessem, apanhado de alguma porta ou de alguma janela, então iam a casa da pessoa que sabia essa oração.

Para “curar do ar”, a oração era assim:

Diz-se o nome da pessoa, por exemplo, Maria ou Manuel, quem te deu este ar. Se é ar de caminho, se é ar de igreja, se é ar de levada, nosso Senhor te queira levar, para aquele mar que é rico e poderoso, pode com o bom e com o mal, casa aguada, coberta com palha, por onde este mal entrou, por lá saia, ou pelo seu próprio lugar, que este corpo é pobre, já não pode mais suportar.

No fim da oração reza-se o creio em Deus Pai.

Antigamente havia pessoas que se apanhassem muito sol achavam que tinham de se curar, então, para “curar do sol” rezava-se esta oração:

Santa Iria, pelo mar abaixo iria, encontrou nossa Senhora, nossa Senhora lhe disse.

- Para onde vais Santa Iria?

- Vou curar o meu filho do sol e da calmaria,

- O teu filho eu curarei com uma toalha de linho, cinco grãos de trigo e um copo de água fria, e em nome de Deus e da Virgem Maria.

Também havia pessoas que achavam que tinham mau-olhado porque sentiam a cabeça tonta, mal dispostas

e achavam que era inveja. Então lá iam a casa de uma pessoa que curava e a oração era esta:

Pessoa de Deus, e das três pessoas da Santíssima Trindade, eu te curo e te ponho em tuas mãos, Santa Ana, Santa Isabel, São João ao pé da cruz, escrivão de Nosso Senhor Jesus Cristo, não criou nem enverdeça este mal, que aonde o nome dele tiver, que no mar o vá deitar, que este corpo é pobre, já não pode mais suportar.

Depois desta oração reza-se uma Avé Maria.¹⁶⁹

CURA DE ABERTO

Oração: Curar de Aberto

Jesus ia por um caminho e S^{ao} Tomé encontrou,

- Que fazes aqui Tomé.

- Senhor estou coxo e manco de um pé.

-Levanta-te Tomé.

- Senhor não posso, estou coxo, manco de um pé.

-Levanta-te Tomé.

- Senhor não posso, estou coxo, manco de um pé.

- Levanta-te Tomé quem da minha

Sagrada Morte e paixão se lembrou

Carne aberta, nervo soldou

Deus esta conosco.

(Dizer 3 vezes ou 5 ou 7 – sempre impares)¹⁷⁰

Cura de Aberto

O que é que eu curo? (Carne quebrada, aberta, demitida e desconjuntada- estas palavras diz o doente.)

Isso mesmo coso com a virgem sagrada se é carne quebrada, torna à tua casa se é veia, torna a tua cheia, se é aberto, torna ao teu testo. Porque assim eu coso neste novelo fofo sem tocar no osso assim como eu coso em vão sem crucifixação Santana pariu a Virgem a Virgem pariu Jesus assim como isto é verdade carne soldes tu...

(Quem cura faz um novelo de lã e uma agulha com linha e enquanto vai dizendo estas palavras vai cosendo no novelo não deve coser em cruz só para cima e para e para baixo, Cura-se nove vezes em nove dias seguidos).¹⁷¹

Oração para quando se tem a perna partida, ou quando se dá um jeito, ou se tem uma “abertura”

Carne aberta, rendida e demitida(*), por isso mesmo é que eu te curo em nome de Deus e da Virgem Maria. Eu ia pelo caminho e encontrei São Tomé. O Senhor lhe perguntou: “ O que fazes por aqui Tomé?” “Senhor estou manco e coxo dum pé” “ Pois levanta-te Tomé quem das minhas cinco chagas se lembrar carne aberta, rendida e demitida, tornará virtude e voltará seu soldo”

(*) *Rendida e demitida significa magoada ou pisada.*¹⁷²

CURA DO MAU OLHADO

Oração: Cura do mau olhado

Eu te curo com o nome de Deus e da Virgem Maria (Nome) foi o nome que o Padre te pôs na pia.

Se te invejaram, no teu comer, no teu vestir, no teu calçar,

Na tua casa, no teu bem vestir, no teu lar, no teu casamento.

O Senhor todo poderoso seja por Deus Todo poderoso.

De levantar deste corpo que é tão pobre.

Não se pode sustentar.

Alecrim (3 vezes) leva-me este mal e dá-lhe mau fim.¹⁷³

Cura do Olhado

Te curo (*nome da pessoa*) alecrim verde que nasce no campo. Virgem Nossa Senhora tirai este mal, este olhado, esta inveja. Pai do Filho e Espírito Santo, homem bom, mulher vária, casa aguada cama de palha por onde este mal entrou que saia.

Te curo (*nome da pessoa*) alecrim verde que nasce no campo Virgem Nossa Senhora tirai este mal se é do cobrante Te curo (*nome da pessoa*) o teu nome foi posto na pia com Deus Pai, com Deus Filho, da constipação tirai

o ar e o frio deste cristão frio vai-te para a serra ar vai-te para o mar que este corpinho é pobre não te pode sustentar.

Cura-se nove vezes nove dias seguidos.¹⁷⁴

Reza para o mau-olhado

(3 folhas de alecrim ou louro e benze-se a diz-se o nome da pessoa. Também tem de se ímpar.)

Jesus Cristo encarnou na Santa Encarnação. Jesus queira tirar o mal deste cristão. Se foi frio, se foi ar de constipação. Se foi ar no comer, se foi no beber, se foi no acordar, se foi no levantar, se foi ar da igreja, ar de caminho, ar de ribeiro, ar no andar, no rir, no falar, no dormir, se foi ares atravessados, encanados, invejados ou de homem ou de mulher, vai-te *pá* serra, vai-te *pó* mar, está um dever para te agarrar, este corpo é pobre, não te pode sustentar.

OFERECIMENTO – leve para o fundo do mar onde não oiça galo cantar, nem ovelha berrar, nem um menino chorar. Diz-se 3 Pais-nosso, 3 Avé Marias e 1 Credo.

Reza para curar da inveja

Tem de se benzer.

Alecrim bento que nasce no campo (depois diz-se o nome da pessoa) com o poder de Deus e da Virgem Maria tira esse mal e esse cancro. Se é ar de morto, se é de igreja, se é de caminho, se é de cemitério, se é de ribeiro, se é de

janela, ou de homem ou de mulher, ou no comer ou no beber. Oh olhado atravessado vai para longe para onde não haja cristandade. Jesus Cristo criou e remiu com seu sangue, ámen. Nossa Senhora da Encarnação ponha a sua santíssima mão e venha o senhor São João curar e tirar do ar, ou da constipação, ou sã constipação, ou ar do reumático, ar frio, ao olhado, à inveja, manda curar o divino Espírito Santo, e o santo servo de Deus se não tens quem te cure, curo-te por amor de deus.

*(Depois diz-se um pai-nosso e uma Avé Maria e de seguida diz: “Ofereço estas curas que eu rezei a nossa senhora e ao santo servo de Deus que ponha esse corpo são e salvo para servir e amar Deus como dantes.”)*¹⁷⁵

Cura de olhado e de inveja

“Maria, foi o nome que te puseram na pia, eu te cure com o nome de Deus e da Virgem Maria, de olhado e de inveja e de mal empresado e atravessado, no teu comer e beber e no teu trabalhar em todo o teu corpo e no teu crescer e em toda a tua gordura e em toda a tua formosura. Eu te cure, em louvor do senhor São Cristóvão, foram dois que te deram e três que te hão-de tirar, que é as três pessoas Divinas da Santíssima Trindade, vai-te maldita inveja para o meio daquele mar onde tu não oiças falar nem galo cantar, nem gado bento berrar sou eu que te cure e Deus que sare que é Deus Pai e Deus filho e Deus Espírito Santo.”¹⁷⁶

Curar do Mau-Olhado

Maria, o nome que o padre te pôs na pia
Com o nome de Deus e Virgem Maria
Se é o Mau-olhado
Ou o mal invejado
Que desapareça deste curado.

Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis. Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho Unigénito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos: Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro; gerado, não criado, consubstancial ao Pai, por Ele todas as coisas foram feitas. E por nós, homens, e para nossa salvação desceu dos céus, e encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria e se fez homem. Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos, padeceu e foi sepultado. Ressuscitado ao terceiro dia, conforme as Escrituras; e subiu aos céus, onde está sentado à direita do Pai. De novo há-de vir em sua glória, para julgar os vivos e os mortos; e o seu reino não terá fim. Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida, e procede do Pai e do Filho; e com o Pai e o Filho é adorado e Glorificado: Ele que falou pelos Profetas. Creio na Igreja una, santa, católica e apostólica. Professo um só Baptismo para remissão dos pecados. E espero a ressurreição dos mortos, e a vida do mundo que há-de vir. Ámen...

(Repetir nove vezes)¹⁷⁷

CURA DE ERISIPELA

Cura de Erisipela

Erisipela, erisipelinha branca branquinha vermelha vermelhinha negra negral. O que vens aqui buscar? Venho comer esta carne, venho beber este sangue venho roer estes ossos.

Esta carne não comerás este sangue não beberás estes ossos não roerás que eu te corte. O doente responde:”- *Que eu te corte.*”

Quem cura pega num pequeno pau e dá um corte e continua: *(e hei-de cortar e hei-de esconjurar para as bandas das águas do mar onde não oiças nem galo, nem galinha cantar, nem Nossa Senhora pelo seu bendito filho bradar em louvor de Deus e da Virgem Maria. Reza-se um Pai- nosso e uma Ave – Maria).*

Cura-se nove vezes seguidas¹⁷⁸

Reza para curar a Erisipela

Ah meu Deus de sabugueiro, que ao sol foste criado, apaga este fogo que neste corpo está a agarrado. Pedro e Paulo e Juliano foram a Roma e o senhor lhes perguntou: “ O que vai por lá?” “Morre muita gente com a erisipela e o erisipelão mau, pois volta lá e talha com a saliva da oliveira e uma pena de galinha e um pai-nosso e uma Avé Maria.

*(tem de se escolher 3 pontas do sabugueiro, 9 vezes, e uma pena de galinha que já tenha posto ovos e azeite e põe-se em cima do sítio onde se tem a erisipela.)*¹⁷⁹

CURA DO BUCHO

Curas para o “Bucho virado”

- Eu que te cure e Deus que te sare, onde ponho as minhas mãos, ponho as minhas esperanças. Se é bucho virado, se é encostado, vai ao teu lugar que a Virgem Maria te manda curar, te manda curar o Divino Espírito Santo e o santo servo de Deus, se não tens quem te cure, eu curo-te por amor Deus.

(Tem que se dizer várias vezes, sempre em número ímpar.)

Estas santas curas que eu rezei ofereço a nossa senhora e ao santo servo de Deus que ponha esse corpo são e salvo, para servir e amar a deus como dantes.

- Eu te curo (nome da pessoa), eu te saro, o bicho encostado, do ventre caído, ponho o teu levar, que a virgem Maria te manda curar, vem o senhor Santo António, santo servo de Deus, não há quem cure, cure eu por amor de Deus.

*(Tem de se fazer a reza com banha e azeite, esfrega-se nos braços, nas pernas e nas barrigas, e faz-se uma cruzinha. Tem de ser dita em número ímpar.)*¹⁸⁰

CURA DE TORCICOLO

Reza para curar torcicolo

Põe-se óleo e diz-se: “veia cavalgada nervo e veia toma a tua cheia”.¹⁸¹

REMÉDIOS

Remédios

Queimaduras – raspa e baba de semilha.

Dormir – chá de laranjeira com leite.¹⁸²

Como podemos usar as sementes de moganga

Benefícios do tratamento:

Elimina os vermes e até retira, do intestino, a “Solitária”. Ótimo para a saúde. Atenção a pessoa só saberá se tem a bicha-solitária se vir ovos na roupa interior.

Como preparar:

Retirar as sementes da moganga (que seja bem madura) e juntar um pouco de sal. Pode torrâ-las numa caçarola e trincá-las.

Como preparar o tratamento:

De manhã, em jejum, comece a trincar as pevides e não coma mais nada sem acabar de trincar as sementes da moganga até ao fim. Tome depois um copo de bebida

alcoólica, por exemplo Whisky. Deve esperar até evacuar.

O efeito do álcool é para embebedá-la obrigando-a a sair da cavidade intestinal e depois sair junto com as fezes. Só depois dela sair é que é aconselhável comer uma açorda.¹⁸³

Chás

Limão – para as dores de cabeça, colesterol e gripes.

Erva-cidreira – para o colesterol e nervos.

Erva-doce – acalma e para adormecer.

“Sirralha” – para a pneumonia e para “picas no coração”.

“Madre” Louro – para o estômago e colesterol.

Alfazema – para as dores de cabeça.

Flor de castanheiro – para baixar o colesterol.

Alecrim – para a dor de cabeça.

Tomateiro – para a diabetes e colesterol.

Carqueja – para a dor de cabeça, coração e colesterol.

Funcho – para os nervos.

“Pata de galinha” – para o estômago.

Anilinha – para o estômago.

Arruda – para as dores no corpo.

“Tentaje” – para a bexiga.

“Cabelo de milho” – para intestinos.

Casca de cebola – para cabeça e gripe.

Linhaça – para passar mais rápido as nódoas negras.

Alface – para baixar a tensão arterial.

Folha da vinha – para a bronquite.

Marcela – para o estômago.

Alho – para baixar a tensão arterial.

“Estrelinha de anis” – para cólicas dos bebês.

“Abundância” – para o coração.

Folha de pêra-abacate + folha de nespereira + folha de Malpica – para parar a diarreia.

Alfavaca – intestinos.

“Vinho fervido” – para dor de barriga e garganta.

Salsa – para secar o peito (quando se amamenta), nervos.

Segurelha – para dormir e para vir as “dores de parto” (contrações) mais rápido.

Aboliana (3 folhas) + Alegre campos (3 folhas) + um troço de salsa – para os nervos.

Folha de maracujá seca – para os nervos.

Folha de nespereira – para a tosse.¹⁸⁴

Namoro



Os pais eram exagerados ou as filhas não sabiam escolher o par?!

Faz cinquenta anos que me apaixonei pela primeira vez. Conhecemo-nos no mar. Ele era pescador e eu sempre o esperava no calhau. Não lhe falava. Ficava calada a olhar. Com os olhos envergonhados esperava que ele falasse. Passaram dias e nada. Nem um aceno de mão. Naquela manhã fui feliz quando me deu algumas lapas para levar para os meus pais. Corri para casa para entregar a oferta. Outro dia ganhei coragem e agradeci ao rapaz as lapas e outros peixes. Ele falou-me em namoro, em casamento... chorei de alegria com tanto entusiasmo.

Na hora combinada lá foi ele a casa dos meus pais pedir consentimento: “- Com a sua filha quero casar”.

De nada valeu a simpatia dele. Os meus pais negaram. Era pescador pobre. Responderam os meus pais.

Triste, saiu espalhando palha desde a porta de meus pais até à porta de casa dele.

Este amor nasceu no mar e no mar ficou.¹⁸⁵

Versos do Dia dos Namorados

Meu amor

Disse que vinha mas não veio

Amanhã por esta hora

Tenho carta no correio.¹⁸⁶

Meu amor disse que vinha
Quando a lua viesse
A lua já vai tão alto
E meu amor não aparece.¹⁸⁷

Ó sol que vais tão alto
Levas tanto calor
Leva-me nesses teus raios
Para os braços do meu amor.¹⁸⁸

E daqui estou a ver
A casa do meu amor
Uma laranjeira à porta
Carregada de flor.¹⁸⁹

No meio daquele mar
Está uma pimenteira
Onde o meu amor se encosta
Quando vem para a Madeira.¹⁹⁰

Acolá fora na barra
Está um pinheiro florido
Não há nada mais bonito
Que a mulher e o marido.

No meio daquele terreno,
Está um grande ananás
Não há nada mais bonito
Que uma rapariga e um rapaz.¹⁹¹

Ofícios



Agricultura na Madeira

A ilha da Madeira é constituída por três andares de vegetação: o da faixa litoral, tropical, a faixa acima, mais larga, constituída por áreas das vinhas; o terceiro andar, de altitude, coberto de matas. A arborização das zonas altas não constitui uma atitude de não aproveitamento de terreno, mas da sua preservação quanto à erosão e manutenção da água. A beleza incomparável da densa vegetação vestindo os vertiginosos perfis das montanhas tem a sua pesada contrapartida nessa operosidade de escravo que muro após muro, ao longo das vertentes, formou assim os poios, com os seus renques de regos impecáveis, e uma sinuosa orografia.

Na publicação de 1953, "Madeira – A Epopeia Rural" do Professor Engenheiro Joaquim Vieira Natividade realça o trabalho notável dos socalcos e afirma a dada altura (...) *E o homem, o pigmeu, atacou a montanha. Durante séculos não cessou o trabalho rude da picareta e da alavanca, e à custa de vidas, de suor e sangue talharam-se na rocha as gigantescas escadarias, sem que o alcantilado das escarpas, a fundura dos despenhadeiros ou a vertigem dos abismos detivessem os passos do titã. Monumento este único no mundo, porque jamais em parte alguma, com tão grande amplitude, tanto esforço humano foi empregado na conquista da terra. É possível contemplar ao longo da Madeira, zonas rurais onde os poios se apresentam em múltiplos tons resultantes das diversas culturas hortícolas e frutícolas, lembrando um*

enorme mosaico natural. Os socacos ostentam a pedra natural da Região, o basalto.

Os camponeses procuravam as culturas mais favoráveis e sabiam muito bem que o sustento se baseava no trigo, centeio ou cevada, algumas verduras, a pouca carne que de longe em longe resultava do gado das serras ou a galinha a que às vezes se torcia o pescoço. Um pouco mais tardia é a cultura do inhame, muito fértil em terras húmidas e que normalmente despertava a curiosidade do visitante estrangeiro, depois, por ordem surgiram outras culturas – batata-doce, milho e a batata que no arquipélago é designada por “semilha”. Todas estas culturas, se revelaram, no futuro, parte integrante da dieta rural do pobre. Todavia o regime de monocultura (açúcar e depois o vinho) prejudicou imenso o camponês e foi a causa de várias épocas de fome. Cultivava-se as vinhas nos terrenos mais ricos e em cotas mais perto do litoral, enquanto os cereais são postegados para as mais inacessíveis zonas altas.

É constante a debilidade económica do camponês madeirense, dependendo da sua rebaixada condição social. Foi injusta e infeliz a vida do camponês da Madeira antes e ainda depois da revolução de 1820. As dificuldades que suportou, inclusive períodos de fome intensa que o levava à miséria e emigração, resultaram sobretudo do interesse dos senhorios em constituir monoculturas e em se apossarem das águas para as regas. Por isso, consignada a terra aos extensos vinhedos, junto às suas humildes palhoscas, o rural cultivava um tipo de horta que espanta

alguns dos visitantes estrangeiros, pela mistura das plantações: couves e milho entre trigo ou batata-doce e semilha

É compreensível esta situação: mesmo em período de crise, o vinho é a cultura mais segura para o senhorio; ao colono relegam-se terrenos menos produtivos e em partes mais altas, pelo que, junto à residência, aproveitam-se todas as nesgas de terreno para o cultivo dos produtos referidos e outras verduras, que constituirão a dieta do camponês, ocasionalmente acrescentada, em dias festivos, pela pouca carne ou peixe.

As mulheres tratavam dos afazeres domésticos, ajudavam os maridos nos campos e iam às serras de onde transportavam pesadas cargas de lenha. Refira-se que o regime de colónia era suavizado pelo trabalho de favor, compensado com alguma bebida que se oferecia, ao que se seguia, por parte do trabalhador favorecido, a sua disponibilidade para futuros serviços, como contrapartida.

Gourlay classifica os camponeses madeirenses como *sóbrios, pacíficos, poupados e capazes do trabalho mais árduo, que até os debilita*. Nicolau Pitta refere que *o camponês cultiva as vinhas e suas mulheres e filhos colhem os alimentos para o gado e a giesta como combustível, através de longas e difíceis caminhadas*. Por sua vez, Duncan Mac Claren salienta que *as mulheres são condenadas a um trabalho árduo, enquanto os homens trabalham nas vinhas, elas deslocam-se às serras a apanhar lenha que transportam em grandes molhos para*

a cidade a fim de angariar algum dinheiro, sendo ainda obrigadas a tarefas domésticas.

Esta última atividade – a de transportadora de lenha - é muito apontada pelos estrangeiros que se espantam com esta vida dura, em que carregam troncos de madeira para vender na cidade ou molhos de mato e de lenha para uso doméstico, nas suas pobres casas de aldeia. E o que ganham com o seu trabalho? Apenas para viver e uma alimentação precária, tão insuficiente que os obriga, por vezes, à mendicidade. Alimentam-se dos produtos da terra e raramente saboreiam um pouco de peixe seco e carne salgada.¹⁹²

Bibliografia:

- BRANCO, Jorge Freitas – *Camponeses na Madeira. As bases materiais do quotidiano no arquipélago (1750-1900)*, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.
- MARQUES, A. Oliveira. *Introdução à Agricultura em Portugal*. Lisboa: Cosmos, 1976
- NEPOMUCENO, Rui Firmino Faria - *A Madeira vista por escritores portugueses: séculos XIX e XX*. Funchal: Funchal 500 anos, D.L. 2008.
- PACHECO, Dinis Gouveia. *Sociedades e Estratégias Empresariais nos Sectores Agro-Industriais do Vinho e da Cana Sacarina na Madeira (1870 –1930)*
- RIBEIRO, João Adriano. *A Baixa da Freguesia de Santa Maria Maior*. Santa Maria Maior: Junta de Freguesia, 2007.
- SILVA, António Ribeiro Marques da – *Apontamentos sobre o Quotidiano Madeirense (1750-1900)*, Lisboa: Caminho, 1994
- VIEIRA, Alberto. *O Público e o Privado na História da Madeira*. Funchal: CEHA, 1996-1998, Volumes 1 e 2

Amola-tesouras

O senhor José Pereira começou a trabalhar aos dez anos como amola-tesouras. Aprendeu sozinho pois a necessidade assim o obrigou.

Tinha uma pedra (253smoriz) onde amolava facas e tesouras. Começou aos poucos mas com o tempo as pessoas solicitavam os seus serviços. Levava a sua pedra numa caixa e tinha um apito caraterístico para chamar as pessoas à rua. Também consertava guarda-chuvas a partir de outros já estragados. Percorria toda a ilha, primeiro a pé, e a partir dos dezoito anos comprou o seu primeiro carro, um Citroen que lhe custou 42 contos na altura, novinho em folha. Foi um dos primeiros automóveis da sua freguesia. Nessa época era uma boa profissão mas com o passar do tempo deixou de o ser. As pessoas já não queriam consertar nada, preferiam comprar coisas novas e o senhor José teve que procurar outro meio de subsistência. Foi ourives, consertou relógios, foi camionista e fez imensas coisas...mas recorda com carinho e saudade o seu primeiro ofício.¹⁹³

Boieiro



O Boieiro era um ofício antigo (profissão) de um homem que guardava ou conduzia o boi no serviço de transporte de carga (géneros ou mercadorias) e ocasionalmente pessoas.

Geralmente eram dois homens: o mais novo ia à frente segurando a corda, era chamado “O candeeiro”, o que ia atrás e enfiava o sebo, e era o dono do boi, era o *Boieiro*.

Este transporte, puxado pelo boi e orientado pelo boieiro/candeeiro divulgou-se por toda a Ilha, desde os primeiros tempos da colonização, devido, sobretudo, aos condicionalismos orográficos e era utilizado no transporte dos mais diversos artigos.

O boieiro criava o boi, que era selecionado no tamanho, força e capacidade de obedecer às orientações do boieiro quando era posto na canga. Passava o dia nesse

trabalho, por isso levava o comer numa cevadeira, feita de retalhos e quando ia para lugares escassos em erva, também levava comida para o animal. Os trabalhos eram pagos ao dia ou por carga.

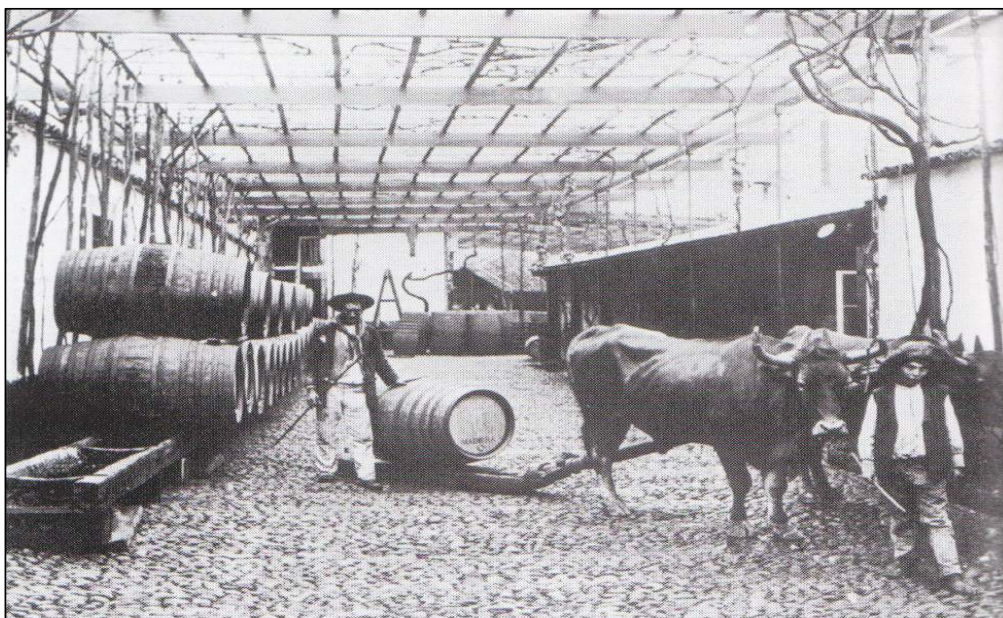
Aqui em Santana, até à década de setenta/oitenta, do século passado, era o único meio de transporte para cargas de pesos que o homem não podia transportar às costas: lenha, mato, madeiras (troncos), que depois iam para a serração para



serem transformados em tábuas, depois usadas nas habitações e nos palheiros do gado; transportava-se, também, erva para o gado que vivia nos palheiros e mais recentemente transportava-se os produtos hortícolas até às estradas já asfaltadas onde eram transferidos para os “carros de carga” que os levava ao seu destino: casa ou mercado do Funchal. Quando as estradas chegaram a todos os sítios, extinguiu-se este transporte e com ele, esta profissão não havendo, atualmente, um “aparelho” completo de corsa e canga nas famílias onde havia este ofício.

Materiais:

- boi;
- canga (jugo que se aplica ao pescoço do boi) com “cansis” (mais brocha – corda torcida, colocada nos cansis por debaixo do pescoço do animal);
- cansis (dois pedaços de pau com mais ou menos três palmos de comprimento que se enfiavam na canga, passavam por detrás das orelhas e eram ligados, à frente, pela brocha;
- solas (as duas varas que ligam a canga à corsa);
- corsa (carro sem rodas ou veículo de arrasto, geralmente puxado por animais);
- sebo (pedaço de saca com gordura de animal que se metia à frente da corsa em andamento para esta deslizar melhor nos caminhos de calçada).¹⁹⁴



Padeiro

O irmão da senhora Isabel, Manuel Pestana, era padeiro. Começou este ofício aos 13 anos de idade a distribuir o pão pela freguesia. Ia a pé, muitas vezes descalço pois os sapatos que tinha eram para ir à missa. Levantava-se muito cedo para ir trabalhar.

Nessa época havia seis moinhos a funcionar na freguesia de São Vicente e por essa razão era produzida muita farinha. Também havia uma fábrica de massa no sítio do Passo.

A padaria tinha um padeiro, um forneiro e dois “carteiros do pão” (os funcionários que distribuíam o pão). O senhor Manuel começou como carteiro do pão e com o tempo tornou-se aprendiz de padeiro. Todos os dias à meia-noite levantava-se para ir para a padaria. Lá, amassava pão preto e pãezinhos de 320 gramas, entre outros. Também faziam pão-de-ló nas ocasiões especiais, sobretudo na Páscoa e nos Espíritos Santos.

Nessa época o pão era amassado de forma manual em alguidares grandes, as “masseiras”. Amassavam à luz de archotes pois não havia energia elétrica. O pão era transportado em grandes cestos de vimes com duas asas. As toalhas para pôr o pão a levedar eram feitas a partir dos sacos de farinha. Esses sacos também eram utilizados para uso doméstico para fazer toalhas de mesa, sacos para fins variados e para “mochilas” da escola. Alguns desses sacos sobreviveram até à atualidade.

A certa altura o senhor Manuel ainda tentou mudar de vida e emigrou para Moçambique, como tantos outros nessa época. Mas acabou por regressar à padaria e ainda hoje, muitos anos após a reforma, é conhecido como “o padeiro”.¹⁹⁵

Profissões antigas da Madeira

Borracheiro – Homem que carrega vinho.

Tanoeiro – Que faz pipas e conserta barris.

Caminhos antigos pelas serras da Madeira, onde faziam a pé os transportes de mercadorias para o mercado do Funchal.

O calafate é uma profissão relacionada com a construção de embarcações de pesca, hoje já é raro fazer estes trabalhos porque as embarcações já são feitas à base de fibra e algumas até são metálicas. A maneira de fazer o vinho na Madeira também já é diferente, antigamente as uvas eram pisadas com os pés. Dez a quinze pessoas nos grandes lagares, mas agora já é tudo à base de esmagadores e prensas com menos mão-de-obra e com menos custo.

Um calafate, é um operário especializado na vedação com estopa alcatroada das juntas entre as tábuas com que são feitos os barcos. De referir que a estopa é um material derivado do linho, é um resíduo saído da limpeza do próprio linho, de onde saem várias coisas assim como a linhaça.

Calafate é uma profissão em extinção. Calafate é um profissional que veda as juntas das tábuas dos barcos em madeira com esse material chamado estopa, sendo uma atividade 100% artesanal e manual.¹⁹⁶

Engraxador

Em Machico, no Largo Dom António Jardim de Oliveira (à frente da Igreja Matriz), esteve durante vários anos a cadeira do engraxador, onde este ganhava a sua vida a engraxar os sapatos de quem por ali passava.

Até há poucos anos, o engraxador com a sua cadeira, era presença constante no referido largo, pois andar com os sapatos engraxados fazia parte das regras de boa conduta masculina. Hoje em dia, pelo contrário, são poucas as pessoas que engraxam os sapatos e isto deve-se ao facto de grande maioria usarem sapatilhas, sendo este um dos fatores que fez com que esta profissão desaparecesse neste concelho.¹⁹⁷

O Barqueiro

Desde o início do povoamento do Porto Santo, o barqueiro desempenhou uma tarefa fundamental no desenvolvimento do comércio e no transporte de passageiros entre a Ilha da Madeira e a Ilha do Porto Santo.

No desembarque, os passageiros eram

transportados em pequenas embarcações desde o barco Carreiro até à praia. No embarque, procedia-se em situação inversa. Esta situação manteve-se até à construção do Cais do Porto Santo (iniciou-se a sua construção a 19 de Março de 1929) que é um monumento reconhecido em todo o mundo.

Nos séculos passados, as mercearias da ilha dourada dependiam, exclusivamente, destes homens destemidos que enfrentavam o famoso e violento Mar da Travessa, que separa as duas ilhas, com uma valentia ainda hoje reconhecida por todos. O abastecimento de produtos era todo feito por via marítima.

O gado, a palha, a lã, a cal, os cereais, as uvas, as melancias e os figos eram produtos que o Porto Santo enviava em grandes quantidades para a Ilha da Madeira. Foi por reconhecer a importância do Barreiro na nossa história que se deu este nome a uma Praça e se ergueu uma estátua em sua memória junto ao Cais de Porto Santo.¹⁹⁸

O Carpinteiro

O carpinteiro sempre foi um sábio na arte de cortar a madeira e de lhe dar uma forma criativa, funcional ou decorativa. É um ofício muito antigo e muito exigente para quem o quer aprender. Diz-nos a Bíblia Sagrada que Jesus acompanhava os trabalhos de carpintaria que o Seu pai, S. José, realizava diariamente. Os carpinteiros tinham sempre à sua responsabilidade os aprendizes que por vezes

poderiam ser os seus filhos ou outras pessoas.

No passado, este ofício era muito solicitado no quotidiano, em virtude das casas e de todo o mobiliário serem fabricados com a madeira.

Muitas vezes, os troncos de árvores de grande porte eram trazidos pelo mar até à costa. Depois, eram recolhidos pelas pessoas que os avistavam e eram enviados para o carpinteiro. Na carpintaria eram transformados em tábuas para a realização de mobiliário ou em ripas para as paredes e tetos das casas.

O carpinteiro, prego a prego e com a ajuda do martelo e do serrote, fabricava os objetos que lhe encomendavam os clientes mas dava sempre um retoque criativo para tornar os objetos mais bonitos e agradáveis à vista.

A madeira seca e sem vida ganhava, assim, um novo alento e uma alma própria nas mãos do carpinteiro.¹⁹⁹

O Ferreiro

Os mistérios do fogo, do metal, da tenaz e da bigorna eram apenas conhecidos pelo ferreiro.

O fogo era insuflado no carvão pelo bico do fole que numa atividade imparável e infernal tornava o metal incandescente, vermelho e moldável com as pancadas do martelo.

O ferreiro conhecia os truques certos para fabricar

tudo com o metal: as alfaías agrícolas, os objectos do quotidiano, as dobradiças das portas e tudo o que se pudesse imaginar de metal era fabricado pelo ferreiro.

Os lavradores eram os que mais solicitavam trabalho ao ferreiro pois as ferraduras, os arados, as pás e as enxadas necessitavam de uma constante manutenção pois eram ferramentas de trabalho diário.

Este ofício era bem remunerado pois os ferreiros nunca tinham falta de trabalho na sua oficina e por vezes tinham um ou dois aprendizes à sua responsabilidade.

No seu trabalho, o ferreiro com a sua face e mãos tisonadas e os seus olhos flamejantes debatia-se no quotidiano com o calor infernal que tudo transformava em objectos importantes para a vida de toda a sociedade. Por vezes, os ferreiros descuidavam-se e não consertavam as suas ferramentas e não faziam a manutenção da sua casa. Então diziam-lhe: *Em casa de ferreiro espeto de pau.*²⁰⁰

O Leiteiro

Em tempos que já lá vão, o ofício de leiteiro era muito frequente na Ilha de Porto Santo.

Havia muito gado na nossa ilha e por conseguinte, a produção de leite era muito abundante.

Todos os pastores que tinham gado faziam o escoamento da produção do leite através de pessoas que munidas de grandes recipientes em metal, suportados num cajado, se deslocavam aos vários sítios da ilha, a fim de

venderem esse produto. O consumo era sempre de leite fresco do dia pois este produto não se podia armazenar por mais do que um dia.

Havia quem fizesse manteiga, queijo e requeijão para aproveitar as grandes quantidades de leite que, por vezes, não se escoavam.

Nessas épocas não havia leite pasteurizado nem pacotes do mesmo. A única forma de não apanhar qualquer doença era fervê-lo muito bem e consumi-lo rapidamente pois não havia frigorífico para conservá-lo.

Foram os leiteiros que garantiram a distribuição desse importante produto alimentar a toda a população e contribuíram para a saúde e bem-estar da mesma.²⁰¹

O Moleiro

O moleiro era conhecedor dos ventos e da arte de moer os cereais. Trabalhava, por vezes, vinte e quatro horas seguidas com o objetivo de aproveitar a força do vento (energia eólica) que fazia girar as velas do moinho e rodar a mó que transformava o grão duro em farinha branca, macia e saborosa.

Os dias de bonança não eram amigos do moleiro. Este praguejava-os até sentir novamente o vento na face e nas velas do moinho.

O moleiro para o desempenho do seu ofício contava com a ajuda de um burro ou de uma mula. Estes animais carregavam os pesados sacos de grão para o

moinho e também faziam entregas da farinha no domicílio dos fregueses. Tal como o vento, o gato também era o aliado do moleiro pois espantava e matava os ratos que engordavam com os restos da farinha que existia no moinho.

Todos os sítios do Porto Santo tinham um ou vários moinhos que estavam implantados nos pontos mais elevados da ilha a fim de captarem os ventos favoráveis.

Este ofício era muito importante na vida das populações pois garantia o abastecimento constante da farinha para a alimentação de todos.²⁰²

O Tanoeiro

A Ilha de Porto Santo sempre foi muito próspera na produção de vinho.

Os vinhedos nasciam nas dunas da costa sul e estendiam-se por uma faixa, onde atualmente é a pista do aeroporto, até se encontrarem com a costa norte, no Sítio da Camacha.

As parreiras espreguiçavam-se nos terrenos arenosos e falavam com o sol, com os pardais, com os pombos bravos e com as lagartixas que viviam junto delas nas paredes de croché salpicadas por canavieiras e árvores do paraíso.

Quando as uvas estavam maduras e eram transportadas para o lagar a fim de serem transformadas em mosto, havia que armazenar este líquido precioso em

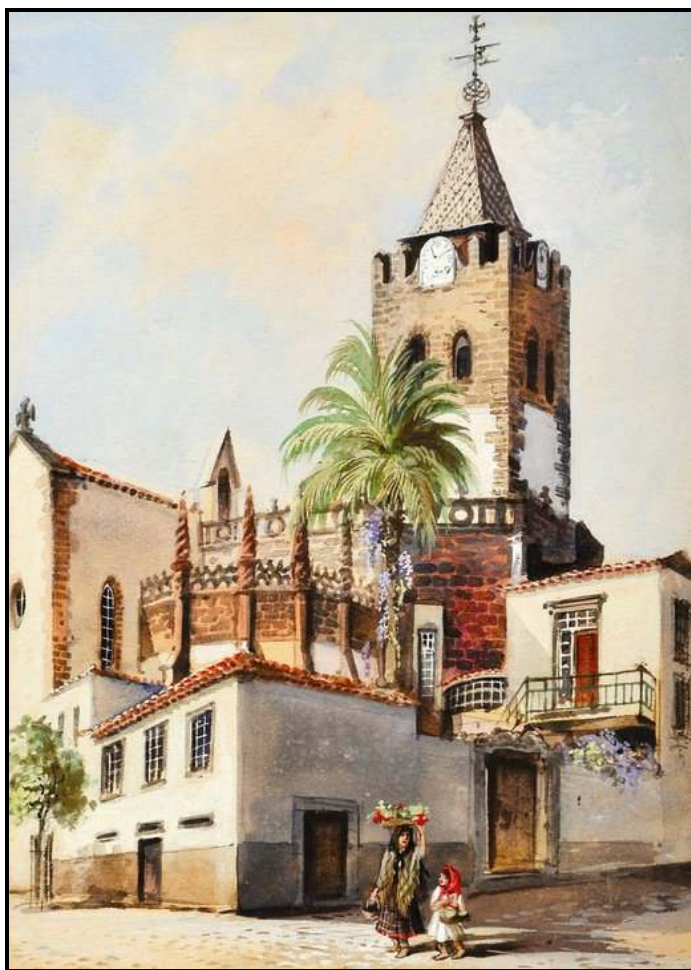
recipientes adequados para que a fermentação resultasse no bem maior: o vinho. Foi desta necessidade que nasceu o tanoeiro, hábil mestre na construção de pipas e cartolas com madeira arqueada de carvalho e arcos de metal que preservavam todas as características do vinho.

Nas adegas, o mosto repousava nas pipas e cartolas e transformava-se em vinho muito apreciado por todos.

O tanoeiro nunca repousava pois para além de fabricar cartolas e pipas novas também fazia a manutenção das antigas. Um trabalho árduo e infinito...²⁰³



Orações



Pai Nosso (pequenino)

Pai Nosso pequenino
Que nos leve em bom caminho
Onde Cristo ajoelhou
Uma cruz adiante
Coisa má não me atente
Nem de noite, nem de dia
Nem depois do meio-dia
Pai Nosso, Avé Maria.²⁰⁴

ORAÇÃO DA NOITE

Oração: Anjo da Guarda

Meu anjo da guarda,
Meu bom guardador.
Guardai a minha alma
Para Deus Nosso Senhor.²⁰⁵

Oração: Santo Anjo

Santo anjo do Senhor
Meu zeloso guardador
Pois a ti me confiou a piedade divina
Rege e guarde e ilumina.²⁰⁶

Oração: Com Deus me deito

Com Deus me deito
Com Deus me levanto
Na graça de Deus
Divino Espírito Santo.²⁰⁷

Anjo da Guarda

Anjo da minha guarda, meu celeste companheiro,
Não me desampareis nas minhas ingratidões,
Defendei-me com santas aspirações
Fazei que eu não seja mais ingrato
Com Deus que me criou.
Anjo da minha guarda, ó meu amigo fiel,
Livrai-me das garras do demónio cruel.²⁰⁸

ORAÇÃO SANTA BÁRBARA

Oração: S. Jerónimo e Santa Bárbara

Santa Bárbara se levantou,
suas santas mãos lavou,
no seu” rosairinho” pegou.
S. Jerónimo lhe perguntou:
- Tu, Bárbara, onde vais?
- Vou abrandar as trovoadas, levá-las ao monte maninho,
Onde não haja pão nem vinho, nem coisa de cristandade.
Lembro-me das pessoas da Santíssima Trindade.²⁰⁹

Orações para a tempestade

- Santa Bárbara virgem, que no céu está escrito com um pau de oliveira, quanto mais para longe melhor.
- Santa Bárbara luz enorme. Jesus Cristo, filho de Deus vivo. Livrai-nos de todos os perigos. Senhora Santana socorrei os miseráveis.
- Santa Bárbara não a lembra senão quando há trovões, o santo é lembrado só nas ocasiões.²¹⁰

Oração de Santa Bárbara

Santa Bárbara ia no caminho encontrou o Senhor e o Senhor lhe perguntou:

-Bárbara tu onde vais?

-Eu Senhor vou ao céu desmanchar a trovoada, que Vós lá tendes armada. Pois vai e deita no monte daninho onde não haja pão nem vinho, nem abafo de menino, nem raminho de oliveira, nem pedrinha de sal, nem coisa que faça mal.²¹¹

Oração de Santa Bárbara

Santa Barbara virgem, que virgem morreste
Livrai-nos da morte que vós padecesteis.²¹²

ORAÇÃO PELOS FILHOS

Oração pelos filhos

Meu Deus, eu vos ofereço os meus filhos,
Vós mos destes, eles vos pertencerão para sempre,
Eu os educo para vós e vos peço que os conservais para a
Vossa Glória.

Senhor, que o egoísmo, a ambição e a maldade
Não os desviem do bom caminho.
Que eles tenham força para agir contra o mal
E que todos os seus actos sejam para o bem.

Há tanta maldade neste mundo, Senhor,
E vós sabeis como somos fracos e como o mal,
muitas vezes, nos fascina;
Mas Vós estais connosco
E eu coloco meus filhos sob vossa protecção.

Sede-lhe luz, força e alegria nesta terra, Senhor,
Para que eles vivam por vós na terra e no céu, todos juntos
possamos gozar da vossa companhia para sempre.²¹³

ORAÇÃO PARA BENZER QUARTO/CAMA

Oração para benzer um quarto ou uma sala

Eu benzo este quarto em louvor do Santíssimo Sacramento, que o que é ruim vá para fora e o que é bom venha para dentro.

*(Tem de se dizer 3 vezes.)*²¹⁴

Oração para benzer a cama antes de dormir

Em quatro bicos desta casa, sete círios a arder, nossa senhora do Monte Carmo que nos há-de valer. Jesus Cristo diz a missa, São Pedro benza o altar, assim benza a minha cama onde me vou deitar.²¹⁵

Oração para não ter pesadelos

Quatro cantos tem a casa,
Quatro sírios estão ardendo
Quatro anjos defendendo,
Santo Salvador me disse
Que dormisse e acordasse,
Que nenhum pavor tomasse
Vai-te embora, vai-te embora,
Vai-te para a montanha
Que eu de ti não quero nada.
Amém, Amém, Amém.
Reza-se o credo.²¹⁶

ORAÇÃO DE PROTEÇÃO

Oração para rezar quando se caminha debaixo de rochas

Senhor do alto Senhor de Belém
Deixai-me passar esta rocha em bem.²¹⁷

Orações para combater o bruxedo

Senhor são Silvestre do Monte Maior, livrai a minha casa e o meu arredor, de bruxos e bruxas, feiticeiros e feiticeiras, alcoviteiros e alcoviteiras. Encomende-me a S. Silvestre a camisa que ele veste, os três seres bentos e o ser pascoal, que não haja homem nem mulher que me possa fazer mal. Ámen.

Quita conquista de roda de mim, toda a minha família, e arredor e casa assista. São Pedro, são Paulo, São Miguel Arcanjo e São João Evangelista credo abrenuncia adoremos a deus pai e a Deus filho e ao divino Espírito Santo e São Gregório Santo que me livre do demónio do maior até ao menor. Ámen.²¹⁸

Oração: Bênção

Pai na testa,
Filho no umbigo.
Pai a bênção,
Que estou benzido!²¹⁹

Obrigado Bom Jesus

Obrigado Bom Jesus pelo vosso eterno amor,
Perdoai-me o mal que fiz e ajudai-me a ser melhor.²²⁰

Oração: Credo

Creio ó Meu Deus
Que estais no Santíssimo Sacramento do altar
Eu vos adoro e amo-vos de todo o meu coração,
Desejo que estejais dentro do meu coração
E como já tivesses vindo a nós,
Não permitais que te separem de nós.²²¹

Oração do Senhor do Horto

Senhor do Horto foste vivo, foste preso, foste morto. Perdoaste a vossa morte foi tão cruel e tão forte, perdoaste o bom ladrão, perdoa-me senhor os meus pecados esquecidos e lembrados, confessados e por confessar que ao pé do meu confessor não foram bem confessados confesso-me a vós senhor por ser o rei da verdade na hora da minha morte tende de mim piedade.
*(Quem rezar esta oração todas as noites com muita fé, Deus perdoa as suas faltas).*²²²

ORAÇÃO DA PAIXÃO

As Dores de Nossa Senhora

Se eu pudesse, Meu Deus,
Então não sofreria
Tantas dores e amarguras
O coração de Maria.

Quando o velho Semeão
Proferiu a profecia
Aguda espada rasgou
O coração de Maria.

Fugindo para o Egito
Com Jesus a Virgem Pia
A cada instante se assusta
O coração de Maria.

Perdeis a Jesus Menino
Adeus paz, doce alegria
Porém, chegas a encontrá-lo
Brilhando em sabedoria.

Prisão, açoites e espinhos
Cruel cruz Jesus trazia
Ferem, quebram e despedaçam
O coração de Maria.

Em seus braços morto aceita.
Sem Deus, sem Filho e alegria
Seu sangue e suas chagas
Trespagam o coração de Maria.

Sepultado, enfim Jesus,
Numa dura pedra fria,
Quase estala de saudade
O coração de Maria.²²³

Oração

Quando estiver para morrer
E para deixar esta vida
Jesus, Maria e José
Hão-de ser minha guarida.

Hão-de rodear-me o leito
Com carinho maternal
P'ra que as forças do inferno
Não possam fazer-lhe mal.

Jesus e a Mãe Santíssima
Mais o meu Pai São José
Com amor hão-de dizer-me:
Não foi vã a tua fé.

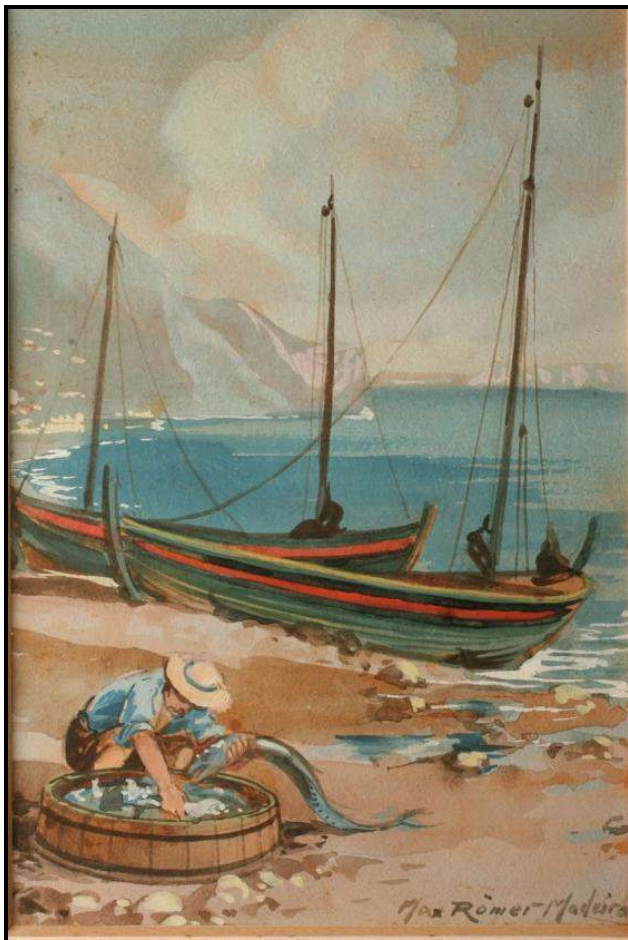
Todos três hão-de fazer-me
Ao morrer Cruz na testa,
São José fechar-me os olhos
A morte para mim é festa.

Que bom é deixar o mundo
Amparado por teus pés
Maria, Jesus e José
Não me deixarão jamais.²²⁴

Oração a Nossa Senhora

Minha mãe, minha senhora
Eu me entrego tudo a vós
Incomparável mãe
Me guardai e defendei
Como coisa própria vossa
Eu vos pertenço eterna mãe
Senhora nossa,
Guardai-me e defendei-me
Como coisa própria vossa.²²⁵

Pesca



Peixeiras da Madalena do Mar

Ainda a manhã vinha longe já as mulheres e as crianças na praia esperavam os maridos e os pais que voltariam da faina da pesca. À medida que as pequenas embarcações se aproximavam da costa, elas, irrequietas e nervosas se chegavam ao mar, ávidas do seu regresso, pois da safra da noite dependia o sustento da família.

A manobra de varar o barco, ou seja fazê-lo encalhar em terra seca exigia muito esforço e não havia mãos paradas. Felizmente contavam com a ajuda dos que se chegavam à praia para a aquisição de peixe e até os garotos colaboravam com entusiasmo.

Para vencer os calhaus, o barco era puxado a cordas (cabos) por homens, fazendo-o passar sobre toros de madeira, conhecidos por paraís.

Quando os paraís iam sendo ultrapassados e ficavam para trás, eram recolhidos e de novo colocados à frente do barco. Este teria de ficar em segurança, longe de alguma onda traiçoeira que o pusesse à deriva no mar.

Tomadas as devidas cautelas para a segurança do barco, os pescadores entregavam-se à tarefa da divisão do peixe.

Efetuadas as vendas possíveis, as mulheres iam enfiando pequenas porções de cavalas e chicharros em fitas de palha seca de bananeira (cambulhadas) e estendendo-as cuidadosamente na canastra – cesto de vimes com asa. O fundo do cesto era guarnecido por folhas de bananeira para a proteção do peixe.

A Madalena do Mar teve uma boa tradição de pescadores, tanto na Banda d'Além como no Canto do Passo, e de lá partiam as peixeiras, de canastro enfiado no braço, à procura dos compradores do seu peixe. Faziam-se aos carreiros difíceis e perigosos, pois os caminhos nem eram ainda promessa. Todas trepavam em marcha penosa o seu calvário à procura de pão para os filhos.

As peixeiras da Banda d'Alem subiam os Moledos a caminho do Arco da Calheta, ou então os atalhos dos Lombos que as levavam aos Canhas. Mas as do Canto do Passo entravam em vereda estreita até aos Anjos, subiam até S. Tiago por carreiros alcantilados, passando ao Lombo de S. João, Adeegas e terças; outras subiam as escarpas de Água d'Alto que as conduziam ao Livramento e ainda trepavam os caminhos da Lombada.

Faziam-se anunciar com o pregão de peixe, em voz cansada, enrouquecida. E, quando não havia dinheiro, faziam troca direta de produtos. As camponesas eram generosas e as trocas faziam-se a contendo das duas partes.²²⁶

Provérbios



Provérbios populares

- Em Janeiro sobe ao Outeiro, se vires verdejar, põe-te a cantar, se vires terrejar põe-te a chorar.
- Dia de S. José atrás ou adiante leva um pelo pé.
- Se a candeia rir o inverno está para vir e se a candeia chorar o inverno já está fora.
- Quando chove em abril enche a caixa e barril.
- Se chover no dia de S. Brás chove 40 dias e mais.
- Janeiro fora aumenta uma hora.
- Cada terra com o seu uso, cada roca com o seu fuso.²²⁷

Regionalismos



Expressões populares madeirenses

“ Vou torcer as orelhas!” – arrepender-se.

“Não me atentes mais!” – não me chateies mais.

“Nunca mais fizeram arroz na missa” – desafinar.

“Está uma fadestinha!” – bonito, agradável à vista, que está bem.

“Reles como um cachorro!” - mau

“Deixa’ tar que ela não vai rebentar pelo umbigo” – deixa chorar, gritar, espernear.

“Não lhe cabe um feijão!” – estar contente.

“Olha lá, ele nã vá me partir o inhame da porta!” – Não tenho medo; as ameaças não me assustam.

“Deu-lhe uma reina!”, “Ele reinou”- zangou-se, chateou-se.

“Não me apilhas!” – Não me apanhas!

“Qu’ atentação!” – Que chatice!

“Vai cair algum burro da rocha em baixo!” ou “Vai azougar algum burro!” – reflete espanto, admiração.

“Ela fez aquilo à rebendita!” – Com maldade.

“Para quem é bacalhau basta!”- é suficiente.

“Vamos ver dar meia-noite.” – ver o fogo de fim do ano.

“Ainda vais ter que comer muito milhinho!” – ainda tens muito que aprender.

“Não vendo ouro ao bandido” – não dar parte fraca, mostrar-se desinteressado.

“Andar pr’a casar” – namorar, noivar.

“Estamos tropicados!” – enganados.

“Ir de balde e vir de selha” – não trazer nada, vir de mãos a abanar.

“Estou entresilhada com frio!” – estar enregelada.
 “Ena c’a carroçaria!” – coisa bonita
 “ficar rapando” – ficar envergonhado.
 “Estás biqueira?” – pessoa que por natureza come pouco.
 “Nunca me viste? Burro me saíste!” – olhar demorado.
 “É uma pequena, parece que ainda nem sequer está bem temperada!” – que ainda não é mulher.
 “Ela nem sequer tem um pé de flor à porta” – pessoas mal-arranjadas.
 “Tenho a casa numa enxovia!” – confusão.
 “Estou me lascando de contente!” – muito feliz.
 “Parece uma dor de resmate, passa de um lado para o outro.”
 “Dói-me as cadeiras” – dor pela altura dos rins.
 “Tenho uma dor nas arcas” – dor acima dos rins.
 “Vamos de horário!” – autocarro.
 “O tempo está embezerrado.” – tempo escuro, parado.
 “Está a cair bezegaia.” – chuva muito fininha.
 “Não me jogo muito por arroz.” – não morrer de amores por...
 “Não me abico muito por...” – não morrer de amores por...
 “Ah mulher, abica-te!” – joga-te, despacha-te.
 “Ficar com os pés amarelos” ou “ficar para tia” – ficar solteira.²²⁸

Regionalismos

Freima- susto.

Nã fai minga- não faz mal.

Vigia- olha.

Vou-te apilhar-vou apanhar-te.

Aquim- aqui.

Acló- acolá.

A lua tá mingande- está no quarto minguante.

O balaio- cesto.

Masarulho-embrulho mal feito.

Cambolhada- quantidade de peixe enfiado num fio.

Molheilha- proteção para carregar carga à cabeça.

Estepilha- admiração.

Canjirão- caneca grande.

Cezico, policinha- tipo de candeeiro de folha a petróleo.

Lampião- Candeeiro grande de folha também a petróleo usado pelos pescadores para a pesca e agricultores para regar de noite.

Aurrada- barulho.

Mercar- comprar.

Bambolhão- hematoma.

Aquintrodia- dias antes.

Fazer Calheta- alisar o calhau para varar o barco.

Paral- rolo de madeira para o barco passar por cima.

Enxergar- ver.

Botar- colocar num sítio.

Cangueira- câibra.

Brindeiro- pão pequeno caseiro para dar às crianças.

Padre-mestre- alguém com esperteza saloia.

Pucra- púcara de barro.

Vai mei grogue- tomar um aguardente.

Carrolaço- uma pancada no pescoço.

Camalhão-monte de terra no poio.

Perdi os chambiões- perder o chumbo da linha de pesca.

Estamangado- cansado.

Bocheiro- vara ou cana com um gancho na ponta para pescar o gaiado ou atum.

Gibão- casaco grande.²²⁹

Vocabulário Madeirense

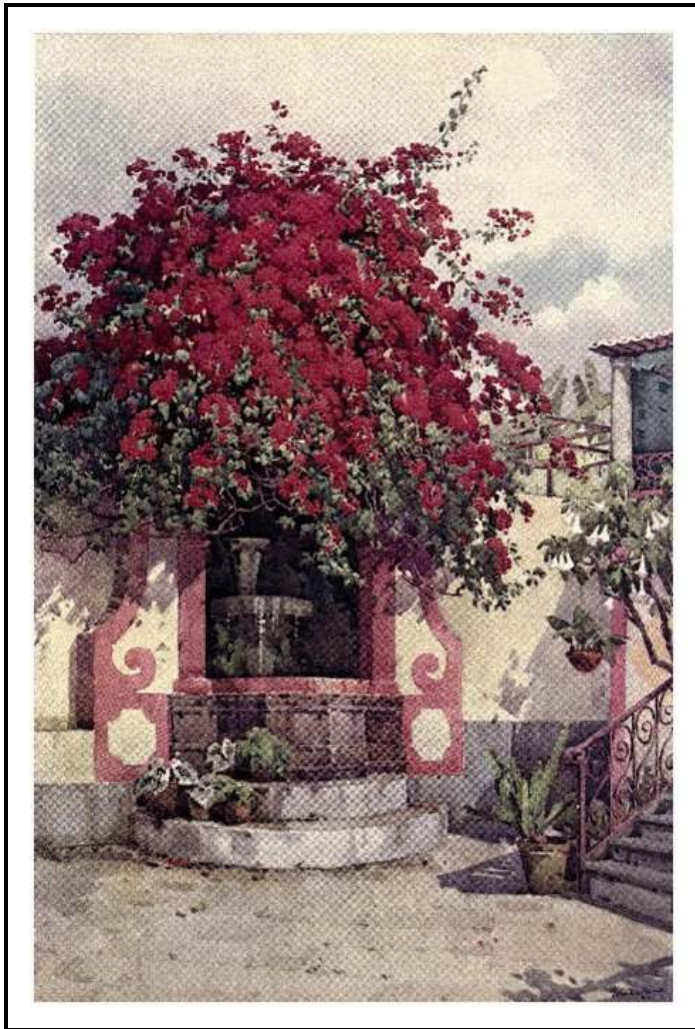
Paimou- morrer.

si vai – tu vais.

arrilhar a casa – arrumar a casa.

arcadas ou bechinhas de pendricalhos – brincos.²³⁰

Romances



D. Aninhas ou D. Bernardo

Levanta-te daí Aninhas
da tua cama real
se queres ver as sereias
que no mar estão a cantar.
Ó Papá, não são sereias
não têm tão doce cantar.
Ó Papá, é D. Bernardo
que comigo quer casar!
Se cuidasse disser ser,
eu o mandaria matar.
D. Bernardo que ouviu isto,
Já tratou de caminhar.
D. Aninhas esperou sete anos e um dia,
já era muito o esperar,
mandou fazer um barquinho do verde canavial.
Mandou deitar no mar para ver onde ia parar.
Foi parar a longes terras debaixo de um laranjal.
Aí estavam três senhoras, todas três a costurar.
Uma cose, outra faz renda, outra procura o dedal.
Com a senhora do meio com ela queria falar.
Se não viu D. Bernardo nesta terra natural.
D. Bernardo não está em casa, está para a serra caçar.
Se a pressa não é muita, eu o mandaria chamar.
A pressa não é muita nem também com devagar,
que eu deixei o jantar na mesa para o Papá jantar,
a garrafa na mesa e o vinho no garrafal,
a água na bacia para o Papá se lavar,

a toalha no prego para o Papá se limpar,
já deixei a cama pronta para o Papá se deitar.
Estas falas eram ditas, D. Bernardo a chegar.
Olá! Ó, o que fazes aqui?
Isto é o teu amor por aqui me fez andar.
Pede licença à senhora que um beijo te quero dar.
Dá-lhe um ou dois ou dá-lhe três a porfiar,
que isto é mal de amores, à Aninhas lhe vai passar.
Morreu um e morreu outro e foram ambos a enterrar.
Na cova de D. Bernardo nasceu um fresco limoal,
Na de D. Aninhas nasceu um fresco laranjal.
As florzinhas que caíam no chão se punham a brincar.
A Rainha que soube disto os mandou cortar.
Correram dois rios de sangue e ambos para o mar.
Nem me chames Rainha nem também D. Guiomar,
chama-me uma carniceira, carniceira de matar,
que isto era um casamento que no céu se ia ajuntar.
(História que se cantava quando naquele tempo se
bordava.)²³¹

A tragédia de Rosa enamorada (Carlos e Rosa)

Em certa aldeia distante, moça passiva morava, tinha dois
adoradores menos um que ela amava.
Um dia em romaria, Rosa estava com os pais.
Ele chegou-se para ela:
Rosa, por ti sinto amor.
E dirigindo-se para os seus pais, pediu-lhe a mão de
esposa.

Minha filha, já estás grande, pois tu estás uma mulher.
Agora para teu bem, um bom noivo te escolhera.
Ó meu pai, esse noivo não é do meu agrado,
para eu lhe ser mais fiel, o meu noivo eu já escolhi.
Não me importo que escolhesses, porque amor não é
fartura.
Tu hás-de casar com ele, desejo a tua ventura.
Ó meu pai, Carlos é pobre, mas enfim é trabalhador,
não me pode dar riqueza, dá-me carinho e amor!
E foi ter Rosa com Carlos, sua sorte lhe contara:
Ó Carlos, ó meu Carlinhos, eu fui-te tão desgraçada,
faltei-te às minhas promessas pelo meu pai obrigada!
Que dizes anjo do céu, que dizes anjo adorado,
faltar às nossas promessas pelo teu pai obrigado?!
Rosa dizendo isto, no seio mete um punhal.
Não morras anjo do céu, não morras anjo adorado!
Mas ali houve um grande grito.
Rosa, ao pé do seu amante, morreu cercada de dor.
(História cantada quando as mulheres bordavam todas
juntas.)²³²

A história de Angelina...

I

Gostas de contos Maria
Espera que te vou contar
O que me contaram um dia
Me há-de sempre lembrar.

II

Houve em tempos uma menina
Dessa idade ou pouco mais
Chamava-se ela Angelina
E era o encanto dos pais.

III

Os pais eram pobrezinhos
Não a podiam trazer
Bem vestida, coitadinha,
Mas que haviam de fazer.

IV

Nem tudo a todos é dado
Vestir bem ou vestir mal,
Andar limpo e asseado
Isso é o principal.

V

Ela o cabelo, as orelhas,
O pescoço, o rosto, enfim,
as próprias roupinhas velhas
Cheiravam a alecrim.

VI

Nisto fosse ela cega
Dava-lhe graça a valer
Quanto mais sendo tão meiga
Mais não podia ser.

VII

Às vezes a mãe não tinha
Nem um pedaço de pão.
A pobre mãe não podia
Disfarçar a aflição.

VIII

Abraçando-a e beijando-a
A mãe para distrair
Toda trémula chorando
Fingindo que estava a rir.

XIX

Não sei para que se consome
Não tendo para me dar
A mim não me pesa a fome
Pesa-me é vê-la chorar.

X- Quando chegou à idade
De já dizer tudo bem
Clara e com facilidade
A mãe fez o que lhe convém.

XI

Pô-la na escola que havia,
Não é como os animais
Vivem unicamente só com
Os olhos e nada mais.

XII

Pô-la na escola com a gente
Numa senhora de bem
Ensinava e recebia
Só os ricos e mais ninguém.

XIII

Dê canto a essa menina,
A essa menina que aí vem,
Que ela é pequenina
E no meio fica bem.

XIV

Ela sentou-se no meio
Nas tais por sinal até
Mostrando certo receio
De não chegar ao pé.

XV

Quem lhe deu esse vestido
Isso é de sua mãe,
Isso está tão comprido,
Isso que préstimo tem?

XVI

A fita desse cabelo
Melhor atá-lo com uma guita
Que se saiba qual é a cor.

XVII

Estava dormindo
E sonhava
Que do céu vinha uma estrela
E que ela ia apará-la.

XVIII

Descendo passo, a passo
E amparando-se no ar
Como uma pomba suspensa
Com suas asas para pousar.

XIX

Parece que a luz divina toda a casa iluminava
Chegou-se para a cabeceira
Onde a mãe tinha uma cruz
Logo se abraçou com ela:
- Valha-me Jesus, Jesus!

XX

A mãe toda ansiosa
E pasmada do que viu
De mãos postas ajoelhada
Reza sem saber de quê.

XXI

Olhou para cima da mesa
E viu vestido, manto e véu
Que Nosso Senhor lhe mandara
Todo feitinho do céu.

XXII

Outro dia Angelina
Mal na escola entrara
Parecia que a luz divina
Toda a casa iluminava.

XXIII

As outras como que invejosas
Nem sequer para ela olhavam
Assim é que a Providência
Costuma fazer às vis.

- Olha-me uma das vaidosas
Desdenhar de uma infeliz!²³³

Época de 40

A vinte e oito de Março
Um caso que sucedeu
Um filho matou a mãe
Sete facadas lhe deu.

Porque a mãe o queria livrar
De andar na triste vida
Namorava uma menina
Que se chamava Emília.

- Ó Emília, eu venho aqui
Venho para te despachar
Porque a minha mãe não quer
Que contigo eu venha a casar.

Pois, António volta atrás
No punhal foi pegar
- Tua mãe está a dormir
E o peito lhe vais cravar.

O anjo que ouviu isto
Veio à terra avisar
- Levanta-te tu infeliz
Que o teu filho vem-te matar.

- Não me importa que ele me mate
Nem que ele me “enfatie”
Lá nos altos Céus está
Quem lhe dará o castigo.

Palavras não eram ditas
O filho à porta estava
A gritar em altas vozes
Vai haver mortes e facadas!

- Assim, vais matar tua mãe
Tua mãe que te criou
Que ao cabo dos nove meses
Tormentos por ti passou!

- Não me importa o que se passou
Nem o que está para passar
Daqui para fora não vou
Sem o seu peito cravar!

- Filho, olha para os meus olhos
São dois rios a correr
Aqui morro infeliz
Sem ninguém me poder valer!

- Filho, olha para a minha cara
Vê como está ensanguentada
Aqui morro infeliz
Toda cheia de facadas!

O resto desta cantiga
Vai pelo ar e no véu
- Ajoelha-te filho em terra
Levanta as tuas mãos aos Céus!²³⁴

D. Helena

Se as saudades me apertam
A quem deixas tuas fazendas?
De ir a casa dos meus pais
A quem souber trabalhar.

Se as saudades te apertam
Bem as podias matar
Mas o meu marido
Quem lhe vai dar de cear?

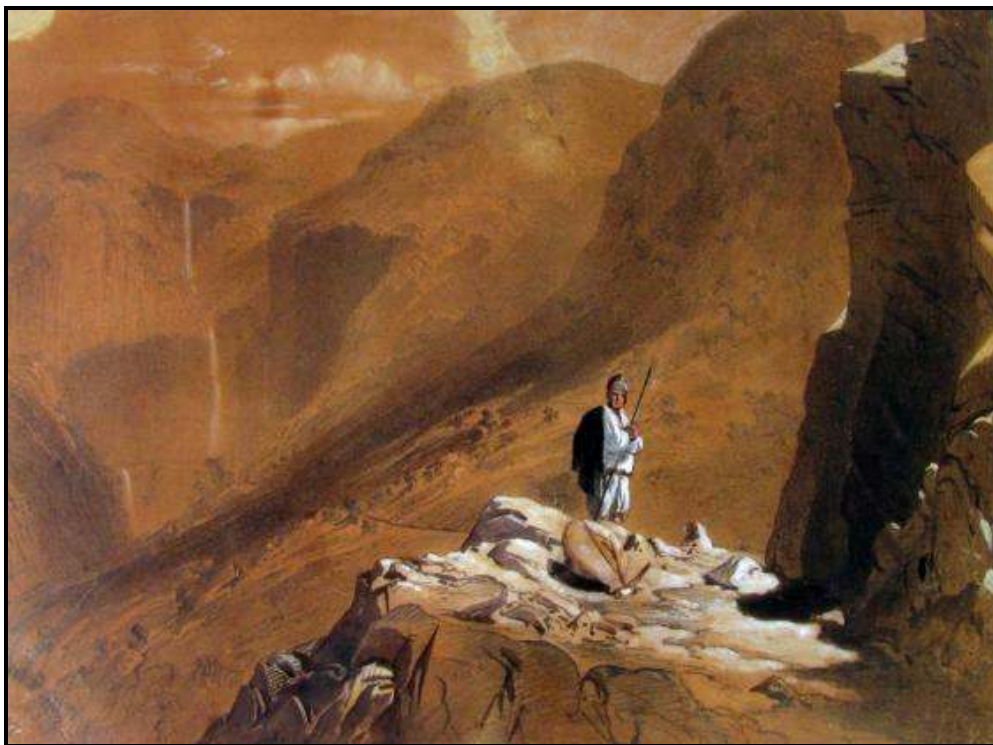
Da caça que ele trouxe
Eu também sei arranjar
Do bom pão e do bom vinho
Do que ele quiser tomar.

Chamei pela esposa Helena
Para me dar de cear
Tua esposa não está
Caminhou para não mais voltar.

O que tens Helena?
Que te vejo desmaiada
Uma aflição me deu
Me vejo agora acabada.

Também me apertam as dores
Deixo a ti, meu marido,
De eu não poder voltar mais
Se te quiseres casar.²³⁵

Serra



Baile da Serra

Fui à serra, fui à serra
fui ao comer do meu gado
não trouxe rama nem til
trouxe um molho de folhado.

Jacinta põe na cabeça
este barrete de orelhas
fui-me à serra fui-me à serra
fui ver as minhas ovelhas.

À Serra Pedro à serra
os cambados também vão
quando os cambados namoram
que fará eu que sou são.

Os louros da serra choram,
choram com toda a razão
lhes apanham a baga verde
lhe deitam os ramos verdes no chão.

Deitei o meu boi na serra
à minha vaca parida
agora nem boi, nem vaca
Ah, triste da minha vida.

Dei um beijo numa velha
protestei para nunca mais,
só por ela se gabar
tive um beijo de um rapaz,

Eu andava p'ra casar
furtaram-me o meu rapaz
paciência não me importo
atrás daquele vem mais.²³⁶

Testemunhos ou Memórias



Rancho Folclórico da Ponta do Pargo

Em 1985 foi formado o Rancho Folclórico da Ponta do Pargo.

Tal facto, deveu-se ao carinho imenso que tenho pela minha freguesia (Ponta do Pargo) e pela ausência a que a emigração, assim o obrigou. Tendo em conta que sempre que visitava a minha terra, Ponta do Pargo, a achava triste e sem o reconhecimento devido, pois tem uma beleza imensa e por isso merecia ser um local mais alegre e conhecido.

Daí que, quando regressei de vez à Madeira tenha pensado em formar um rancho folclórico, com a ajuda do senhor Vasco que tocava acordeão. Para isso durante dois anos eu e a Sr. Ermelinda Alves de Gouveia fizemos uma pesquisa sobre os trajes e canções antigas sobre a região.



Rancho Folclórico, na presença do Drº Cavaco Silva,
com os primeiros trajes do grupo.

O grupo teve, assim, início na primeira Festa do Pêro, com trajes que guardara das romarias que se faziam na Noite de Natal e das romarias de Verão. Mais tarde foi pedido ao Dr. Alberto João Jardim ajuda para a compra de instrumentos e à Câmara da Calheta que suportasse os custos da lã e linho para fazer os trajes.

As camisas dos rapazes foram feitos de linho e com a lã teceu-se a cegrilha para os fatos dos rapazes e para as saias vermelhas com barrinhas coloridas.

Uma parte das canções que compunham o repertório foi da minha autoria, uma vez que a vivência do campo quando era nova me dotou de alguma sabedoria popular.



- 1ª Entrega dos instrumentos pelo Dr. Alberto João Jardim.
- 2ª Desfile do Rancho Folclórico na Festa da Flor, uma vez que esta antigamente consistia no desfile dos diversos grupos com as flores.
3. Postal do Rancho Folclórico.

Com ajuda do ensaiador, o Sr. Avelino, estava o grupo pronto para actuar dentro e fora da freguesia e os convites não demoraram a surgir. O grupo deslocou-se várias vezes a Porto Santo, Lisboa e às diversas freguesias da Madeira.²³⁷

Era uma vez...uma princesa...

A história que vou contar deve ter muita “lenda”, porque isto “quem conta um conto, acrescenta um ponto”, e como digo, nem tudo será verdadeiro. Vou contar o que ouvi dos meus antecedentes.

A freguesia de São Jorge teria ainda poucos moradores trazidos dos Algarves, como então se chamava e portanto os terrenos eram todos da coroa real. Cada casal fazia a sua casa rudimentar – madeira à volta, acarretada da Laurissilva às costas – coberta de colmo ou “restolho”, em cima da terra que não era sua.

Mas um belo dia apareceram trabalhadores continentais especializados e começaram a construir uma casa de luxo para a época, muito bem situada num terreno que se chamava “Achada”, depois “Achada Grande”.

Quando a casa estava pronta, com grandes jardins e carreiros calcetados, aparece um casal que se dizia ser pai e filha, aí pelo século XIX. Uma menina muito prendada e rodeada de criados. Seria um espanto para toda a gente de São Jorge. Eram tantas as visitas de fora, em especial ingleses e gente da corte. A casa tinha todas as condições

de riqueza, incluindo uma baixela de prata fina.

Esse casal vinha de Lisboa e corria o boato, como em tudo, que a menina era fruto de amores ilícitos palacianos, vinha para cá possuir a freguesia de São Jorge, do mar à serra, dado pelo rei e dizia-se que o “pai” era bem pago para abafar o escândalo que se daria na corte, se viesse à praça pública. O certo é que a menina passou a chamar-se Dona Maria Leopoldina Oliveira, com todas as honras. Enquanto a D. Maria não aparecia ao longe protegida de criadas, para a missa, o sineiro que estava de vigia na torre da igreja e só então, com um rebate muito grande de sino, começava a missa.

A Maria mandou cercar o terreno em volta da casa com “sebe” de árvores de folha persistente, tais como o til, a faia, o loureiro, as acácias, cedros e também castanheiros, carvalhos e outras. Ainda hoje persistem muitas destas árvores já bicentenárias.

Toda a vizinhança trabalhava na quinta. Era de “sol a sol” e ganhavam um vintém e um “galinho” de abóbora para a cria.

A D. Maria ia muitas vezes ao Funchal de “rede”, era o único transporte e as pessoas que a visitavam também vinham de rede. Os homens da rede eram de São Jorge, um trabalho muito árduo, mas era um bom ganho para a época.

Conta-se que a D. Maria ao descer a Achada do Gramacho, em Santana, sobranceira a São Jorge, já pedia para lhe puxarem a colcha que cobria a rede até aos pés, para não ver as terras que já tinham mudado do dono

primitivo e chorava até a casa. Foi quando ela perto de morrer doou tudo o que lhe restava à “mitra”. A minha geração paterna toda, trabalhou na quinta.

Foi assim que as senhoras de São Jorge começaram a copiar os trajes ingleses e passaram a usar fatos mais garridos e listrados, sombrinhas, chapéu na cabeça, capa preta nos ombros e botins com meio salto. Ainda hoje há quem se queira impor “fina” pensando que provém do resto de “sangue azul”.²³⁸

Histórias da minha sogra vividas nos anos 40, contadas por Rita Cunha

Ela era apenas uma menina e já teve uma experiência de vida muito difícil. Passou por tudo o que uma menina da sua idade não devia ter passado. Mesmo sendo más, guarda ainda algumas recordações que viveu na época.

Lembra-se de estarem a construir a estrada Regional, que nessa altura se chamava “Caminho do Carro”.

O único meio de transporte que utilizavam na altura para ir ao Funchal era o barco: o “Miranda” e o “Tigre”. Eles faziam viagens desde o Funchal ao Paúl do Mar. Como não havia cais, o barco não podia se aproximar do calhau, então as pessoas eram levadas por uma canoa até ao outro barco que se encontrava mais afastado.

A viagem demorava mais ao menos três horas

porque ia parando para entrarem pessoas. O barco levava uns cem passageiros. Muitas vezes não enchia porque as pessoas só iam ao Funchal se tivessem muita necessidade. Havia até quem nunca mais quisesse lá voltar porque passavam mal na viagem.

“Meu Deus. Não ficamos por aqui!”

Continuou a minha sogra relatando o seu passado:

“E quando íamos comprar massa à Ponta do Sol a pé e descalças. Nesta época já estava feito o caminho e já passava o horário, mas não tínhamos dinheiro para a viagem.

Para não ir uma pessoa sozinha dizia a cinco ou seis vizinhas. Íamos todas juntas, caminhava-se de casa pela manhã e chegávamos pela tarde e com fome porque a comida era muito pouca. Íamos pelo caminho velho que demorávamos menos tempo.

Quando chegávamos à fábrica da massa eles só vendiam três quilos a cada pessoa, então eu ia com a minha mãe porque sempre trazia mais três quilos. Algumas pessoas conseguiam trazer mais do que isso mas, para trazer mais massa, tinham que fazer outras compras na própria fábrica, por exemplo: tecido para vestidos, sabão e mais alguma coisa. É claro que quem tinha algum dinheirinho sempre conseguia fazer mais umas comprinhas.

E não sofriamos só por causa de ir buscar massa. E quando tínhamos de ir ao mar buscar uma vasilha de água para cozer as batatas, porque não tínhamos sal?! A minha mãe mandava-me buscar água do mar porque tinha algum

sal, mas esta água só servia para cozer as batatas do almoço, não dava para a outra comida, para isso lá íamos nós buscar mais uma vasilha de água e trazíamos às costas ou ao quadril. Esta seria para refinar em casa para tirarmos um pouco de sal. Eu colocava uma panela ao lume com esta água, ia fervendo até secar, e ficar só um pouco de sal, mas isto não chegava para nada. Nas vendas havia algum sal mas era para quem tivesse dinheiro e amigos.”

Continuando em conversa com minha sogra, ela foi-me contando mais momentos marcantes da sua infância. Era mais ou menos o ano de 1941, tempo da guerra.

Conta ela que as pessoas ouviram dizer que ia haver guerra. Por coincidência, nessa altura apareceram dois submarinos no mar da vila da Calheta, onde passaram um dia. Os habitantes foram para as “beiras” onde pudessem ver os barcos. Todos muito assustados ao ver os submarinos a subir e a descer na água, alguns fugiram das suas próprias casas com medo da guerra. Umas pessoas esconderam-se nas igrejas, outras em furnas, algumas iam para as casa mais baixas, outras escondiam-se debaixo da cama e houve até quem se tenha escondido dentro do forno a lenha.

As pessoas ficaram muito assustadas quando ouviram o barulho dos tiros a disparar e o som das balas a passarem pelas ribeiras a cima, onde uma senhora foi até atingida numa perna.

O motivo pelo qual os barcos começaram a disparar, foi que o Sr. Tribusio deitou uns foguetes de

assobio em terra e eles pensaram que estavam a fazer pouco deles, então começaram a deitar fogo.

Muitas pessoas ficaram em suas casas e diziam que se tivessem de morrer, seria na sua própria casa. Estavam enganadas porque não houve guerra nenhuma. O causador de tudo foi esse Sr. Tríbúcio.

Por medo que os barcos regressassem colocaram soldados pelas freguesias, para também deitarem fogo se fossem ameaçados. Só que eles nunca mais voltaram.²³⁹

História de Vida de Ester Sousa

Eu chamo-me Ester Sousa e vou contar-vos um pouco do meu passado.

Naquele tempo as pessoas passavam muitas necessidades. Havia muita fome e as famílias eram numerosas. Morriam muitos bebés e mães porque não havia médicos. As pessoas curavam-se com remédios caseiros.

A maneira de transportar os doentes era em rede, até o padre da freguesia quando era chamado para confessar os doentes vinham em rede da vila da Calheta a todos os sítios, por veredas.

Como não havia empregos, quase todas as famílias trabalhavam as terras, só que a maioria dessas terras eram dos senhorios que pagavam muito pouco aos trabalhadores. Aos poucos e poucos, foram comprando as terras e pagando em trigo todos os anos.

Foram tempos muito difíceis As roupas eram tecidas nos teares. Era lá que também semeavam o linho para fazer as camisas e as cobertas.

Por volta dos anos 40 foram anos de muita fome. Não havia sal, açúcar, massa... As pessoas iam a pé deste a Calheta até à Ponta de Sol para conseguirem 1 kg de sal. Só davam um 1kg por pessoa.

O açúcar era vendido por senha.

Lembro-me da história de uma rapariga do Atouguia que chegou a pedir o lenço a uma canheira e falou como ela para poder trazer mais 1kg de massa. Fingindo ser outra pessoa, lá conseguiu ela mais um Kg de massa.

Aí por volta do ano 1942, altura da guerra, vieram uns barcos de guerra e estiveram ao largo da vila da Calheta. Na vila da Calheta havia um senhor chamado Tríbúcio que lançou um foguete para o mar. Ele foi um idiota porque com esse foguete ele estava a provocar os marinheiros, então os barcos começaram a disparar as balas e os habitantes, assustados, pegaram nos filhos e fugiram para a serra. Alguns chegaram até a fazer furnas para se esconder. Toda a gente ouvia o barulho das balas. Foi então que o Governo colocou soldados por toda a ilha. Na Serra d'Água havia uma casinha que chamava-mos a casinha dos soldados.

Também com a fome, as pessoas do Paúl do Mar e do Jardim do Mar vinham com peixe para trocar por batatas.

Tínhamos que ir ao mar muitas vezes buscar água

para cozer as batatas. Fervíamos a água até ela secar para aproveitar o pouco de sal que ficava no fundo da panela.

No meu tempo de criança íamos à escola descalças e sentávamo-nos no chão. Não havia mesas nem cadeiras.

Um dia levei uns chinelos velhos e fui toda contente mas quando cheguei a casa levei uma sova, só porque levei os chinelos velhos para a escola.

No tempo do meu pai havia um senhor que trabalhava na Câmara e o meu pai foi trabalhar para casa desse senhor por moço. Vinham uns senhores do norte e o meu pai ia lá buscá-los a cavalo. Quando levava os senhores ele ia a pé, quando vinha só, aproveitava e vinha no cavalo. Lembro-me que houve um dia que o meu pai ficou mais de três horas no mesmo lugar porque o cavalo não queria andar. Só depois é que ele descobriu o porquê. O cavalo não queria andar porque estava vendo uma sombra.²⁴⁰

História de Vida de Maria de Sousa

Chamo-me Maria de Sousa Gonçalves, nasci em 8 de Junho de 1937 e cresci no Lombo do Atouguia. São muitas as recordações que tenho do meu passado, umas boas outras menos boas, mas do que mais recordo, se calhar por terem sido mais marcantes, são os tempos difíceis que vivi. Cheguei a passar fome e muitas privações. Eu e muitas das pessoas que me rodeavam e que cresceram comigo.

Começando pela minha infância, lembro-me de ter sido uma época um pouco triste. Não tinha sapatos, tinha pouca roupa; muitas vezes queria comer e os meus pais não tinham o que me dar, a mim e aos meus irmãos.

Na altura não tínhamos a variedade de alimentos que temos hoje. As nossas refeições eram à base de batata, semilha e milho. Eu nem se quer me lembro que nesse tempo houvesse arroz. A massa, essa tínhamos que ir buscá-la à Ponta do Sol a pé. Era um dia a caminhar, descalças, desde o Lombo do Atouguia até à Ponta do Sol, por veredas, para trazer um quilo de massa amarela. Sim! Só para trazer um quilo porque a fábrica não vendia mais do que isso a cada pessoa.

Como a comida era pouca, os comerciantes não podiam vender muita coisa de uma só vez. Assim era a lei! Até no açúcar era tudo contadinho. A minha família tinha direito só a 2,5 quilos por mês porque lá em casa éramos cinco pessoas. Dizíamos que o açúcar era vendido por “senhas”. Se a família fosse maior é claro que teria direito a mais açúcar. Se faltasse durante o mês não podíamos ir a outra venda. Era só naquela que podíamos comprar. Não havia maneira de enganar os comerciantes. Tínhamos mesmo que poupar muito porque não podíamos comprar mais açúcar até ao próximo mês.

A manteiga era comida de festa a festa (só no Natal). Não havia mais durante o ano. Ainda me lembro que a fábrica vinha dos Canhas buscar o leite à “máquina do leite”. Chamava-se assim porque era um quarto onde se faziam as medições e onde eram marcados os litros de

leite que cada habitante levava para vender. Só no final do mês é que as pessoas recebiam o pagamento do leite. Essa mesma fábrica trazia também para a “máquina do leite” a manteiga, que era encomendada pelas pessoas. Pois, primeiro havia que encomendar! Neste quarto, havia sempre uma mulher que controlava a máquina onde entrava o leite para tirar a nata, este depois ia para a fábrica. O soro que restava era levado para casa para as pessoas darem aos porcos.

O meu pai não tinha vacas nem outros animais. Ele tratava dos bois de um compadre, por isso não tive a sorte de vê-lo ganhar dinheiro com o negócio do leite e por isso só comíamos manteiga de festa a festa.

A minha avó algumas vezes vinha escondida e, na sua saia comprida, trazia semilhas, favas, feijão... Tudo o que ela tinha ela dava. Embora não fosse uma pessoa com dinheiro, tinha o que dava a agricultura.

Lembro-me de irmos comer a sopa a sua casa quando sobrava, e era uma sopa maravilhosa porque tinha tudo o que era preciso para fazer sopa. A que comia em casa era mais à base de água e semilha.

Só a partir de janeiro é que tínhamos carne para comer pois era na altura em que a minha mãe matava um porco que já vinha criado. Nós não tínhamos hipótese de criar um porco. Então era só nessa altura que a sopa lá ficava mais composta com um pedaço de carne.

O resto da carne era todo salgado em salgadeiras, onde o porco era conservado, pois não havia frigoríficos. Nesta altura já havia sal para comprar nas vendas por isso

não precisávamos ir ao mar buscar água para “fazer sal”.

A banha do porco era derretida e deitava-se em púcaras, com um paninho limpo a tapar, para não entrarem bichos. Esta banha era o tempero da comida para o resto do ano todo, que seria usado depois de acabar a carne do porco. A partir daqui carne nem vê-la. Só a banha para dar algum sabor.

A alegria maior de qualquer família madeirense era na altura a de matar o porco antes da Festa, porque era sinal de alguma fartura, pois passava a haver carne lá em casa. A matança do porco era uma festa, principalmente para os rapazes porque aproveitavam a bexiga do porco para fazer bolas para jogar futebol. As raparigas, essas ficavam com a pior parte porque tinham que ajudar a lavar as tripas no ribeiro.

A roupa era pouca. Só na altura do Natal, aos Domingos, vínhamos para o caminho com o nosso vestidinho de chita, e com uma laranja na algibeira. Ainda inventávamos umas boas brincadeiras com a dita laranja! Brincávamos também ao lencinho, cantávamos músicas de roda e divertíamos-nos com o jogo do anel.

Nós tínhamos três dias para brincar, nas chamadas oitavas do Natal: nesses dias é que saíamos com o vestido de chita e quando fazíamos os jogos. No resto do ano não havia nada. Só vínhamos para o caminho conversar com as outras amigas mas nem jogos de roda fazíamos.

Nas oitavas também havia quem se mascarava e, com brinquinhos e braguinhas, iam pelo caminho pelas vendas, cantando e tocando. Mas eram só os adultos que

podiam participar nestas cantorias.

Pela altura da 2ª Guerra Mundial, devia ter eu perto de nove anos, o medo invadiu a população. Corria pela boca do povo que estava um barco longe no mar a jogar balas, na direção da Calheta. As pessoas, aflitas, trataram de se proteger como podiam, por isso o meu pai tapou os vidros das janelas com cartão, por dentro, para não partirem. Nesse mesmo dia juntamos um grupo grande de familiares (tios, primos, irmãos) e fugimos para dentro de um baluque (canal) de um tanque. Passado umas horas de estarmos escondidos, saímos e, como tudo estava calmo, percebemos que tinha sido só falso alarme.

Na minha infância, para além das privações de comida e roupa, também a falta de carinho marcou esta altura da minha vida em que as mentalidades eram diferentes das de hoje. Os pais gostavam dos seus filhos mas não o demonstravam nem tinham muitos actos de amor para com eles.

O meu pai era um pouco severo, principalmente para a minha irmã mais velha. Quando nasci ele esteve 8 dias sem me ver a cara porque queria um menino e eu nasci menina.

Lembro-me que a minha mãe começava a bordar e nós tínhamos que estar ali ao pé dela. Tinha eu dez anos quando comecei a bordar. Ela dava-nos com o dedal na cabeça para fazermos os pontos bem feitos, já que toda a família tinha fama de boas bordadeiras.

No meu tempo não havia transportes. Lembro-me que a minha mãe chegou a ir ao Funchal a pé.

Numa dessas idas ao Funchal, os meus dois irmãos mais novos foram com a minha mãe, juntamente com outras pessoas da aldeia, e ainda hoje contam que choraram o caminho quase todo porque estavam cansados e não queriam caminhar.

Apesar da viagem cansativa minha mãe lá ia para tratar de assuntos no “Engenho do Hinton”, onde é hoje um parque em que resta apenas uma chaminé desse engenho. Era para aqui que vinham as reformas dos homens que estavam embarcados no Curassau (Ilhas Antilhas). Nessa época os homens eram obrigados a enviar dinheiro para as suas mulheres que ficavam em Portugal, por isso, todos os meses, lá ia minha mãe para o Funchal. Eu ainda cheguei a ir com ela, com sapatos pedidos, mas na altura não tive tão má sorte como os meus irmãos porque fomos num barco (Gavião) que partia do Paúl do Mar, parava na Calheta e rumava ao Funchal.

Para chegarmos ao barco Gavião tínhamos que andar um pouco numa barquinha pequena. O dono dessa barquinha punha o seu joelho no chão para nós treparmos como se fosse um degrau, depois levava-nos até ao Gavião, que estava um pedacinho afastado da costa. E lá íamos nós para o Funchal, parando no Ponta do Sol, Ribeira Brava, Câmara de Lobos... Se bem me lembro, eram três horas de barco. Levantávamo-nos às três da manhã para apanhar o barco que passava na Calheta às quatro horas.

Também a maneira de namorar era diferente da de hoje. Naquele tempo os rapazes iam de noite bater à porta das raparigas e diziam quem eram. Se fossem de famílias

boas, os pais saíam, olhavam para o rapaz e combinavam para lá voltarem. Às vezes eram oito dias ou mais. Passado esse tempo recebiam a resposta: Sim ou Não para noivar.

Nesse tempo dizíamos que “andavam para casar” não se usava o termo namorar. Caso levassem a resposta Sim, e depois por infortúnio acabava o namoro, faziam um palheiro na porta da noiva, de Sábado para o Domingo, e deitavam cal desde a porta da noiva até à porta do noivo. Assim, todas as pessoas que iam para a missa no Domingo viam o palheiro e a cal e isso já dava muito para falar, pelo menos nos dias seguintes. Quem fazia esta maroteira eram os colegas e amigos do ex-noivo para os envergonhar. Quando o noivo estava de acordo com o terminar do noivado, eles também ajudavam a pôr cal pelo caminho.

Nesta altura não havia quem namorasse sozinho. Até ao casamento, os pais estavam sempre junto dos noivos ou então os irmãos que os acompanhavam para todo o lado. Nem pensar em ficarem os dois “debaixo do mesmo tecto”, se não a noiva já não podia casar de branco.

Lembro-me que o meu marido Abel foi lá bater-me à porta, ainda não tinha eu 20 anos, mas a minha irmã deu-lhe uma resposta muito feia. Dias mais tarde a mãe dele é que veio falar com a minha mãe e pediu para o filho noivar comigo. Como nessa altura as mulheres não tomavam nenhuma decisão sozinhas, minha mãe escreveu para o meu pai que estava imigrado no Curassau. Para minha pouca sorte, meu pai respondeu que permitia o noivado.

Eu fiquei triste porque não queria noivar com ele.

Minha madrinha tentou fazer-me ver que era um bom partido. Ela até dizia que era como meter a igreja da vila da Calheta dentro da de São João (Atouguia) porque ele era de família ricas e eu era de família pobre. Eu só queria andar pela igreja nas novenas, a cantar e enfeitar e julgava que se me casasse já não fazia nada dessas coisas. Meu dito, meu feito. Depois de casar já não pude fazer nada disso.

Lembro-me de ouvir pela primeira vez a telefonia. Que eu conhecesse só havia duas telefonias no Lombo do Atouguia. Gostei muito. Senti uma coisa diferente. Uma coisa linda. Havia uma hora que dava música pedida e essa música era muito bonita. Foram muitas as músicas do Teixeirinha, (brasileiro) que ouvi enquanto bordava com a filha da senhora que tinha a telefonia.

Também me recordo do dia em que puseram luz eléctrica no Lombo do Atouguia, andamos até às duas da manhã de cima para baixo com aquela alegria. Ia-mos nós para baixo e outras vinham para cima. Era uma alegria tremenda porque não estávamos habituados à luz durante a noite. Lá em baixo a Sra. Maricas Pichota, cantava, cantava cheia de alegria, só de ver a luz. Foi um fartote de rir.

As brincadeiras na minha juventude não eram muitas. Em criança brincava com a terra fingindo cozinhar porque não tínhamos brinquedos. Mais tarde, quando tinha uns dez, doze anos, andava eu na reza. Nesta altura, sempre pela Quaresma, jogávamos ao “Balamento”. Era um jogo que viciava toda a gente!

Éramos duas amigas que tínhamos que dar o “Balamento” de manhã e à noite. Escondíamos-nos uma da outra e a primeira que visse a amiga dizia logo “Balamento”. Então essa ganhava o jogo. Fazia-se o mesmo à noite e todos os dias até sexta-feira Santa. Aqui faziam a contabilidade e quem tivesse menos pontos é que comprava o saco de amêndoas para as duas.

Lembro-me de jogar com a Maria Morgada, uns anos ganhou ela, outros anos ganhei eu. Chegávamos a jogar com mais do que uma pessoa.

Aos 28 anos despedi-me de Portugal e embarquei com o meu marido para a Venezuela, já tinha eu três filhas.

Lá vi pela primeira vez televisão, em casa de uma vizinha.

- Senhora Maria quer vir ver a novela? Falou-me a vizinha.

Eu sabia que havia televisão mas nunca tinha visto nenhuma, Então aceitei o convite e à noite juntei-me com ela (Sra. Regina) e ver a telenovela. Nessa noite não dormi nada. Tudo por culpa da televisão. Estava a dar na altura uma telenovela em que a actriz estava a comer esparguete e estava presa numa cadeia. Chega um guarda, tira-lhe o prato e não a deixou comer mais.

Fiquei com tanta pena dela que nessa noite não dormi. Ainda hoje me lembro bem desse meu primeiro encontro com a televisão.

Passei 18 anos na Venezuela e agora cá estou eu, com 73 anos, a aprender a ler e a escrever e a recordar a passado.²⁴¹

De Angola à Madeira – breve história da minha vida

O meu nome é Maria Margarida Carvalho. Nasci em Caxito, Angola, em 1950. Os portugueses diziam que era a terra dos macacos porque lá havia muitos. Vivi com a minha mãe até aos nove anos. Ela chamava-se Filipa António. O meu pai vivia em Luanda. Ele era branco. Lembro-me de ele dizer à minha mãe para cuidar bem de mim.

Em 1961 houve uma guerra e os bandidos atacaram-nos por sermos, eu e a minha mãe, filhas de portugueses brancos. Eles eram negros e queriam matar-nos. A minha mãe escreveu ao meu pai para que me fosse buscar. Mas, ele enviou dois casais negros porque trabalhava nas minas de ouro e diamantes. Entregaram-me ao meu pai. Contudo, ele já estava casado com outra mulher e a minha madrastra não me quis aceitar. Então, resolveram entregar-me a um tio, irmão dele. Mas, a mulher do meu tio, que era negra, não me dava de comer, dando às suas filhas mestiças como eu. Passei muita fome e sofri muito.

Meses depois, um casal amigo do meu tio, ele branco, ela negra, falou com um outro casal que vivia em Luanda para ver se queriam ficar com uma miúda. Ainda não tinha dez anos. Foram buscar-me a casa do meu tio. Ele chamava-se Rui Branco Neves e era engenheiro e ela Maria Luísa Branco Neves. Vivi com eles um mês.

Certo dia, outro casal amigo do último que me acolheu, tinha uma menina com sete meses. As duas

senhoras eram amigas de infância. A mãe da menina gostou de mim e pediu à senhora Maria Luísa para me entregar a ela. Ela aceitou.

A partir daí, não tive de andar mais de mão em mão. A família Gouveia é que tomou conta de mim e me educou. Baptizaram-me e fui eu que escolhi o meu nome. Sempre gostei de ter o nome que tenho e era o que os meus pais biológicos gostavam.

Vivi sempre com eles em Luanda até aos vinte e quatro anos. Recordo-me do dia em que o meu pai quis tirar-me da casa onde eu morava. Mas, eu não quis ir. Tinha treze ou catorze anos. Ele veio só porque a minha madrastra sabia que eu fazia bem as tarefas domésticas e queria que eu fosse “escrava” dos meus meios-irmãos.

Os meus padrinhos de baptismo chamam-se João Evangelista de Gouveia e Maria Manuela de Aragão de Gouveia. Ele é da Madeira e ela de Lisboa. O meu padrinho é doutorado em Letras e a minha madrinha é dona de casa. Gosto muito deles pelo que fizeram por mim.

Antes do 25 de Abril de 1974, viemos de Angola para a terra do meu padrinho. Continuei a viver com eles, no Funchal, durante vinte e cinco anos até aos quarenta e nove anos de idade.

Um dia, os meus padrinhos resolveram ir a Lisboa de férias. Queriam que eu fosse com eles mas, adoeci e não pude ir. Para não ficar sozinha, o meu padrinho conseguiu com que eu ficasse aqui, no Estabelecimento do Ilhéu. Já estou cá há nove anos e sinto-me bem. É a minha casa. Continuo a ser amiga dos meus padrinhos e dos seus

filhos e eles de mim. Vou lá muitas vezes porque gosto muito dos netos dos meus padrinhos.

Depois que vim, nunca mais voltei a Angola. Se fosse, seria só em passeio. Não sei dos meus pais. Como sou filha de pai português e por viver aqui há tantos anos, Portugal é o meu país e a Madeira a minha terra.²⁴²

Carta aberta às mães desiludidas

Ouvi há dias uma história, não de carochinha, mas verídica. Quando acabei de ouvir, ”vi-me” de cabeça baixa e sem palavras.

Levantei os olhos, e dei com os meus, nos olhos da senhora – que era duma senhora que se tratava – estávamos as duas a chorar. Parece impossível, mas ainda há mártires sem voz, escondidos, envergonhados, humilhados, só porque a vida lhes foi adversa e não correu como o casal tinha sonhado e planeado um dia. Eu conto do princípio.

Casaram os dois jovens felizes e esperançados, embalados numa miragem que sempre e cada vez mais se distanciou.

Começaram as nascer os filhos, um atrás do outro, até que chegou próximo a uma dezena. Era muita boca a sustentar!

Combinaram os dois, e o marido emigrou com as suas boas intenções e planos de vida – trabalhar, ganhar dinheiro para o sustento dos filhos, pô-los na escola – e

depois chamar os mais velhos para ajudar os irmãos que ficavam na terra com a mãe. Passado pouco tempo, o pai noticiou que o dinheiro para as passagens dos dois filhos já aí vinham ... e passou meses e anos mas o dinheiro nunca cá chegou.

A mulher no princípio trabalhava na sua agricultura, dava para comer, mas faltava vestir, e calçar, escola, etc. Foi o filho mais velho para o Funchal frequentar uma escola secundária, onde o miúdo com 10 anos já estudava e trabalhava. A mãe por seu lado, arranjou trabalho fixo no Funchal, arrendou uma pobre casinha e abalou de “malas e bagagem” para a cidade.

Nos fins-de-semana, todos vinham a casa trabalhar a fazenda, porque o ordenado era pouco e não dava para viver sem o que plantavam: semilhas, batatas, feijão, inhame...

Com todo este labutar os filhos cresceram e a mãe lá conseguiu o dinheiro para as duas passagens dos dois filhos mais velhos, que se foram juntar ao pai. O pai então interessou-se por eles e arranjou-lhes trabalho. A mãe ficou sempre com a mesma luta, qual “Joana D’Arc” de pé, salvando a sua prole.

O marido volta a escrever mais fantasias: mandaria dinheiro para ela se juntar a ele – com muitas promessas que mais uma vez não se cumpriram. Não seria talvez má vontade dele, mas a árvore das “patacas” já tinha sido abanada e quando ele lá chegou era preciso muito sacrifício para obter dinheiro e por isso mal dava para os alfinetes.

Esta mãe heroica trabalhou, labutou tanto, que conseguiu que todos os filhos tivessem alguns estudos e, portanto pudessem arranjar emprego. Hoje todos estão casados e bem na vida. A mãe está feliz, mas muito doente de tanto sofrer e se “gastar”.

Eu ouvi esta narrativa sempre calada e a pensar: são estas heroínas escondidas, cumpridoras dos seus deveres, com os seus filhos bem-educados e trabalhadores, que o mundo não pode viver nem sabe onde estão, porque só vê superficialmente o que parece e não o que é.

Estas mães sim, mereciam uma distinção honrosa na freguesia que as viu nascer. São “estas” que como as violetas humildes, debaixo das folhas, morrem, só à espera da recompensa que a sua religião lhes promete, porque essa nunca lhe faltará, por meio do Evangelho disse Jesus que um dia morreu no meio de dois ladrões, e nunca ninguém em vida viu que ele era Deus pelas maravilhas que operou.

Só o cinturão no alto do Calvário bateu no peito dizendo: “este verdadeiramente era o filho de Deus”.

É a estas mães que quero homenagear e desta tribuna mandar um grande abraço amigo.²⁴³

Mudaram-se os tempos e os costumes

Mudaram-se os tempos e os costumes.

Quando era mais nova tratávamos todos por “Si” e por “Vossemecê”, mas agora é tudo por “Tu”,

estranhamos a maneira da juventude falar. Antigamente para cumprimentar as pessoas de manhã diziam: “Nosso Senhor nos dê bom dia!”, agora é só, “Bom dia!”. Dizia-se, também, “Deus nos salve” e a resposta era “Amém Jesus”. Se dizia “olhe” em vez de “olha”.

O convívio era mais saudável, as pessoas juntavam-se em casa dos vizinhos para conversar, fiar o linho e a lã, e as noites mesmo iluminadas por um candeeiro pequenino a petróleo rendiam como se trabalhássemos à luz de uma lâmpada de mais 75 W. Agora cada um fica em sua casa com a companhia da televisão que embora distraia e ajude a passar o tempo nunca é tão prazerosa como as conversas que tínhamos com os nossos vizinhos.²⁴⁴

A guerra no tempo da minha avó

Minha avó morava em S. Martinho (Funchal) mas quando minha mãe casou, veio morar para o Loreto, daí vos poder contar esta história que me foi transmitida por ela.

A minha avó contava que, antigamente, quando ela era jovem, se alguém estava doente em casa e que gemia e gritava, as pessoas que viviam nessa casa tinham que cantar para ninguém saber porquê, se descobrissem iam a casa homens que levavam as pessoas numa rede e nunca mais apareciam.

Ela também contava que apareciam barcos que

encostavam em Câmara de Lobos e atiravam fogo, balas para terra, até algumas casas ficavam com buracos. As pessoas diziam que eram os piratas.²⁴⁵

Memórias da minha vida. A vida no Porto Santo do século XX

A vida atual no Porto Santo não tem nada a ver com a vida de há setenta anos atrás. A nossa querida ilha desenvolveu-se e cresceu tal como uma bela jovem. A sua praia de areia amarela e com propriedades terapêuticas deu-lhe o nome de Ilha Dourada. Um nome justo devido ao brilho que ela desperta no Atlântico, vista do espaço.

Nessa época, os campos estavam todos cultivados e as searas louras e prontas para a ceifa faziam lembrar um manto dourado e ondulante a estender-se sobre a Ilha do Porto Santo. O gado pastava nas encostas e ocupava também uma parte da população nesta atividade. Outra atividade importante da nossa ilha foi a indústria dos fornos da cal. Muitas pessoas ocupavam-se na extração da pedra calcária e na produção da cal que era muito procurada pela construção civil quer do Porto Santo quer da Ilha da Madeira.

Os barqueiros faziam o transporte das mercadorias e pessoas, entre o Porto Santo e a Madeira e vice-versa, em barcos de carreira muito pequenos. As viagens eram demoradas e cansativas e o desembarque era feito em pequenas lanchas na praia. Havia vendedores ambulantes,

os adelos, que iam de casa em casa com o seu fardo às costas para vender os seus produtos. A vida era uma constante aventura.

Mas falemos agora de mim. Nasci na Serra de Fora, num dia quente e radioso de Verão, a 12 de Setembro de 1943. Foi um dia muito feliz para os meus pais que me abraçaram mal eu vi a luz do dia. Senti-me envolvida e segura nos braços ternos e fortes da minha mãe que era uma senhora muito atenta e carinhosa para com os filhos. Os seus olhos castanhos e expressivos olharam para mim com tanto amor que o senti no seu abraço terno, quente e forte. Ao todo, éramos cinco filhos.

Esses tempos apresentavam outros desafios à população da nossa ilha. Não havia escolas, nem lojas, nem centros comerciais, nem luz eléctrica, nem água canalizada, nem estradas asfaltadas, nem telefones ou outros tipos de comunicações mas havia muito amor, amizade, compreensão, ajuda e partilha entre as pessoas.

Nessa época, eram raras as mulheres que trabalhavam fora da sua casa. Só os maridos é que tinham profissões assalariadas ou na agricultura, contribuindo desta forma, para o sustento das suas famílias. No meu sítio, eu fui a primeira mulher a trabalhar por conta de outrem e a ter um salário mensal.

Mas o trabalho dos homens era árduo e o das mulheres também. Além de cuidarem dos filhos e da casa, as mulheres faziam ainda outros trabalhos para ajudarem na economia familiar. Nessa época bordava-se muito e, no sítio onde eu vivia, a confeção de chapéus e outros

produtos de palha de palmito e de palha de trigo era uma tarefa quase diária.

O palmito (palma tenra do olho da palmeira) é uma matéria-prima que para ser utilizada na confecção dos produtos necessita passar por várias fases de tratamento que são muito morosas e difíceis. É preciso corá-lo, raspá-lo e só depois entrelaçar as tranças do palmito que foi, previamente, desfiado em palhas de largura semelhante. Só depois da trança completar vários metros é que se poderia começar a dar forma aos vários artigos num molde, cosendo as tranças umas às outras com uma técnica especial.

Desde muito cedo, as crianças habituavam-se a ver as mães, avós ou parentes a trabalhar este tipo de material muito macio e aprendiam na sua infância esta arte centenária da nossa ilha.

Os produtos confeccionados com o palmito (chapéus, carteiras, cigarreiras, bonés e porta-moedas) eram muito procurados pelos veraneantes nacionais e estrangeiros que não voltavam para os seus locais de origem sem uma recordação do Porto Santo. Esses produtos eram vendidos nalguns espaços comerciais existentes na então Vila de Porto Santo.

Mais abaixo está a foto que encerra uma das minhas memórias da infância. A minha querida mãe está ao centro e eu, junto dela nas minhas brincadeiras, espreitava com muita atenção as suas mãos ternas, hábeis, rápidas e criativas a trabalhar a trança de palmito. Foi assim que também aprendi essa arte portossantense que

faz parte do nosso artesanato.

Esse tempo passou rapidamente mas tenho ótimas recordações que ficaram para sempre gravadas na minha memória.²⁴⁶



Família de Maria Otília de Melim a confeccionar os chapéus de Palmito no Sítio da Serra de Fora, na década de 40 do séc. XX.

(Foto cedida, gentilmente, pela Sra. Maria Otília de Melim, aluna do Ensino Recorrente da EB1/PE de Campo de Baixo – Porto Santo)

(Da esquerda para a direita: amigas da família (três primeiras pessoas), ao centro: Sra. Maria Amélia da Silva (mãe da Sra. Otília de Melim) e Otília de Melim (menina), seguindo-se as duas irmãs e irmão da Sra. Otília de Melim (direita).

Acerca do 25 de Abril

Antes do 25 de Abril era como quem estava preso numa prisão, não se podia falar, não se tinha liberdade nenhuma, os maridos trabalhavam, mas as mulheres não podiam ir trabalhar pois eram mal faladas. Só podia trabalhar no bordado quem tinha filhos na escola que soubessem mais um pouco. Agora os nossos filhos têm o valor que eles merecem e pelo que sabem. Devemos dar graças a Deus pela liberdade graças ao 25 de Abril.

Antes não havia televisão, não havia computadores, não se ouvia canais de rádio, era duro viver naquele tempo, principalmente as mulheres. Choravam por não terem comer para dar aos filhos. Não havia Segurança Social nem apoio do Governo. Até para namorar era às escondidas para os pais não verem. Não se podia falar com o noivo a não ser quando ele vinha a casa e à vista dos pais. Os casamentos eram arranjados pelos pais, e quer se quisesse ou não, tinham de se aguentar até ao fim, sem separações como hoje! Era duro de aguentar um casamento até ao final da vida!²⁴⁷

Antes do 25 de Abril foi custoso viver. Andávamos descalços porque não havia dinheiro para comprar sapatos, a roupa era pouca e as escolas eram pobres. As professoras eram muito más, maltratavam muito os alunos e não se levava lanche porque não havia dinheiro para isso. Eu ia para a escola de manhã e chegava a casa à noite. Se

chegava tarde à escola apanhava com uma régua nas mãos. Não havia médicos de família e quando se tinha filhos eram as parteiras que nos ajudavam. Era muito difícil a vida, e, até para a missa se tinha de ir descalço.

As crianças sofriam porque não havia leite e elas tinham de comer só a comida da fazenda. O açúcar, o sabão, a massa e o arroz eram comprados por senhas. As mulheres eram umas escravas a trabalhar e não podiam falar.²⁴⁸

Antes do 25 de Abril as mulheres eram umas escravas, não tinham direito de trabalhar senão na agricultura e quem tinha o direito de trabalhar eram os homens. Antes do 25 de Abril não havia médicos de família nem se tinham os filhos nos hospital com médicos, era na nossa casa com muito custo e na mão duma parteira. Estava-se dias e dias a sofrer até que o bebé viesse para o mundo.

Antes do 25 de Abril os homens eram muito desconfiados. As mulheres não podiam ir à cidade sozinhas. Nós, as mulheres, éramos escravas dos homens porque os nossos maridos não tinham trabalho em que ganhassem dinheiro suficiente que sobrasse para as nossas despesas da casa. Os filhos iam pedir pão para comer porque não havia o abono.

Antes do 25 de Abril não se podia falar mal do Governo nem se podia ver televisão porque não havia. Também, as escolas não eram como hoje: havia escolas femininas e masculinas. Era tudo muito diferente de

agora! Eu ia para a escola de manhã e vinha à noite. Quando chegava tarde a senhora professora batia-me com a menina de cinco olhos!

Depois do 25 de Abril veio a liberdade para todos, tanto para os homens como para as mulheres.²⁴⁹

Antes do 25 de Abril, a vida era muito triste. Não havia muitas escolas e nas que havia as professoras eram más! As escolas eram separadas: femininas e masculinas. Não havia liberdade para as mulheres eram só os homens que tinham o direito de falar e mandar. As mulheres eram escravas dos homens, e muitas vezes eles batiam-lhes e elas não choravam para os maridos não lhes baterem ainda mais. Não havia sapatos, as pessoas andavam descalças, não havia dinheiro para nada: o sabão, o açúcar, o café, o petróleo e outras coisas eram compradas por senhas.²⁵⁰

Antes do 25 de Abril não havia liberdade para as mulheres, só os homens a tinham porque as mulheres eram para cuidar dos filhos e fazer a comida. Também esperariam por algum dinheiro que sobrava do marido quando chegava da taberna, portanto eram escravas. Não tinham a oportunidade de terem os seus filhos num hospital, passavam dores dias e dias até chegar uma comadre para ajudar a nascer os filhos. Depois de dois dias já iam para a ribeira lavar a roupa porque não havia máquina de lavar. A mãe que não podia alimentar o seu

filho pedia aos sogros para lhe dar meio litro de soro, porque o leite bom era para vender nas desnatadeiras para poder fazer algum dinheiro para pagar as suas despesas. Muitas das mulheres não conheciam o Funchal, porque não tinham oportunidade de lá ir e como tal nunca conheceram a nossa ilha. Também não se podia ouvir qualquer emissora de rádio nem falar sobre o Governo. As escolas eram separadas, as meninas eram numa escola e os meninos noutra. Só apenas davam a terceira classe porque os pais queriam que elas trabalhassem a tratar os gados e a fazer a comida enquanto os pais trabalhavam nos terrenos; só se tinha uma peça de roupa para ir à Igreja, era uma vida muito apertada e muito pobre!²⁵¹

Nos nossos tempos já nada disto acontece

Na casa dos nossos pais não havia condições como a casa onde vivemos agora. Éramos nove irmãos a viver e a dormir debaixo do mesmo tecto. As condições de higiene eram muito fracas e os alimentos por vezes também escasseavam. A nossa mãe chorava quando o pai gastava o dinheiro no jogo e não trazia alimentos para casa. A casa era muito pequena. Uma cozinha muito fraca, uma casa de banho improvisada e um quarto de dormir para nós todos.²⁵²

O ferro de engomar de outros tempos

O ferro de engomar de outros tempos não funcionava a electricidade. Era o carvão de lume que se usava para aquecer o ferro. Este ferro largava alguns fumos. A roupa ficava quentinha e sem cheiro de fumos. Era em cima da mesa e até no chão que engomávamos com a ajuda de imagens dos santinhos com quem conversávamos enquanto deixávamos as roupas dos familiares arrumadas em gavetões com cheiro de naftalina. Hoje em dia, há ferros que são uma maravilha. São muito caros mas muito fáceis de usar.²⁵³

O Teatro em S. Jorge

Pelo que já sabemos, já antes do ano 1900, fazia-se teatro em S. Jorge, porque nessa época já estavam feitas as casas solarengas, com salas grandes, para que as pessoas se pudessem reunir e fazer as suas palhaçadas, onde muito se divertiam entre famílias e amigos.

O que mais corria nessa época eram os despiques com acompanhamento de “requesta” em todas as festas, mas em especial: Natal, Carnaval (Entrudo), S. João e S. Pedro. O meu pai e avô também faziam parte desses grupos e, portanto o meu berço foi propício a grupos de teatro.

Com cinco anos fiz o meu primeiro ensaio, com umas quadras que a senhora professora D. Adelina me

mandou para eu aprender.

Claro que não sabia ler e os meus pais à noite iam lendo e eu decorando as palavras que, aprendi com certa facilidade. Daí em diante fui fazendo alguns discursos feitos pelo nosso Pároco P. Lobo, então também muito jovem, em ocasiões destacadas como: nas vindas à Madeira e a S. Jorge, do Sr. Cardeal D. Teodósio Clemente de Gouveia, natural desta freguesia, como Bispo e depois como Cardeal; a representantes de governo; anos dos nossos Párocos; Dia de Mãe, Comunhão Pascal;... As senhoras professoras, D. Xavier e D. Conceição, apesar de ganharem muito pouco e terem escola o dia inteiro até com sessenta alunos, tiravam o tempo preciso para nos preparar as récitas, porque diziam: “Tudo isto é cultura e desenvolvimento”. Depois veio a Ação Católica e Rural para a freguesia, nos anos 40/50 que foi talvez, a maior organização que deu à freguesia, mais cultura para raparigas e rapazes. As direções paroquiais continuaram com o mesmo entusiasmo preparando récitas para divertir o povo.

Cresci e também ajudava como podia e sabia, porque as minhas letras eram poucas e não era “modas” as raparigas estudarem. Nos anos 50/60 e 70 vieram professoras que também se entusiasmaram e continuamos com a ajuda de todas elas no teatro. Era ver a alegria dos miúdos que eram escolhidos, sem nunca faltarem aos ensaios. É pena que tudo isto se perca, porque começou a falta de tempo para toda a gente. Os programas escolares começaram a ser mais rígidos e carregados, todos têm

família, e talvez, também hoje com esta vida agitada, falta a generosidade de dar sem receber recompensa, a alegria de vermos a “coisa” sair bem. Agora os anos já pesam para as pessoas que se entusiasmavam nestas récitas, só nos resta quando estamos em grupo, com muita saudade, ir ao fundo das gavetas e ler essas recordações tão lindas: danças, cantares, despique, monólogos, poesias, etc.

Vamos vivendo destas recordações até que um dia apareça quem pegue nestes papéis e meta “ombros” à obra, que é de todos e para todos, para alegria de quem dedicou muitas horas do seu trabalho e lazer a esta atividade lúdica.²⁵⁴

A carteira

Naquele tempo havia muita fome. Um dia achei uma carteira e pedi a duas vizinhas que fossem comigo entregá-la a seu dono, o Dr. Pereira, de Câmara de Lobos. Tinha um retrato dele e da sua mulher e estava cheia de dinheiro. Mas, ele disse-me que, se eu tivesse fome não lha vinha entregar.

A bolsinha do dinheiro

Uma vez fui à serragem buscar lenha para fazer o almoço. Eu tinha dez filhos. Vi uma bolsinha em cima do muro defronte do barracão. Levei a lenha e fui para casa. Cheguei a casa e o meu marido disse-me que o meu sogro

ia triste para casa. Então, eu disse que tinha sido uma pessoa que achou a bolsa, senão o meu marido não me deixaria entregar.

O dono da bolsinha era um cabo do mar. Eu disse ao meu marido para ir comigo à casa do senhor Luís. O meu filho chamou-o porque trabalhava para ele. Eu disse ao senhor Luís para mandar o meu marido acima à barraca. O senhor percebeu a minha ideia e mandou-o buscar uma pinha de salsa.

Assim, eu pedi ao homem para me mostrar o saquinho do dinheiro para ver se era igual ao que eu tinha. Ele trouxe um igual e disse-me que fosse para casa porque todos os meses ficava dinheiro do mês anterior. Tivemos esta conversa sem o meu marido ouvir e ficou combinado que o senhor Luís me mandaria chamar depois.

O meu marido veio comigo e disse-me que se ele desse dinheiro seria metade para ele e metade para mim. Aí, eu disse-lhe que iria com o David, nosso filho, falar com o cabo do mar para ver o que ele dizia.

Mas, eu fui ter com o senhor Luís que me deu uma recompensa que deu para comer duas semanas.

O prato do meu marido

Certo dia, fiz o almoço para o meu marido. Ele era pescador. Procurei o prato dele para lavar mas não o achava. O meu cá já estava lavado. Estava à janela e viu-o chegar com um saco preto. Nisto, eu pedi à Georgina da

Fragata para ir comigo. Assim que ele me avistou disse:

- Ah! Sua filha do ar! Tu não me lavaste o prato mas, vai o meu e o teu pelo ar!

Chegámos à Loja da Ponte e ele jogou os pratos para a ribeira. Fugi logo para casa do meu filho e contei-lhe. Daí a bocado vinha ele a cantar com uma bebedeira. O meu filho deixou-o chegar a casa e foi atrás do pai e disse-lhe:

- Pai, eu gosto muito do senhor mas, esta loiça fui eu e os meus irmãos que comprámos!

Mais de dois meses eu comi na panela e ele na tampa. Ai! O que eu passei com aquele homem!

Um dia, ele chegou a casa com quatro pratos num saco. E o filho disse-lhe:

- Ah! O senhor já comprou?

- Já comprei! Se ela partir, ela paga! Se eu partir, não pago, já tenho! – respondeu ele.²⁵⁵

Os dois e meio

Quando era pequena, todas as minhas amigas tinham dinheiro para doces. Só eu não tinha! Um dia, em casa dos meus pais, meti uma faquinha pelo mealheiro e tirei *dois e meio*. Mal eu sabia quanto dinheiro era!

Vim da escola, cheguei ao Calvário, entrei na venda e disse “Isto de doces!” Foram tantos doces, tantos! *Peras, purlitos* e rebuçados de funcho... O vendeiro achou que era tanto dinheiro para doces que ficou desconfiado e

ainda me deu troco. Tantos doces, meu Deus! Realmente não sabia que era tanto dinheiro...

Uma amiga que vinha comigo e que comeu dos doces contou à mãe. Ora, a mãe da minha colega não demorou muito para contar aos meus pais! O meu pai ficou tão furioso que a sua primeira reação foi dizer “Ah! Suas filhas das p...!”

Depois, comi uma “malha” e ainda por cima praguejei! Mas também nunca tinha visto e comido tantos doces na minha vida!²⁵⁶

O cesto das cerejas

Um dia fomos apanhar cerejas num dia de chuva e ficámos todos molhados! O meu pai disse-nos que cada um apanhava um balde ou dois e já dava para encher um cesto para irmos no carro vender à cidade do Funchal. O meu pai era comerciante e também tinha uma venda, era vendeiro. Eu que sempre fui *padre-mestre*, especialmente com o meu pai que era muito severo, mas correcto, logo disse-lhe:

- O pai é que vai levar que eu e os meus irmãos somos pequenos e os cestos são pesados!

Então, ajudámo-lo o primeiro cesto e o pai foi agachado com ele às costas todo escorrendo!

O molho de erva

Os meus irmãos, António e Vitorina, foram apanhar um molho de erva para a vaca Janeira que levantava a biqueira. Era tão brava mesmo amarrada à manjedoura!

A minha mãe achou que o molho era muito pequeno. A minha irmã Vitorina, que era muito *riposteira*, disse à mãe que não a comia toda de uma vez! Minha mãe pegou na corda do molho e deu-lhe umas vergastadas nas costas. O meu irmão, esse ficou-se a rir porque não respondeu e não lhe chegou nada!

O salto para a cerejeira

A nossa casa tinha quatro quartos. Dois para uma tia e dois para nós. Um dia, a minha prima disse que estava na hora de ir para a reza mas, eu disse que não podia ir porque estava de castigo por não ter acabado um trabalho. Ela disse para não me chatear, para me vestir rápido.

Então, ela tirou a escada da loja, pô-la na janela e disse-me para descer e ir para a igreja. Assim foi.

Quando cheguei a casa, o meu pai já sabia. A janela tinha ficado aberta. Ele perguntou por onde e como eu tinha saído e eu respondi que tinha saltado da janela para a cerejeira como os meus irmãos faziam. Os meus irmãos cá jogavam-se para a cerejeira!

Como eu era rapariga e ainda por cima *grossa*, ele

não acreditou na história e que eu fosse tão afoita. Mandou-me saltar naquele momento para comprovar! Antes de eu me jogar, fiquei um bocadinho a pensar. Tinha medo de me esmigalhar toda. Mas disse para mim: “o pai já vai ver”. Lá ganhei coragem e joguei-me!

A cerejeira abanou bastante mas não partiu e o meu pai disse que tinha sido verdade, que não me ia bater, que era verdade! E eu pensei “lá isso foi”.

E nunca mais fiz tal coisa e até hoje nunca ninguém soube a verdade.²⁵⁷

O dinheiro do bordado

O meu avô paterno estava a morrer e os meus pais foram para casa dele. A minha mãe destinou-me que fosse a casa da senhora dos bordados para fazer a conta dos que se tinha mandado. E avisou-me para guardar bem o dinheiro.

Eu fui lá. Ela fez a conta e deu-me o pagamento e o bordado para se fazer. Vim para casa mas, pelo caminho desembrulhei o bordado para ver se tinha as linhas. Mas, no abrir, o dinheiro saltou (eram três notas de vinte escudos) para um montinho de orégãos e eu não vi. Só em casa é que dei por falta dele. Ai que me subiu uma coisa pelos pés fora!

Peguei a tremer e voltei ao lugar onde abri o bordado. Tinha uma vizinha lá e ela sabia. Uma sobrinha dessa senhora, que veio apanhar orégãos, encontrou o

embrulhinho de papel com o dinheiro e disse à tia. Esta disse de quem era.

Ao cabo de dois meses a rapariga veio trazer-me o dinheiro. Assim liberei-me de uma malha de meu pai. Em todo o caso ele já tinha dito que bater ou não bater não trazia o dinheiro de volta. A minha mãe ficou contente porque era de muito trabalho e sacrifício. Era para se comer, ainda mais que o meu pai nem sempre tinha trabalho.

Ai o que me agoniei até o dinheiro aparecer! Também ficou de *escarmentar* que nunca mais abri o bordado pelo caminho.

O cesto de peros

Um dia estava-se a arrumar uns peros para ir vender à vila de Câmara de Lobos. Nesse tempo eram contados, como os peixes, às dúzias, antes de serem vendidos.

Depois do cesto estar cheio, o meu pai disse-me e à minha irmã para irmos ajudá-lo. Assim que ele se ajudou ao cesto às costas, *embarrou* com ele na cerejeira e caiu! O cesto foi para um canto e os peros ficaram todos espalhados pelo chão e tivemos de ajuntar e arrumar tudo de novo.

Mas, quando o meu pai caiu de papo para o ar com o cesto, deu-me gana de rir! Ele foi ao pé de mim e deu-me duas chapadas. Bem as mereci!²⁵⁸

A malha

Eu vivia em casa do meu avô. Ele era lenhador. Um dia ele estava a trabalhar na serra e eu fui com o almoço. Cheguei lá e ele perguntou se eu tinha levado a corda. Eu respondi-lhe que me tinha esquecido. Nisto, o meu avô deu-me umas vergastadas com uma casca de eucalipto! Voltei a casa buscar a corda e arranjei um molho de cascas e trouxe para casa. Depois do jantar ainda tive que ir buscar mais um molho. Fiquei arrebitada, mas tive que ir!

O molho de lenha

Um dia fui levar o almoço ao meu avô e trouxe um molho de lenha, de galhos e *franças* de pinheiro, daqueles paus secos que se cortava com um pedão. Estava um dia de mau tempo! Tinha medo dos trovões e dos relâmpagos que cai e fiz um talho na testa! Joguei a lenha e quando o meu avô chegou à noite perguntou por ela. Veio-me à cabeça dizer-lhe que a avó já a tinha ardido.

No outro dia ele perguntou-me se o molho de lenha não era aquele que estava lá em cima dentro dos pinheiros. O meu avô obrigou-me a ir lá buscar a lenha e à noite lá estava ela em casa, ainda amarrada, para ele ver. Ele viu e não disse nada.

Eu tinha medo do meu avô porque ele queria tudo direito. Vivi em casa dele dos seis aos dezanove anos, altura em que casei.

A fuga da fazenda

Há muitos anos, eu estava a plantar rama com um trabalhador. Ouvi uns gritos perto da fazenda onde eu estava a trabalhar. Fugi de lá para ir ver o que era. Quando cheguei lá vi que tinha sido um rapazinho que tinha caído num poço e tinha morrido afogado.

Voltei para casa contar a nova. O meu avô só perguntou por que é que eu tinha caminhado da terra. Eu expliquei. Vai nisto, ele pegou na enxada e deu-me duas vergastadas com o cabo!²⁵⁹

O beijo

Eu andava para casar com dezassete anos. E um dia encontrei o meu amor no caminho, no Garachico, ao descer do Luisinho para baixo, para Câmara de Lobos.

Tinha medo de dar beijinhos porque a minha mãe me dava beliscões. Dê-mos um ainda assim. Por causa do beijo, fui para casa e maneei nele porque pensei que tinha um menino dele.

E depois desse muitos outros se deu e é que foi dar. Se eu soubesse, tinha dado mais!

Mas, o fruto proibido foi só depois do casamento porque quem casou, deserdou!

Infelizmente, ele não me saiu muito bom. Foi para o Brasil e chegou louco da cabeça! Bebeu muita cachaça, como lá se diz.

Vivi em casa de meu sogro com os meus filhos.
Bordei de sol a sol para criá-los!

Agora, a minha vida é descansar!²⁶⁰

Recordo a vida que não gosto de recordar

O meu pai era pescador, um bom pescador.

Éramos seis irmãos quando, o meu pai depois de, dar um beijo a cada filho e esposa foi para o mar, o mar do norte. Desceu a rocha mesmo sendo proibido foi pescar com bombas para mais facilmente levar peixe para casa e para vender para dar sustento à família. Sempre foi muito cuidadoso mas nessa manhã a bomba rebentou nas mãos do meu pai. Foi socorrido no hospital mas nesse tempo pouco puderam fazer.

O meu pai perdeu a coragem e saúde para trabalhar e num só segundo, começamos a pedir esmola e a comer milho de Santana com feijão dentro com os vizinhos.²⁶¹

Histórias que fazem Estória

Não sei há quanto tempo ... foi há muitos anos, conta o povo que o sino da igreja de Machico foi levado para a igreja da Sé no Funchal. Colocaram o sino e nada de nada. O sino não tocava. Ora, a população admirada regressou com o sino para a igreja de Machico onde o sino voltou a tocar e continua a tocar na igreja, igreja da Imaculada Conceição.

Ora, há cá coisas...²⁶²

A crise de oitenta anos atrás

Havia casais com famílias sem comida para comer.

A minha mãe cozia as batatas contadas para cada filho e o meu pai pescava o peixe.

A carne era de festa a festa.

O peixe e outros alimentos eram trocados por outros produtos noutras freguesias.

O milho e a batata-doce era o comer dos pobres enquanto agora, é um bom prato típico da Madeira.

O pão não se comia todos os dias. O forno cozia de oito em oito dias.

Ora, o dinheiro era a troco do leite das vacas, do peixe e da agricultura. Neste tempo era o vintém e posteriormente a pataca.

Lembro-me de comprar um pão por sete tostões. Um quarto de quilo de arroz, um quarto de litro de leite numa vasilha e fazíamos o soro.

Não havia luz. Era a luz da candeia com petróleo que nos iluminava.

Sem televisão, sem rádio, havia mais confraternização entre as famílias.

Hoje em dia, esta crise de falta de poder de compra voltou.²⁶³

Antigamente...

Quando eu casei, não havia eletricidade em casa. A iluminação fazia-se com candeias de petróleo e velas.

Os cozinhados eram feitos a lenha, ainda hoje, os meus filhos, gostam muito dessa comida feita no lume. Também usei “ciganos a farelo”, uma espécie de um forno. Depois apareceram as “cozinheiras” a petróleo, que já facilitavam as tarefas. Para engomar a roupa, usávamos um ferro que se aquecia em cima das brasas ou outro que levava as brasas dentro.

Depois, veio a luz elétrica que mudou a nossa vida, tornando tudo muito mais fácil e limpo.²⁶⁴

Vindimas



A Cantiga das Vindimas

Refrão:

A noite é bela
É lindo o luar
Toquem os pandeiros
E comecem a dançar.

Esta noite eu fui à fonte
Eu quebrei o pucarinho
Ai, ai, ai
Toquei nos pandeiros
E comecei a dançar.

Ó Maria dos casais
Escolhe uvas com fervor
Em pensar que vais bailar
À noite com o teu amor.

Por entre as videiras
O som das cantigas
Sendo os mais ligeiros
Das tardes das vinhas.

Dou cortes a brancas
E a loiras das vinhas
Sendo os mais tardantes
Dos tardos das vinhas.²⁶⁵

Vindimas

No meio daquele mar
Tem uma parreira de uvas
Não há faca que as corte
Já se perdem de maduras.

Subi ao céu numa escada
E descí num cacho de uvas
Só Deus é que pode ajudar
Estas pobres viúvas.

A parreira dá-me um cacho
O cacho dá-me um vaguinho
Quero fazer água pé
Já que meu pai não tem vinho.²⁶⁶

As Vindimas antigamente

Na época das vindimas, que se realizam em Setembro, os trabalhadores não se fazem rogados e andam todos contentes a apanhar as uvas. Estas, cortadas com podões, navalhas, facas ou tesouras eram colocadas dentro dos cestos de vime e depois de cheios, levadas para o lagar. Após este processo manual os homens pisavam as uvas descalços e colocavam o vinho nas vasilhas, nos barris deixando-os destapados com uma folha de videira devido à fermentação do vinho.

Antigamente havia uma tradição nas famílias de colocar as pernas das crianças no lagar para as mesmas se fortificarem.²⁶⁷

COLABORADORES NA RECOLHA E REGISTO DOS TEXTOS

¹ Aluna Lígia Gomes e Professora Priscilla Pinto - **Santa Casa da Misericórdia de Machico** – Ano letivo 2009/2010.

² Alunos e Professora Celina Padrão – **Fundação João Pereira** – Ano letivo 2010/2011.

³ Aluna Conceição Gonçalves - **Centro Social e Paroquial do Carmo** in *O Mensageiro do Recorrente* Nº 8 julho de 2009, Pág. 34.

⁴ Alunos e Professora Maria Liseta Carvalho - **EB1/PE Madalena do Mar** - Ano letivo 2009/2010.

⁵ Alunos e Professora Celina Padrão – **Fundação João Pereira** – Ano letivo 2010/2011.

⁶ Alunas e Professora Olga Picado - **Estabelecimento Nossa Senhora do Bom Caminho** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº 7 julho de 2008, Pág. 43.

⁷ Alunos e Professora Mariana Neto - **Centro de Dia da Ponta do Pargo** - Ano letivo 2009/2010.

⁸ Alunos: Cecília Andrade; Cecília Costa; Ester Andrade; Júlia Francisco; Maria Agostinha Soares; Maria Celestina Ponte; Maria Esmália Andrade; Maria Gil; Maria Heliadora Martins; Maria Lina Gonçalves; Maria Pia de Jesus; Maria Teodora e Virgínia de Andrade - **Centro Social, Cultural e Paroquial de S. Vicente – Centro de Convívio da Vila.**

Alunos Gertrudes Soares; Joana de Ponte; João Andrade;

Manuel Mendes; Maria Oliveira; Maria da Encarnação Andrade; Maria Fátima Nunes; Maria Freitas Jesus; Maria José de Castro; Maria Paixão; Maria Teresa; Maria Teresa Capontes; Teresa de Freitas; Teresa Dinis e Valério Luís - **Centro Social, Cultural e Paroquial de S. Vicente – Centro de Convívio dos Lameiros.**

Professoras Ana Abreu e Liliana Pedro - Ano letivo 2008/2009.

⁹ Alunos: Cecília Andrade; Cecília Costa; Ester Andrade; Júlia Francisco; Maria Agostinha Soares; Maria Celestina Ponte; Maria Esmália Andrade; Maria Gil; Maria Heliadora Martins; Maria Lina Gonçalves; Maria Pia de Jesus; Maria Teodora e Virgínia de Andrade - **Centro Social, Cultural e Paroquial de S. Vicente – Centro de Convívio da Vila.**

Alunos Gertrudes Soares; Joana de Ponte; João Andrade; Manuel Mendes; Maria Oliveira; Maria da Encarnação Andrade; Maria Fátima Nunes; Maria Freitas Jesus; Maria José de Castro; Maria Paixão; Maria Teresa; Maria Teresa Capontes; Teresa de Freitas; Teresa Dinis e Valério Luís - **Centro Social, Cultural e Paroquial de S. Vicente – Centro de Convívio dos Lameiros.**

Professoras Ana Abreu e Liliana Pedro - Ano letivo 2008/2009.

¹⁰ Alunos e Professores: Paulo Bandeira e Patrícia Belo - **Centro Social, Cultural e Paroquial de São Vicente e Centro de Convívio dos Lameiros** - Ano letivo 2009/2010.

¹¹ Alunos e Professores: Paulo Bandeira e Patrícia Belo - **Centro Social, Cultural e Paroquial de São Vicente e Centro de Convívio dos Lameiros**-Ano letivo 2009/2010.

¹² Aluna Maria Aparecida Jardim (autora) e Professora Mariana Neto - **Centro de Dia da Ponta do Pargo**- Ano letivo 2009/2010.

¹³ Aluna Maria Aparecida Jardim (autora) e Professora Mariana Neto - **Centro de Dia da Ponta do Pargo**- Ano Letivo 2009/2010.

¹⁴ Aluno Francisco Delgado e Professor Jorge Paulos - **Centro de Segurança Social da Madeira/Estabelecimento Bela Vista** – Ano letivo 2009/2010.

¹⁵ Aluna Maria Aparecida Jardim e Professora Mariana Neto - **Centro de Dia da Ponta do Pargo** –Ano letivo 2009/2010.

¹⁶ Aluna Celestina Pinto e Professora Priscilla Pinto - **Santa Casa da Misericórdia de Machico** - Ano letivo 2009/2010.

¹⁷ Aluna Eulália Abreu e Professora Priscilla Pinto - **Santa Casa da Misericórdia de Machico** - Ano letivo 2009/2010.

¹⁸ Aluna Maria Góis e Professora Priscilla Pinto - **Santa Casa da Misericórdia de Machico** - Ano letivo 2009/2010.

¹⁹ Aluna Maria Góis e Professora Priscilla Pinto - **Santa Casa da Misericórdia de Machico** - Ano letivo 2009/2010.

²⁰ Aluna Ana Costa e Professor Jorge Paulos - **Centro de Segurança Social da Madeira/Estabelecimento Bela Vista** - Ano letivo 2009/2010.

²¹ Alunos - **Casa do Povo da Fajã da Ovelha** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº 7 julho de 2008, Pág.40.

²² Aluna Conceição Andrade - **Casa do Povo da Fajã da Ovelha** in *O Mensageiro do Recorrente* Nº 5 julho de 2008, Pág.30.

²³ Aluna Antónia Filipe e Professora Sofia Almeida – **Santa Casa da Misericórdia do Funchal-Lar de Santa Isabel** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº 2 julho de 2007, Pág.38.

²⁴ Alunas e Professor José Carvalhal - **Centro de Dia do Ilhéu/ Centro de Segurança Social de Câmara de Lobos** - Ano letivo 2008/2009.

²⁵ Alunos: Cecília Andrade; Cecília Costa; Ester Andrade; Júlia Francisco; Maria Agostinha Soares; Maria Celestina Ponte; Maria Esmália Andrade; Maria Gil; Maria Heliadora Martins; Maria Lina Gonçalves; Maria Pia de Jesus; Maria Teodora e Virgínia de Andrade - **Centro Social, Cultural e Paroquial de S. Vicente – Centro de Convívio da Vila.**

Alunos Gertrudes Soares; Joana de Ponte; João Andrade; Manuel Mendes; Maria Oliveira; Maria da Encarnação Andrade; Maria Fátima Nunes; Maria Freitas Jesus; Maria José de Castro; Maria Paixão; Maria Teresa; Maria Teresa Capontes; Teresa de Freitas; Teresa Dinis e Valério Luís - **Centro Social, Cultural e Paroquial de S. Vicente – Centro de Convívio dos Lameiros.**

Professoras Ana Abreu e Liliana Pedro - Ano letivo 2008/2009.

²⁶ Alunos: Cecília Andrade; Cecília Costa; Ester Andrade; Júlia Francisco; Maria Agostinha Soares; Maria Celestina Ponte; Maria Esmália Andrade; Maria Gil; Maria Heliodora Martins; Maria Lina Gonçalves; Maria Pia de Jesus; Maria Teodora e Virgínia de Andrade - **Centro Social, Cultural e Paroquial de S. Vicente – Centro de Convívio da Vila.**

Alunos Gertrudes Soares; Joana de Ponte; João Andrade; Manuel Mendes; Maria Oliveira; Maria da Encarnação Andrade; Maria Fátima Nunes; Maria Freitas Jesus; Maria José de Castro; Maria Paixão; Maria Teresa; Maria Teresa Capontes; Teresa de Freitas; Teresa Dinis e Valério Luís - **Centro Social, Cultural e Paroquial de S. Vicente – Centro de Convívio dos Lameiros.**

Professoras Ana Abreu e Liliana Pedro - Ano letivo 2008/2009.

²⁷ Alunos e Professora Carla Silva – **EB1/PE S. Jorge** - in *O Mensageiro do Recorrente* N°13 abril de 2011, Pág. 36.

²⁸ Aluna Maria da Piedade e Professora Celina Padrão – **Fundação João Pereira** – Ano letivo 2010/2011.

²⁹ Alunos e Professora Carla Silva – **EB1/PE S. Jorge** - in *O Mensageiro do Recorrente* N°13 abril de 2011, Pág. 36.

³⁰ Alunos e Professora Carla Silva – **EB1/PE S. Jorge** - in *O Mensageiro do Recorrente* N°13 abril de 2011, Pág. 36.

³¹ Alunos e Professora Carla Silva – **EB1/PE S. Jorge**- in *O Mensageiro do Recorrente* N° 13 abril de 2011, Pág. 36.

³² Aluna Cecília Santos e Professora Celina Padrão – **Fundação João Pereira** – Ano letivo 2010/2011.

³³ Aluna Elvira e Professor Jorge Paulos - **Centro de Segurança Social da Madeira - Estabelecimento Bela Vista** - Ano letivo 2009/2010.

³⁴ Aluna Maria Duque Freitas e Professor Jorge Paulos - **Centro de Segurança Social da Madeira - Estabelecimento Bela Vista** - Ano letivo 2009/2010.

³⁵ Aluna Celeste e Professor Jorge Paulos - **Centro de Segurança Social da Madeira - Estabelecimento Bela Vista** - Ano letivo 2009/2010.

³⁶ Aluna Felicidade Coelho e Professor Jorge Paulos - **Centro de Segurança Social da Madeira - Estabelecimento Bela Vista** - Ano letivo 2009/2010.

³⁷ Aluna Felicidade Coelho e Professor Jorge Paulos - **Centro de Segurança Social da Madeira – Estabelecimento Bela Vista** - Ano letivo 2009/2010.

³⁸ Aluna Felicidade Coelho e Professor Jorge Paulos - **Centro de Segurança Social da Madeira - Estabelecimento Bela Vista** - Ano letivo 2009/2010.

³⁹ Aluna Celina e Professor Jorge Paulos - **Centro de Segurança Social da Madeira - Estabelecimento Bela Vista** - Ano letivo 2009/2010.

⁴⁰ Aluna Fernanda e Professora Sónia Rosa - **EB1/PE da Ponta do Pargo** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº 4 março de 2008, Pág.28.

⁴¹ Alunos - **Casa do Povo da Fajã da Ovelha** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº 7 julho de 2008, Pág.40.

⁴² Aluno João Alves - **Centro de Dia do Caniçal** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº 9 dezembro de 2009, Pág.19.

⁴³ Aluno João Alves - **Centro de Dia do Caniçal** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº 9 dezembro de 2009, Pág.19.

⁴⁴ Aluna Gabriela Florença e Professora Renata Carvalho - **EB123/PE Prof. Francisco Barreto** - In *O Mensageiro do Recorrente* Nº8 julho de 2009, Pág.35.

⁴⁵ Aluna Alexandrina Pestana e Professor José Carvalhal – **Centro de Segurança Social de Câmara de Lobos/Centro de Dia da Quinta Grande** - Ano letivo 2008/2009.

⁴⁶ Aluna Mónica Gomes e Professor José Carvalhal – **Centro de Segurança Social de Câmara de Lobos/Centro de Dia da Quinta Grande** - Ano letivo 2008/2009.

⁴⁷ Alunos e Professora Ana Macedo - **EB1/PE da Boaventura** - Ano letivo 2008/2009.

⁴⁸ Aluna Maria Fernandes e Professor José Carvalhal – **Centro de Segurança Social de Câmara de Lobos/Centro de Dia da Quinta Grande** - Ano letivo 2008/2009.

⁴⁹ Aluna Conceição Olival e Professora Priscilla Pinto - **Santa Casa da Misericórdia de Machico** - Ano letivo 2009/2010.

⁵⁰ Aluno Luciano Machado e Professor Jorge Paulos - **Centro de Segurança Social da Madeira /Estabelecimento Bela Vista** - Ano letivo 2009/2010.

⁵¹ Aluna Alice Rodrigues e Professor Jorge Paulos-**Centro de Segurança Social da Madeira/Estabelecimento Bela Vista** - Ano letivo 2009/2010.

⁵² Aluno Bento e Professor Jorge Paulos - **Centro de Segurança Social da Madeira/Estabelecimento Bela Vista** - Ano letivo 2009/2010.

⁵³ Aluna Maria Celina - **Lar Intergeracional da Santíssima Trindade – Tábua** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº 7 julho de 2008, Pág.43.

⁵⁴ Aluna Maria Rodrigues - **Casa do Povo da Fajã da Ovelha** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº2 julho de 2007, Pág. 39.

⁵⁵ Alunos – **EB1/PE Ribeira Seca, Machico** – in *O Mensageiro do Recorrente* Nº 1 fevereiro 2007, Pág.21.

⁵⁶ Alunos - **EB1/PE Lugar da Serra** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº 8 julho de 2009, Pág.35.

⁵⁷ Alunos e Professora Ana Macedo - **EB1/PE da Boaventura** - Ano letivo 2008/2009.

⁵⁸ Alunos: Cecília Andrade; Cecília Costa; Ester Andrade; Júlia Francisco; Maria Agostinha Soares; Maria Celestina Ponte; Maria Esmália Andrade; Maria Gil; Maria Heliodora Martins; Maria Lina Gonçalves; Maria Pia de Jesus; Maria Teodora e Virgínia de Andrade - **Centro Social, Cultural e Paroquial de S. Vicente – Centro de Convívio da Vila.**

Alunos Gertrudes Soares; Joana de Ponte; João Andrade; Manuel Mendes; Maria Oliveira; Maria da Encarnação Andrade; Maria Fátima Nunes; Maria Freitas Jesus; Maria José de Castro; Maria Paixão; Maria Teresa; Maria Teresa Capontes; Teresa de Freitas; Teresa Dinis e Valério Luís - **Centro Social, Cultural e Paroquial de S. Vicente – Centro de Convívio dos Lameiros.**

Professoras Ana Abreu e Liliana Pedro - Ano letivo 2008/2009.

⁵⁹ Alunos: Cecília Andrade; Cecília Costa; Ester Andrade; Júlia Francisco; Maria Agostinha Soares; Maria Celestina Ponte; Maria Esmália Andrade; Maria Gil; Maria Heliodora Martins; Maria Lina Gonçalves; Maria Pia de Jesus; Maria Teodora e Virgínia de Andrade - **Centro Social, Cultural e Paroquial de S. Vicente – Centro de Convívio da Vila.**

Alunos Gertrudes Soares; Joana de Ponte; João Andrade; Manuel Mendes; Maria Oliveira; Maria da Encarnação Andrade; Maria Fátima Nunes; Maria Freitas Jesus; Maria José de Castro; Maria Paixão; Maria Teresa; Maria Teresa Capontes; Teresa de Freitas; Teresa Dinis e Valério Luís - **Centro Social, Cultural e Paroquial de S. Vicente – Centro de Convívio dos Lameiros.**

Professoras Ana Abreu e Liliana Pedro - Ano letivo 2008/2009.

⁶⁰ Alunos: Cecília Andrade; Cecília Costa; Ester Andrade; Júlia Francisco; Maria Agostinha Soares; Maria Celestina Ponte; Maria Esmália Andrade; Maria Gil; Maria Heliodora Martins; Maria Lina Gonçalves; Maria Pia de Jesus; Maria Teodora e Virgínia de Andrade - **Centro Social, Cultural e Paroquial de S. Vicente – Centro de Convívio da Vila.**

Alunos Gertrudes Soares; Joana de Ponte; João Andrade; Manuel Mendes; Maria Oliveira; Maria da Encarnação Andrade; Maria Fátima Nunes; Maria Freitas Jesus; Maria José de Castro; Maria Paixão; Maria Teresa; Maria Teresa Capontes; Teresa de Freitas; Teresa Dinis e Valério Luís - **Centro Social, Cultural e Paroquial de S. Vicente – Centro de Convívio dos Lameiros.**

Professoras Ana Abreu e Liliana Pedro - Ano letivo 2008/2009.

⁶¹ Alunos Cecília Conceição Andrade; Cecília da Costa; Ester Mendes de Andrade; Júlia Idalina Marçal Francisco; Maria Agostinha Soares; Maria Celestina Silva Ponte; Maria Esmália Andrade; Maria Gil; Maria Heliodora Martins; Maria Lina Gonçalves; Maria Pia de Jesus; Maria Teodora e Virgínia de Andrade - **Centro Social, Cultural e Paroquial de S. Vicente – Centro de Convívio da Vila.**

Alunos Gertrudes Rodrigues Soares; Joana de Ponte; João Mendes de Andrade; Manuel André Mendes; Maria Dinis Oliveira; Maria da Encarnação G. Andrade; Maria Fátima Nunes; Maria Freitas Jesus; Maria José de Castro; Maria Paixão; Maria Teresa; Maria Teresa Capontes; Teresa de Freitas; Teresa de Jesus Dinis e Valério Mendes Luís - **Centro Social, Cultural e Paroquial de S. Vicente – Centro de Convívio dos Lameiros.**

Professoras Ana Cristina Abreu e Liliana Furtado Pedro - Ano Letivo 2008/2009.

⁶² Alunos: Cecília Andrade; Cecília Costa; Ester Andrade; Júlia Francisco; Maria Agostinha Soares; Maria Celestina Ponte; Maria Esmália Andrade; Maria Gil; Maria Heliodora Martins; Maria Lina Gonçalves; Maria Pia de Jesus; Maria Teodora e Virgínia de Andrade - **Centro Social, Cultural e Paroquial de S. Vicente – Centro de Convívio da Vila.**

Alunos Gertrudes Soares; Joana de Ponte; João Andrade; Manuel Mendes; Maria Oliveira; Maria da Encarnação Andrade; Maria Fátima Nunes; Maria Freitas Jesus; Maria José de Castro; Maria Paixão; Maria Teresa; Maria Teresa Capontes; Teresa de Freitas; Teresa Dinis e Valério Luís - **Centro Social, Cultural e Paroquial de S. Vicente – Centro de Convívio dos Lameiros**

Professoras Ana Abreu e Liliana Pedro - Ano letivo 2008/2009.

⁶³ Alunos: Cecília Andrade; Cecília Costa; Ester Andrade; Júlia Francisco; Maria Agostinha Soares; Maria Celestina Ponte; Maria Esmália Andrade; Maria Gil; Maria Heliodora Martins; Maria Lina Gonçalves; Maria Pia de Jesus; Maria Teodora e Virgínia de Andrade - **Centro Social, Cultural e Paroquial de S. Vicente – Centro de Convívio da Vila**

Alunos Gertrudes Soares; Joana de Ponte; João Andrade; Manuel Mendes; Maria Oliveira; Maria da Encarnação Andrade; Maria Fátima Nunes; Maria Freitas Jesus; Maria José de Castro; Maria Paixão; Maria Teresa; Maria Teresa Capontes; Teresa de Freitas; Teresa Dinis e Valério Luís - **Centro Social, Cultural e Paroquial de S. Vicente – Centro de Convívio dos Lameiros**

Professoras Ana Abreu e Liliana Pedro - Ano letivo 2008/2009.

⁶⁴ Alunos: Cecília Andrade; Cecília Costa; Ester Andrade; Júlia Francisco; Maria Agostinha Soares; Maria Celestina Ponte; Maria Esmália Andrade; Maria Gil; Maria Heliodora Martins; Maria Lina Gonçalves; Maria Pia de Jesus; Maria Teodora e Virgínia de Andrade - **Centro Social, Cultural e Paroquial de S. Vicente – Centro de Convívio da Vila**

Alunos Gertrudes Soares; Joana de Ponte; João Andrade; Manuel Mendes; Maria Oliveira; Maria da Encarnação Andrade; Maria Fátima Nunes; Maria Freitas Jesus; Maria José de Castro; Maria Paixão; Maria Teresa; Maria Teresa Capontes; Teresa de Freitas; Teresa Dinis e Valério Luís - **Centro Social, Cultural e Paroquial de S. Vicente – Centro de Convívio dos Lameiros**

Professoras Ana Abreu e Liliana Pedro - Ano letivo 2008/2009.

⁶⁵ Alunos: Cecília Andrade; Cecília Costa; Ester Andrade; Júlia Francisco; Maria Agostinha Soares; Maria Celestina Ponte; Maria Esmália Andrade; Maria Gil; Maria Heliodora Martins; Maria Lina Gonçalves; Maria Pia de Jesus; Maria Teodora e Virgínia de Andrade - **Centro Social, Cultural e Paroquial de S. Vicente – Centro de Convívio da Vila**

Alunos Gertrudes Soares; Joana de Ponte; João Andrade; Manuel Mendes; Maria Oliveira; Maria da Encarnação Andrade; Maria Fátima Nunes; Maria Freitas Jesus; Maria José de Castro; Maria Paixão; Maria Teresa; Maria Teresa Capontes; Teresa de Freitas; Teresa Dinis e Valério Luís - **Centro Social, Cultural e Paroquial de S. Vicente – Centro de Convívio dos Lameiros**

Professoras Ana Abreu e Liliana Pedro - Ano letivo 2008/2009.

⁶⁶ Alunos: Cecília Andrade; Cecília Costa; Ester Andrade; Júlia Francisco; Maria Agostinha Soares; Maria Celestina Ponte; Maria Esmália Andrade; Maria Gil; Maria Heliodora Martins; Maria Lina Gonçalves; Maria Pia de Jesus; Maria Teodora e Virgínia de Andrade - **Centro Social, Cultural e Paroquial de S. Vicente – Centro de Convívio da Vila**

Alunos Gertrudes Soares; Joana de Ponte; João Andrade; Manuel Mendes; Maria Oliveira; Maria da Encarnação Andrade; Maria Fátima Nunes; Maria Freitas Jesus; Maria José de Castro; Maria Paixão; Maria Teresa; Maria Teresa Capontes; Teresa de Freitas; Teresa Dinis e Valério Luís - **Centro Social, Cultural e Paroquial de S. Vicente – Centro de Convívio dos Lameiros**

Professoras Ana Abreu e Liliana Pedro - Ano letivo 2008/2009.

⁶⁷ Alunos e Professora Bebiana Ribeiro - **Lar do Ilhéu e Centros de Dia do Ilhéu, Quinta Grande e Jardim da Serra** - Ano letivo 2009/2010.

⁶⁸ Aluna Maria Teresa Silva e Professora Nelma Pinheiro - **EB1/PE Lugar da Serra** – Ano letivo 2009/2010.

⁶⁹ Aluna Maria da Silva e Professora Nelma Pinheiro - **EB1/PE Lugar da Serra** – Ano letivo 2009/2010.

⁷⁰ Aluna Maria da Silva e Professora Nelma Pinheiro - **EB1/PE Lugar da Serra** – Ano letivo 2009/2010.

⁷¹ Aluna Maria Celeste Fernandes e Professora Nelma Pinheiro - **EB1/PE Lugar da Serra** – Ano letivo 2009/2010.

⁷² Aluna Maria da Silva e Professora Nelma Pinheiro - **EB1/PE Lugar da Serra** - Ano letivo 2009/2010.

⁷³ Aluna Maria Teresa Silva e Professora Nelma Pinheiro - **EB1/PE Lugar da Serra** - Ano letivo 2009/2010.

⁷⁴ Aluna Maria Teresa Silva e Professora Nelma Pinheiro - **EB1/PE Lugar da Serra** - Ano letivo 2009/2010.

⁷⁵ Aluna Maria Teresa Silva e Professora Nelma Pinheiro - **EB1/PE Lugar da Serra** - Ano letivo 2009/2010.

⁷⁶ Aluna Maria Filomena Correia e Professora Nelma Pinheiro - **EB1/PE Lugar da Serra** - Ano letivo 2009/2010.

⁷⁷ Aluna Maria Filomena Correia e Professora Nelma Pinheiro - **EB1/PE Lugar da Serra** - Ano letivo 2009/2010.

⁷⁸ Aluna Maria Celeste Fernandes e Professora Nelma Pinheiro - **EB1/PE Lugar da Serra** – Ano letivo 2009/2010.

⁷⁹ Aluna Maria Teresa Silva e Professora Nelma Pinheiro - **EB1/PE Lugar da Serra** – A\no letivo 2009/2010.

⁸⁰ Aluna Maria Teresa Silva e Professora Nelma Pinheiro - **EB1/PE Lugar da Serra** - Ano letivo 2009/2010.

⁸¹ Aluna Maria Teresa Silva e Professora Nelma Pinheiro - **EB1/PE Lugar da Serra** - Ano letivo 2009/2010.

⁸² Aluna Maria Filomena Correia e Professora Nelma Pinheiro - **EB1/PE Lugar da Serra** - Ano letivo 2009/2010.

⁸³ Aluna Fátima Fernandes e Professora Nelma Pinheiro - **EB1/PE Lugar da Serra** - Ano letivo 2009/2010.

⁸⁴ Aluna Fátima Fernandes e Professora Nelma Pinheiro - **EB1/PE Lugar da Serra** - Ano letivo 2009/2010.

⁸⁵ Aluna Fátima Fernandes e Professora Nelma Pinheiro - **EB1/PE Lugar da Serra** - Ano letivo 2009/2010.

⁸⁶ Aluna Maria Filomena Correia e Professora Nelma Pinheiro - **EB1/PE Lugar da Serra** - Ano letivo 2009/2010.

⁸⁷ Aluna Maria Filomena Correia e Professora Nelma Pinheiro - **EB1/PE Lugar da Serra** - Ano letivo 2009/2010.

⁸⁸ Aluna Maria Teresa Silva e Professora Nelma Pinheiro - **EB1/PE Lugar da Serra** - Ano letivo 2009/2010.

⁸⁹ Aluna Maria Cecília Santos e Professora Maria Liseta Carvalho - **EB1/PE Madalena do Mar** - Ano letivo 2009/2010.

⁹⁰ Alunos e Professora Celina Padrão – **Fundação João Pereira** – Ano letivo 2010/2011.

⁹¹ Aluna Eulália Fernandes e Professoras Marta Rodrigues e Dalila Fernandes – **Lar Intergeracional da Santíssima Trindade Tabua** – Ano letivo 2009/2010.

⁹² Aluna Alexandrina Pestana e Professor José Carvalhal – **Centro de Segurança Social de Câmara de Lobos/Centro de Dia da Quinta Grande** - Ano letivo 2008/2009.

⁹³ Aluna Rosa Madalena e Professor Paulo Valadar - **Fundação João Pereira** - Ano letivo 2008/2009.

⁹⁴ Alunos: Cecília Andrade; Cecília Costa; Ester Andrade; Júlia Francisco; Maria Agostinha Soares; Maria Celestina Ponte; Maria Esmália Andrade; Maria Gil; Maria Heliodora Martins; Maria Lina Gonçalves; Maria Pia de Jesus; Maria Teodora e Virgínia de Andrade - **Centro Social, Cultural e Paroquial de S. Vicente – Centro de Convívio da Vila**

Alunos Gertrudes Soares; Joana de Ponte; João Andrade; Manuel Mendes; Maria Oliveira; Maria da Encarnação Andrade; Maria Fátima Nunes; Maria Freitas Jesus; Maria José de Castro; Maria Paixão; Maria Teresa; Maria Teresa Capontes; Teresa de Freitas; Teresa Dinis e Valério Luís - **Centro Social, Cultural e Paroquial de S. Vicente – Centro de Convívio dos Lameiros**

Professoras Ana Abreu e Liliana Pedro - Ano letivo 2008/2009.

⁹⁵ Alunos e Professora Ana Macedo-**EB1/PE Boaventura** - Ano letivo 2008/2009.

⁹⁶ Alunos e Professora Celina Padrão – **Fundação João Pereira** – Ano letivo 2010/2011.

⁹⁷ Alunos e Professor Jorge Miguel Monteiro Paulos - **Centro de Segurança Social da Madeira Estabelecimento Bela Vista**-Ano letivo 2009/2010.

⁹⁸ Aluna Palmira Macedo e Professora Celina Padrão – **Fundação João Pereira** – Ano letivo 2010/2011

⁹⁹ Alunos e Professora Bebiana Ribeiro - **Lar do Ilhéu e Centros de Dia do Ilhéu, Quinta Grande e Jardim da Serra** - Ano letivo 2009/2010.

¹⁰⁰ Aluna Maria Spínola e Professora Carla Vieira - **Estabelecimento Nossa Senhora do Bom Caminho** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº9 dezembro de 2009, Pág.17.

¹⁰¹ Aluna Teresa Vieira e Professora Carla Vieira - **Estabelecimento Nossa Senhora do Bom Caminho** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº9 dezembro de 2009, Pág.17.

¹⁰² Aluna Maria Celeste e Professora Carla Vieira - **Estabelecimento Nossa Senhora do Bom Caminho** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº9 dezembro de 2009, Pág.17.

¹⁰³ Aluna Isabel Rodrigues e Professora Carla Vieira - **Estabelecimento Nossa Senhora do Bom Caminho** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº9 dezembro de 2009, Pág.17.

¹⁰⁴ Alunas Maria José Canha, Virgínia Freitas, Maria Inês Gomes, Angelina Gonçalves e Ascensão Andrade e Professor José Brazão - **EB1/PE do Estreito da Calheta** – Ano letivo 2008/2009.

¹⁰⁵ Alunos e Professor Horácio Ramos - **Casa do Povo da Fajã da Ovelha** - Ano letivo 2008/2009.

¹⁰⁶ Alunos e Professora Ana Macedo - **EB1/PE da Boaventura** - Ano letivo 2008/2009.

¹⁰⁷ Alunos: Cecília Andrade; Cecília Costa; Ester Andrade; Júlia Francisco; Maria Agostinha Soares; Maria Celestina Ponte; Maria Esmália Andrade; Maria Gil; Maria Heliadora Martins; Maria Lina Gonçalves; Maria Pia de Jesus; Maria Teodora e Virgínia de Andrade - **Centro Social, Cultural e Paroquial de S. Vicente – Centro de Convívio da Vila**

Alunos Gertrudes Soares; Joana de Ponte; João Andrade; Manuel Mendes; Maria Oliveira; Maria da Encarnação Andrade; Maria Fátima Nunes; Maria Freitas Jesus; Maria José de Castro; Maria Paixão; Maria Teresa; Maria Teresa Capontes; Teresa de Freitas; Teresa Dinis e Valério Luís - **Centro Social, Cultural e Paroquial de S. Vicente – Centro de Convívio dos Lameiros**

Professoras Ana Abreu e Liliana Pedro - Ano letivo 2008/2009.

¹⁰⁸ Alunos e Professora Bebiana Ribeiro - **Lar do Ilhéu e Centros de Dia do Ilhéu, Quinta Grande e Jardim da Serra** - Ano letivo 2009/2010.

¹⁰⁹ Aluna Filomena Vicente - **EB1/PE Foro** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº 8 julho de 2009, Pág.34.

¹¹⁰ Aluna Maria da Trindade Góis e Professora Vanessa Amorim – **Centro de Convívio da Ilha** – Ano letivo 2008/2009.

¹¹¹ Aluna Maria Xavier e Professora Sofia Almeida - **Lar de Santa Isabel** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº 3 dezembro de 2007, Pág.22.

¹¹² Aluna Glória e Professora Sofia Almeida –**Santa Casa da Misericórdia do Funchal/Lar de Santa Isabel** - in *O Mensageiro do Recorrente* N° 3 dezembro de 2007, Pág.22.

¹¹³ Aluna Glória e Professora Sofia Almeida - **Santa Casa da Misericórdia do Funchal/ Lar de Santa Isabel** - in *O Mensageiro do Recorrente* N° 3 dezembro de 2007, Pág.22.

¹¹⁴ Aluna Etelvina e Professora Sofia Almeida - **Santa Casa da Misericórdia do Funchal/Lar de Santa Isabel** - in *O Mensageiro do Recorrente* N° 3 dezembro de 2007, Pág.22.

¹¹⁵ Aluna Maria Abreu e Professora Sofia Almeida - **Santa Casa da Misericórdia do Funchal/Lar de Santa Isabel** - in *O Mensageiro do Recorrente* N° 3 dezembro de 2007, Pág.22.

¹¹⁶ Aluna Antónia Filipe e Professora Sofia Almeida - **Santa Casa da Misericórdia do Funchal/Lar de Santa Isabel** - in *O Mensageiro do Recorrente* N° 3 dezembro de 2007, Pág.22.

¹¹⁷ Aluna Rosa Madalena e Professor Paulo Valadar - **Fundação João Pereira** - Ano letivo 2008/2009.

¹¹⁸ Alunos - **EB1/PE da Ponta do Pargo** - in *O Mensageiro do Recorrente* N° 4 março de 2008, Pág.28.

¹¹⁹ Alunos e Professora Bebiana Ribeiro - **Lar do Ilhéu e Centros de Dia do Ilhéu, Quinta Grande e Jardim da Serra** - Ano letivo 2009/2010.

¹²⁰ Alunas Filomena Faria, Isabel Freitas, Filomena Pão, Mercês Fernandes e Conceição Ferraz - **Centro Social e Paroquial do Bom Jesus da Ponta Delgada** – in *O Mensageiro do Recorrente* Nº16 abril de 2012, Pág.55

¹²¹ Alunos e Professora Maria da Luz Faria - **EB1/PE da Boaventura** – in *O Mensageiro do Recorrente* Nº16 abril de 2012, Pág.55.

¹²² Aluna Maria Isabel Agrião - **Casa do Povo da Fajã da Ovelha** - in *O Mensageiro do Recorrente* nº15, dezembro de 2011, pág.52.

¹²³ Aluna Maria Isabel Agrião - **Casa do Povo da Fajã da Ovelha** in *O Mensageiro do Recorrente* Nº15, dezembro de 2011, pág.52.

¹²⁴ Alunos e Professor Horácio Ramos - **Casa do Povo da Fajã da Ovelha** – in *O Mensageiro do Recorrente* Nº16 abril de 2012 Pág.52

¹²⁵ Alunos - **Curso do Espigão-Ribeira Brava** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº 1 fevereiro 2007, Pág.20.

¹²⁶ Aluna Maria Narcisa de Sousa - **Centro de Convívio da Santa Casa da Misericórdia da Calheta** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº 4 março de 2008 Pág.28.

¹²⁷ Aluna Arlete Gomes - **Centro Social e Paroquial do Carmo** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº 10 maio de 2010, Pág. 37.

¹²⁸ Alunos: Cecília Andrade; Cecília Costa; Ester Andrade; Júlia Francisco; Maria Agostinha Soares; Maria Celestina Ponte; Maria Esmália Andrade; Maria Gil; Maria Heliadora Martins; Maria Lina Gonçalves; Maria Pia de Jesus; Maria Teodora e Virgínia de Andrade - **Centro Social, Cultural e Paroquial de S. Vicente – Centro de Convívio da Vila.**

Alunos Gertrudes Soares; Joana de Ponte; João Andrade; Manuel Mendes; Maria Oliveira; Maria da Encarnação Andrade; Maria Fátima Nunes; Maria Freitas Jesus; Maria José de Castro; Maria Paixão; Maria Teresa; Maria Teresa Capontes; Teresa de Freitas; Teresa Dinis e Valério Luís - **Centro Social, Cultural e Paroquial de S. Vicente – Centro de Convívio dos Lameiros.**

Professoras Ana Abreu e Liliana Pedro - Ano letivo 2008/2009.

¹²⁹ Aluna Maria Madalena Rentróia e Professora Maria Liseta Carvalho - **EB1/PE Madalena do Mar** - Ano letivo 2009/2010.

¹³⁰ Alunos e Professora Carla Marisa da Cruz - **Centro de Dia do Caniçal e Estabelecimento Nossa Senhora do Bom Caminho** - in *O Mensageiro do Recorrente* nº14 julho de 2011, Pág.34.

¹³¹ Alunas - **Centro Social e Paroquial do Carmo** in *O Mensageiro do Recorrente* Nº14 julho de 2011, Pág.34.

¹³² Alunos e Professor Carlos Silva - **Centro Comunitário da Nogueira** - in *O Mensageiro do Recorrente* nº14 julho de 2011, Pág.34.

¹³³ Aluna Ana Fernandes Mendonça - **EB1/PE do Caminho Chão** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº 5 julho de 2008 Pág.27.

¹³⁴ Alunos - **Centro Comunitário da Nogueira**- in *O Mensageiro do Recorrente* Nº 5 julho de 2009, Pág.36.

¹³⁵ Alunas e Professora Isabel Tomé - **Centro de Dia da Ponta do Pargo** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº 14 de julho de 2011, Pág.35.

¹³⁶ Aluna Guida Rodrigues e Professora Maria Helena Ferreira - **Casa do Povo de São Martinho** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº14 julho de 2011, Pág.35.

¹³⁷ Alunos e Professora Patrícia Rebelo - **Associação do Desenvolvimento Comunitário do Funchal—Centro Comunitário da Quinta Falcão** in *O Mensageiro do Recorrente* Nº14 julho de 2011, Pág.36.

¹³⁸ Aluna Maria Cecília Santos - **EB1/PE Madalena do Mar** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº 8 julho de 2009, Pág.36.

¹³⁹ Alunos e Professora Ana Macedo - **EB1/PE da Boaventura** - Ano letivo 2008/2009.

¹⁴⁰ Alunos e Professora Ana Macedo - **EB1/PE da Boaventura** - Ano letivo 2008/2009.

¹⁴¹ Aluna Maria Madalena Rentróia e Professora Maria Liseta Carvalho - **EB1/PE Madalena do Mar** - Ano letivo 2009/2010.

¹⁴² Aluna Maria Madalena Rentróia e Professora Maria Liseta Carvalho – **EB1/PE Madalena do Mar** – Ano letivo 2009/2010.

¹⁴³ Aluna Antonieta Teixeira - **Associação Desenvolvimento Comunitário do Funchal– Centro Comunitário da Quinta Falcão** In *O Mensageiro do Recorrente* Nº9 dezembro de 2009, Pág. 15.

¹⁴⁴ Aluna Antonieta Teixeira - **Associação de Desenvolvimento Comunitário do Funchal—Centro Comunitário da Quinta Falcão** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº12 dezembro de 2010, Pág. 40.

¹⁴⁵ Aluna Martinha Neves - **Centro de Dia do Jardim da Serra** – in *O Mensageiro do Recorrente* Nº15, dezembro de 2011, Pág.48.

¹⁴⁶ Aluna Maria Madalena Rentróia e Professora Maria Carvalho - **EB1/PE Madalena do Mar** - Ano letivo 2009/2010.

¹⁴⁷ Aluna Inês Jardim e Professora Sara Oliveira - **Centro de Convívio de S. Jorge/ Centro de Convívio do Faial/ Centro de Convívio de Santana** - Ano letivo 2008/2009.

¹⁴⁸ Alunos e Professora Ana Macedo - **EB1/PE da Boaventura** - Ano letivo 2008/2009.

¹⁴⁹ Aluna Ana Silva e Professora Vanessa Amorim - **Centro de Convívio da Ilha** - Ano letivo 2008/2009.

¹⁵⁰ Aluna Antónia Filipe e Professora Sofia Almeida – **Santa Casa da Misericórdia do Funchal -Lar de Santa Isabel-** in *O Mensageiro do Recorrente* Nº 2 julho de 2007, Pág.38.

¹⁵¹ Aluna Maria Franco - **EB1/PE da Ribeira Seca** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº 2 julho de 2007, Pág.39.

¹⁵² Aluna Maria Cecília Santos e Professora Maria Liseta Carvalho - **EB1/PE Madalena do Mar** - Ano letivo 2009/2010.

¹⁵³ Aluna Maria Cecília Santos e Professora Maria Liseta Carvalho - **EB1/PE Madalena do Mar** - Ano letivo 2009/2010.

¹⁵⁴ Aluna Maria Cecília Santos - **Fundação João Pereira** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº 14 julho de 2011, Pág.33.

¹⁵⁵ Aluna Inês Jardim e Professora Cátia Oliveira - **Centro de Convívio de São Jorge – Santana** - Ano letivo 2009/2010.

¹⁵⁶ Aluna Inês Jardim e Professora Cátia Oliveira – **Centro de Convívio de São Jorge – Santana** - Ano letivo 2009/2010.

¹⁵⁷ Aluna Inês Jardim e Professora Cátia Oliveira – **Centro de Convívio de São Jorge – Santana** - Ano letivo 2009/2010.

¹⁵⁸ Aluna Angelina e Professor Jorge Paulos-**Centro de Segurança Social da Madeira/Estabelecimento Bela Vista** - Ano letivo 2009/2010.

¹⁵⁹ Alunos e Professores Paulo Bandeira e Patrícia Belo - **Centro Social, Cultural e Paroquial de São Vicente e Centro de Convívio dos Lameiros** - Ano letivo 2009/2010.

¹⁶⁰ Alunos - **EB1/PE Lugar da Serra** - in *O Mensageiro do Recorrente* N° 8 julho de 2009, Pág. 35.

¹⁶¹ Texto coletivo, com explicações da aluna Conceição **Centro Comunitário da Nogueira**.

¹⁶² Alunos e Professora Bebiana Ribeiro - **Lar do Ilhéu e Centros de Dia do Ilhéu, Quinta Grande e Jardim da Serra** - Ano letivo 2009/2010.

¹⁶³ Aluna Inês Jardim e Professora Cátia Oliveira – **Centro de Convívio de São Jorge – Santana** - Ano letivo 2009/2010.

¹⁶⁴ Alunos e Professora Sílvia Leite - **EB1/PE da Ribeira Brava** - in *O Mensageiro do Recorrente* N° 4 Março de 2008 Pág.33

¹⁶⁵ Aluna Maria Góis e Professora Priscilla Pinto - **Santa Casa da Misericórdia de Machico** - Ano letivo 2009/2010.

¹⁶⁶ Alunas - **Centro Social e Paroquial do Carmo** - in *O Mensageiro do Recorrente* N° 9 dezembro de 2009, Pág.42

¹⁶⁷ Aluna Maria Felicidade Silva e Professor Emanuel Rocha - **EB1/PE de Machico** – Ano letivo 2008/2009.

¹⁶⁸ Alunos e Professor José Brazão - **EB1/PE do Estreito da Calheta** – Ano letivo 2008/2009.

¹⁶⁹ Aluna Maria Celina Capelo e Professora Milena Fonseca - **EB1/PE do Lombo do Atouguia** - Ano letivo 2009/2010.

¹⁷⁰ Aluna Celestina Pinto e Professora Priscilla Pinto - **Santa Casa da Misericórdia de Machico** - Ano letivo 2009/2010.

¹⁷¹ Alunos e Professora Maria Liseta Carvalho - **EB1/PE Madalena do Mar** - Ano letivo 2009/2010.

¹⁷² Alunos e Professor José Brazão - **EB1/PE do Estreito da Calheta** – Ano Lectivo 2008/2009.

¹⁷³ Aluna Celestina Pinto e Professora Priscilla Pinto - **Santa Casa da Misericórdia de Machico** - Ano letivo 2009/2010.

¹⁷⁴ Alunos e Professora Maria Liseta Carvalho - **EB1/PE Madalena do Mar** - Ano letivo 2009/2010.

¹⁷⁵ Alunos e Professor José Brazão - **EB1/PE do Estreito da Calheta** – Ano letivo 2008/2009.

¹⁷⁶ Alunos e Professora Bebiana Ribeiro - **Lar do Ilhéu e Centros de Dia do Ilhéu, Quinta Grande e Jardim da Serra** - Ano letivo 2009/2010.

¹⁷⁷ Aluna Maria Felicidade Silva e Professor Emanuel Rocha - **EB1/PE de Machico** - Ano letivo 2008/2009.

¹⁷⁸ Alunos e Professora Maria Liseta Carvalho - **EB1/PE Madalena do Mar** - Ano letivo 2009/2010.

¹⁷⁹ Alunos e Professor José Brazão - **EB1/PE do Estreito da Calheta** – Ano letivo 2008/2009.

¹⁸⁰ Alunos e Professor José Brazão - **EB1/PE do Estreito da Calheta** – Ano letivo 2008/2009.

¹⁸¹ Alunos e Professor José Brazão - **EB1/PE do Estreito da Calheta** – Ano Lectivo 2008/2009

¹⁸² Alunos e Professora Bebiana Ribeiro - **Lar do Ilhéu e Centros de Dia do Ilhéu, Quinta Grande e Jardim da Serra** - Ano letivo 2009/2010.

¹⁸³ Aluna Maria Ângela Afonseca e Professora Milena Fonseca - **EB1/PE do Lombo do Atouguia** - Ano letivo 2009/2010.

¹⁸⁴ Alunos e Professores: Paulo Bandeira e Patrícia Belo - **Centro Social, Cultural e Paroquial de São Vicente e Centro de Convívio dos Lameiros** - Ano letivo 2009/2010.

¹⁸⁵ Aluna Agostinha - **Centro de Dia do Caniçal** -in *O Mensageiro do Recorrente* Nº 9 julho de 2009, Pág.19

¹⁸⁶ Aluna Fátima Domingos - **Centro Social e Paroquial do Bom Jesus de Ponta Delgada** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº16 abril de 2012, Pág.56.

¹⁸⁷ Aluna Filomena Pão - **Centro Social e Paroquial do Bom Jesus de Ponta Delgada** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº16, abril de 2012, Pág.56.

¹⁸⁸ Aluna Isabel Freitas - **Centro Social e Paroquial do Bom Jesus de Ponta Delgada** in *O Mensageiro do Recorrente* Nº16, abril de 2012, Pág.56.

¹⁸⁹ Aluna Filomena Faria - **Centro Social e Paroquial do Bom Jesus de Ponta Delgada** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº16, abril de 2012, Pág.56.

¹⁹⁰ Aluna Filomena Pão - **Centro Social e Paroquial do Bom Jesus de Ponta Delgada** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº16 abril de 2012, Pág.56.

¹⁹¹ Aluna Mercês Fernandes - **Centro Social e Paroquial do Bom Jesus de Ponta Delgada** in *O Mensageiro do Recorrente* Nº16 abril de 2012, Pág.56.

¹⁹² Alunos e Professor José Cardoso – **Centro Comunitário Lombo do Urzal** – Ano letivo 2010/2011.

¹⁹³ Aluno José Milagres e Professora Cristina Gonçalves – **Centro Social e Paroquial do Bom Jesus de Ponta Delgada** – Ano letivo 2011/2012.

¹⁹⁴ Alunos e Professora Gabriela Freitas – **EB1/PE Santana** – Ano letivo 2010/2011.

¹⁹⁵ Aluna Isabel Freitas e Professora Cristina Gonçalves - **Centro Social e Paroquial do Bom Jesus de Ponta Delgada** – Ano letivo 2011/2012.

¹⁹⁶ Aluno Manuel Morgado - **Lar da Bela Vista** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº14 , julho 2011 Pág. 30.

¹⁹⁷ Alunos e Professora Delta Alves – **EB1/PE Machico**- in *O Mensageiro do Recorrente* nº14 julho 2011, Pág. 30.

¹⁹⁸ Alunos e Professor Raimundo Vasconcelos – **EB1/PE Campo de Baixo** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº14 julho 2011, Pág. 31.

¹⁹⁹ Alunos e Professor Raimundo Vasconcelos – **EB1/PE Campo de Baixo** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº14 julho 2011, Pág. 31.

²⁰⁰ Alunos e Professor Raimundo Vasconcelos – **EB1/PE Campo de Baixo** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº14 julho 2011, Pág. 31.

²⁰¹ Alunos e Professor Raimundo Vasconcelos – **EB1/PE Campo de Baixo** - in *O Mensageiro do Recorrente* nº14 , julho 2011, Pág. 32.

²⁰² Alunos e Professor Raimundo Vasconcelos – **EB1/PE Campo de Baixo** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº14 julho 2011, Pág. 32.

²⁰³ Alunos e Professor Raimundo Vasconcelos – **EB1/PE Campo de Baixo** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº14 julho 2011, Pág. 32.

²⁰⁴ Alunos e Professora Priscilla Pinto - **Santa Casa da Misericórdia de Machico** - Ano letivo 2009/2010.

²⁰⁵ Aluna Agostinha Cecília Vieira e Professora Priscilla Pinto - **Santa Casa da Misericórdia de Machico** - Ano letivo 2009/2010.

²⁰⁶ Alunos e Professora Priscilla Pinto- **Santa Casa da Misericórdia de Machico** - Ano letivo 2009/2010.

²⁰⁷ Alunos e Professora Priscilla Pinto- **Santa Casa da Misericórdia de Machico** - Ano letivo 2009/2010.

²⁰⁸ Alunos e Professora Celina Padrão – **Fundação João Pereira** – Ano letivo 2010/2011.

²⁰⁹ Alunos e Professora Priscilla Pinto- **Santa Casa da Misericórdia de Machico** - Ano letivo 2009/2010.

²¹⁰ Alunos e Professor José Brazão - **EB1/PE do Estreito da Calheta** – Ano letivo 2008/2009.

²¹¹ Alunos e Professora Celina Padrão – **Fundação João Pereira** – Ano letivo 2010/2011.

²¹² Alunos e Professora Celina Padrão – **Fundação João Pereira** – Ano letivo 2010/2011.

²¹³ Alunos - **EB1/PE Machico** – in *O Mensageiro do Recorrente* N° 2 julho 2007, Pág.32.

²¹⁴ Alunos e Professor José Brazão - **EB1/PE do Estreito da Calheta** – Ano letivo 2008/2009.

²¹⁵ Alunos e Professor José Brazão - **EB1/PE do Estreito da Calheta** – Ano letivo 2008/2009.

²¹⁶ Aluna Palmira Macedo e Professora Celina Padrão – **Fundação João Pereira** – Ano letivo 2010/2011.

²¹⁷ Alunos e Professora Celina Padrão – **Fundação João Pereira** – Ano letivo 2010/2011.

²¹⁸ Alunos e Professor José Brazão - **EB1/PE do Estreito da Calheta** – Ano letivo 2008/2009.

²¹⁹ Aluna Celestina Pinto e Professora Priscilla Pinto-**Santa Casa da Misericórdia de Machico**-Ano letivo 2009/2010.

²²⁰ Alunos e Professora Celina Padrão – **Fundação João Pereira** – Ano letivo 2010/2011.

²²¹ Aluna Celestina Pinto e Professora Priscilla Pinto - **Santa Casa da Misericórdia de Machico** - Ano letivo 2009/2010.

²²² Aluna Maria Cecília Santos e Professora Maria Liseta Carvalho - **EB1/PE Madalena do Mar** - Ano letivo 2009/2010.

²²³ Aluna Antónia Filipe e Professora Sofia Almeida - **Lar Santa Isabel/Santa Casa da Misericórdia do Funchal** - in *O Mensageiro do Recorrente* N° 7 julho de 2008, Pág.43

²²⁴ Aluno Luciano Machado Professor Jorge Paulos - **Centro de Segurança Social da Madeira /Estabelecimento Bela Vista** - Ano letivo 2009/2010.

²²⁵ Aluna Maria Libana - **Centro Comunitário da Terceira Lombada** - in *O Mensageiro do Recorrente* N°14 julho de 2011, Pág.29.

²²⁶ Aluna Maria Cecília Santos e Professora Maria Liseta Carvalho - **EB1/PE Madalena do Mar** - Ano letivo 2009/2010.

²²⁷ Alunos e Professora Mariana Neto - **Centro de Dia da Ponta do Pargo** - Ano letivo 2009/2010.

²²⁸ Alunos e Professora Bebiana Ribeiro - **Lar do Ilhéu e Centros de Dia do Ilhéu, Quinta Grande e Jardim da Serra** - Ano letivo 2009/2010.

²²⁹ Aluna Maria Madalena Rentróia e Professora Maria Liseta Carvalho - **EB1/PE Madalena do Mar** - Ano letivo 2009/2010.

²³⁰ Alunos e Professora Mariana Neto - **Centro de Dia da Ponta do Pargo** - Ano letivo 2009/2010.

²³¹ Aluna Maria Rosa Fernandes e Professor José Carvalhal – **Centro de Dia da Quinta Grande/ Centro de Segurança Social de Câmara de Lobos** - Ano letivo 2008/2009.

²³² Aluna Martinha Gomes e Professor José Carvalhal – **Centro de Dia da Quinta Grande Centro de Segurança Social de Câmara de Lobos** - Ano letivo 2008/2009.

²³³ Aluna Antónia Filipe e Professora Sofia Almeida - **Lar de Santa Isabel/Santa Casa da Misericórdia do Funchal** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº 2 julho 2007, Pág.37

²³⁴ Aluna Conceição Andrade - **Casa do Povo da Fajã da Ovelha** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº 5 julho de 2008, Pág.32

²³⁵ Aluna Júlia Vieira - **Centro Comunitário Lombo do Urzal** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº12 dezembro de 2010, Pág. 42.

²³⁶ Aluna Maria Aparecida Jardim e Professora Mariana Neto - **Centro de Dia da Ponta do Pargo** - Ano letivo 2009/2010.

²³⁷ Aluna Maria Aparecida Jardim e Professora Mariana Neto - **Centro de Dia da Ponta do Pargo** - Ano letivo 2009/2010.

²³⁸ Aluna Inês Jardim e Professora Cátia Oliveira – **Centro de Convívio de São Jorge** - Ano letivo 2009/2010.

²³⁹ Aluna Rita Cunha e Professora Milena Fonseca - **EB1/PE do Lombo do Atouguia** - Ano letivo 2009/2010.

²⁴⁰ Aluna Ester Sousa e Professora Milena Fonseca - **EB1/PE do Lombo do Atouguia** - Ano letivo 2009/2010.

²⁴¹ Aluna Maria Gonçalves e Professora Milena Fonseca - **EB1/PE do Lombo do Atouguia** - Ano letivo 2009/2010.

²⁴² Aluna Maria Margarida Carvalho e Professor José Carvalhal –**Centro de Segurança Social de Câmara de Lobos-Lar do Ilhéu** - Ano letivo 2008/2009.

²⁴³ Aluna Inês Jardim e Professora Sara Oliveira – **Centro de Convívio de São Jorge – Santana** - Ano letivo 2008/2009.

²⁴⁴ Aluna Maria Aparecida Jardim e Professora Mariana Neto - **Centro de Dia da Ponta do Pargo** - Ano letivo 2009/2010.

²⁴⁵ Aluna Maria Ângela Afonseca e Professora Milena Fonseca - **EB1/PE do Lombo do Atouguia** - Ano letivo 2009/2010.

²⁴⁶ Alunos e Professor Raimundo Vasconcelos - **EB1/PE Campo de Baixo** - Ano letivo 2009/2010.

²⁴⁷ Aluna Conceição Andrade - **Casa do Povo da Fajã da Ovelha** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº 5 julho de 2008, Pág.28.

²⁴⁸ Aluna Violante Fernandes - **Casa do Povo da Fajã da Ovelha** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº 5 julho de 2008, Pág.28.

²⁴⁹ Aluna Maria Isabel Agrião - **Casa do Povo da Fajã da Ovelha** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº 5 julho de 2008, Pág.28.

²⁵⁰ Aluna Gualdina Silva - **Casa do Povo da Fajã da Ovelha** in *O Mensageiro do Recorrente* Nº 5 julho de 2008, Pág.28.

²⁵¹ Aluna Elisa Ramos - **Casa do Povo da Fajã da Ovelha** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº 5 julho de 2008, Pág.28.

²⁵² Aluna Teresa Gomes - **Estabelecimento Nossa Senhora do Bom Caminho** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº 9 dezembro de 2009, Pág.19.

²⁵³ Alunos - **EB1/PE Jardim do Mar** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº 8 julho de 2009, Pág.34.

²⁵⁴ Aluna Inês Aurea e Professora Sara Oliveira - **Centro de Convívio de S. Jorge Centro de Convívio do Faial Centro de Convívio de Santana** - Ano letivo 2008/2009.

²⁵⁵ Aluna Maria Celeste Rocha e Professor José Carvalho – **Centro de Dia do Ilhéu/Centro de Segurança Social de Câmara de Lobos** - Ano letivo 2008/2009.

²⁵⁶ Aluna Fernanda Azevedo e Professor José Carvalho – **Centro de Dia do Jardim da Serra/Centro de Segurança Social de Câmara de Lobos** -Ano letivo 2008/2009.

²⁵⁷ Aluna e Perpétua Pinto e Professor José Carvalho – **Centro de Dia do Jardim da Serra Centro de Segurança Social de Câmara de Lobos** - Ano letivo 2008/2009.

²⁵⁸ Aluna Maria Celestina Costa e Professor José Carvalho – **Centro de Dia do Jardim da Serra/Centro de Segurança Social de Câmara de Lobos** - Ano letivo 2008/2009.

²⁵⁹ Aluna Maria Conceição Jesus e Professor José Carvalho – **Centro de Dia do Jardim da Serra/Centro de Segurança Social de Câmara de Lobos** - Ano letivo 2008/2009.

²⁶⁰ Aluna Clarinda de Jesus e Professor José Carvalhal – **Centro de Dia da Quinta Grande/Centro de Segurança Social de Câmara de Lobos** - Ano letivo 2008/2009.

²⁶¹ Aluna Isabel Conceição - **Centro de Dia do Caniçal** – in *O Mensageiro do Recorrente* Nº12 dezembro de 2010, Pág.41.

²⁶² Aluna Joaquina Marques - **Centro de Dia do Caniçal** – in *O Mensageiro do Recorrente* Nº12 dezembro de 2010, Pág.41

²⁶³ Alunos - **Centro de Dia do Caniçal** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº12 dezembro de 2010, Pág.41

²⁶⁴ Aluna Nazaré Pinto - **Centro Social e Paroquial do Carmo** – in *O Mensageiro do Recorrente* Nº 12 dezembro de 2010, Pág.41

²⁶⁵ Alunas: Rosa, Rosário e Olga Abreu e Professora Aldina Melo - **Centro Social e Paroquial de S. Bento** - in *O Mensageiro do Recorrente* Nº 12 dezembro de 2010, Pág.30.

²⁶⁶ Alunos: Cecília Andrade; Cecília Costa; Ester Andrade; Júlia Francisco; Maria Agostinha Soares; Maria Celestina Ponte; Maria Esmália Andrade; Maria Gil; Maria Heliadora Martins; Maria Lina Gonçalves; Maria Pia de Jesus; Maria Teodora e Virgínia de Andrade - **Centro Social, Cultural e Paroquial de S. Vicente – Centro de Convívio da Vila**
Alunos Gertrudes Soares; Joana de Ponte; João Andrade; Manuel Mendes; Maria Oliveira; Maria da Encarnação Andrade; Maria Fátima Nunes; Maria Freitas Jesus; Maria

José de Castro; Maria Paixão; Maria Teresa; Maria Teresa Capontes; Teresa de Freitas; Teresa Dinis e Valério Luís - **Centro Social, Cultural e Paroquial de S. Vicente – Centro de Convívio dos Lameiros**
Professoras Ana Abreu e Liliana Pedro - Ano letivo 2008/2009.

²⁶⁷ Alunas Rosa, Rosário e Olga Abreu e Professora Aldina Melo - **Centro Social e Paroquial de S. Bento** - in *O Mensageiro do Recorrente* nº 12 dezembro de 2010, pág. 30.

INDÍCE DE IMAGENS

- Mulher junto da Fonte da Telha, Terreiro da Luta. Aguarela de Max Römer, 1923.....	12
- Mercado do Funchal. Aguarela de Hans Nowack, 1895.....	17
- Piquenique na Quinta do Palheiro Ferreiro. Óleo de Tomás da Anunciação, 1865.....	19
- Indo para o baile. Aguarela de Isabella de França, 1853.....	22
-Trajes madeirenses.....	26
-Traje tradicional.....	58
- Santana. Max Romer.....	112
Azáleas em um jardim. Litografia pintada por Ella Du Cane.....	119
Traje tradicional. Apanhando inhame.....	123
Traje tradicional.....	128
Postal de Max Römer.....	139
Por-do-sol no Funchal .Kenneth Shoesmith....	142
Mercado de Natal no Funchal. Guache Max Römer, 1953.....	146

Bordadeiras da Madeira. Aguarela Max Römer.....	189
Jogo de Cartas, Funchal. Litografia de Frank Dillon.....	217
Funchal. Max Romer.....	222
Max Romer.....	225
Moendo, peneirando e fiando. Litografia R. Ackermann.....	227
The Kiss. Cartão de Boas Festas Max Römer..	242
Barco de cabotagem no calhau da praia do Funchal.Óleo sobre tela, Max Römer, 1928...	245
Sé Catedral do Funchal. Max Römer.....	263
Pescador com peixe-espada na praia do Funchal.Aguarela sobre papel Max Römer, 1945.....	274
<i>Itenerant Musicians</i> (1821). Litografia R. Ackermann.....	277
Trajes tradicionais.....	279
Buganvílias Scarlet. Litografia de Ella Du Cane, 1909.....	284
Interior da Ilha. Aguarela e grafite sobre papel Andrew Picken, 1840.....	296

Bordadeiras da Madeira. Aguarela sobre papel Max Römer, 1945.....	299
Pintura na parede de Max Romer.....	346
